



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE LETRAS - IL**

**DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS - TEL**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

**LINHA DE PESQUISA: LITERATURA E OUTRAS ARTES**

**A POÉTICA HÍBRIDA DA PÓS-MODERNIDADE NOS RAPs  
DE GOG: POETA PERIFERIA**

**EUGÊNIA MIRANDA**

**ORIENTADORA: Profª Drª SYLVIA HELENA CYNTRÃO**

**BRASÍLIA, 19 DE NOVEMBRO DE 2013.**

**EUGÊNIA FRANCISCA DE SOUZA MIRANDA**

**A POÉTICA HÍBRIDA DA PÓS-MODERNIDADE NOS RAPs  
DE GOG: POETA PERIFERIA**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação / Curso de Mestrado do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília – TEL-UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sylvia Helena Cyntrão.

Brasília – DF, 19 de novembro de 2013.

**EUGÊNIA FRANCISCA DE SOUZA MIRANDA**

**A POÉTICA HÍBRIDA DA PÓS-MODERNIDADE NOS RAPs  
DE GOG: POETA PERIFERIA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, do Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL, da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Dra. Sylvia H. Cyntrão (TEL-UnB) – Orientadora  
Presidente da Banca

---

Profa. Dra. Christina Bielinski Ramalho (UFS)  
Examinadora Externa

---

Profa. Dra. Claudia Falluh Balduino Ferreira (TEL-UnB)  
Examinadora Interna

---

Prof. Dr. Augusto Rodrigues Jr. (TEL-UnB)  
Suplente

Brasília/DF, 19 de novembro de 2013.

*À minha mãe, sempre tão Maria, com quem aprendi que “é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana (e sonho) sempre”. (In memoriam)*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer, eis um verbo admirável. Deveríamos render graças todos os dias porque, verdadeiramente, sempre haverá quem nos apoie, conforte, acolha, anime e inspire. Nunca estamos sozinhos e reconhecer os outros nos dá a oportunidade de ver novamente e nesse reconhecimento, a sensação de fazer parte, de sermos importantes, de termos valor ganham contorno e distinção.

Agradeço, então, aos meus alunos do Centro Educacional 04 de Sobradinho II e de forma especial à turma de 2008 que apresentava defasagem de idade em relação à série escolar e ostentava um histórico escolar relacionado a outros dois problemas persistentes no sistema educacional brasileiro: elevadas taxas de abandono e repetência e, logo, baixo rendimento escolar. Esses elementos desafiadores aliados à indisciplina própria do perfil desses alunos não os tornavam muito populares entre os professores. Ninguém os queria, e coube a mim, além de outros dois bravos professores, a incumbência de fazê-los avançar nos estudos. Devo dizer que as dificuldades foram imensas, mas o saldo, no final, positivo. Ensinaram-me tanto, despiram-me de preconceitos e acabaram inspirando este trabalho.

Agradeço também à Prof. Dra. Sylvia Helena Cyntrão pelo acolhimento, pelo olhar atento e pela partilha de conhecimentos e os bons encontros com a canção brasileira.

Aos colegas do PPG pelo convívio estimulante, particularmente à Ludmila, pela amizade e à Maxçuny pela generosidade e disposição que teve para ler este trabalho e contribuir com críticas e considerações todas elas muito pertinentes e sensatas.

Os agradecimentos também são para o Heitor e nossos meninos Hardy: Filipe, Gabriel e Lucas pelo amor, compreensão e os longos treinos de caratê que me permitiram o silêncio e a solidão necessários para a realização desta pesquisa em casa.

Ao amigo Zé, o Homem do Mundo, que mesmo longe geograficamente se faz presente com suas mensagens bem-humoradas, carinhosas, por me ensinar com a sua amizade e postura diante da vida que ela merece ser vivida

intensamente. E à nossa amiga em comum, ME, mulher misteriosa, que a minha alma tosca e simplória nunca conseguiu entender, somente perceber a afeição e o amparo nas horas difíceis assim como nas alegrias sempre compartilhadas juntamente com a Patrícia e regadas com o “cachorro engarrafado” do qual nos dizia Vinícius de Moraes.

Muito obrigada a todos.

## RESUMO

A periferia de Brasília tem voz. Ela ecoa na busca de soluções para seus problemas a partir da crítica da vida cotidiana através das rimas contundentes do rap. Um dos portadores dessa voz tem nome: GOG. Esta pesquisa tem como objetivo analisar literariamente as canções deste que é um dos *rappers* brasileiros mais respeitados e renomados nesse meio cultural, inclusive aclamado como o poeta do Rap Nacional. O trabalho tem como fonte principal as letras das canções selecionadas por ele em seu livro *A rima denuncia*, uma espécie de antologia com 48 letras de raps que abordam diversas fases do artista, além de vídeos e entrevistas disponibilizadas em seu site e outras fontes de pesquisa. A especificidade do rap como uma estética ímpar e inovadora (híbrido de canto com exploração da fala) nos permite identificar uma poesia oral contemporânea que narra com intensidade os infortúnios e os desejos dos que vivem em uma ambiência periférica. No entanto, um olhar cuidadoso às letras mostra que esse universo vai muito além da periferia, e as composições se opõem ao centro (a elite econômica) com um discurso ácido, quase sempre maniqueísta. As análises se pautam pelas teorias de Paul Zumthor sobre poesia oral, Luiz Tatit sobre canção popular, Umberto Eco sobre a interpretação da obra literária e Bakhtin, considerando a relação sócio-histórica e dialógica entre os sujeitos na constituição dos discursos. O intuito é demonstrar que a periferia também faz poesia.

**Palavras-chave:** Rap, poesia oral, hibridismo, performance, GOG.

## ABSTRACT

The outskirts of Brasília has a voice. It echoes in the search for solutions to its problems from the criticism of everyday life through the rap's blunt rhymes. One of the bearers of this voice has a name: GOG. This research aims to analyze the songs literally from this which is one of the most respected and renowned Brazilian rappers in this cultural environment, including he is acclaimed as the poet of the National Rap. The work has as a main source the lyrics of the songs selected by him in his book *The rhyme denounces*, a sort of anthology with 48 letters of raps that address various phases of the artist, as well as videos and interviews available on his website and other sources. The specificity of the rap as a unique and innovative aesthetic (hybrid of singing with exploration of speech) allows us to identify a contemporary oral poetry that narrates with intensity the misfortunes and the desires of those who live in the outskirts ambience. However, a careful look at the lyrics shows that the universe goes far beyond the outskirts and the compositions are opposed to the center (the economic elite) with an acid speech, almost always manichean. The analyses are based on Paul Zumthor's theories on oral poetry, Luiz Tatit on popular song, Umberto Eco in the literary interpretation and Bakhtin considering the socio-historical and dialogic relationship between the subjects in the constitution of discourses. The intent is to demonstrate that the outskirts also writes poetry.

**Keywords:** Rap, oral poetry, hybridism performance, GOG.



## Sumário

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO I.....	27
1.1 Ritmo negro – conexões Jamaica - Bronx-Brasília .....	27
1.2 Sou rapper, sou forte, sou GOG .....	36
CAPÍTULO II .....	44
2.1 Entre rimas marginais da MPB - Música Preta Brasileira .....	44
2.2 Literatura marginal ou divergente? .....	56
CAPÍTULO III .....	65
3.1 A rima denuncia – versos repletos de intenções .....	65
3.2 Poesia do dia a dia da periferia .....	72
3.3 O “eu” periférico .....	75
3.4 A relação de animosidade do “eu” com o “outro” .....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	118
ANEXOS .....	125



(Foto:

Júnior Aragão)

### **Manifesto da Antropofagia periférica**

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor.  
Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros. A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula.  
Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção.  
Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.  
A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.  
A favor do batuque da cozinha que nasce na cozinha e sinhá não quer. Da poesia periférica que brota na porta do bar. Do teatro que não vem do “ter ou não ter...”.  
Do cinema real que transmite ilusão.  
Das Artes Plásticas, que, de concreto, quer substituir os barracos de madeiras.  
Da Dança que desafoga no lago dos cisnes.  
Da Música que não embala os adormecidos.  
Da Literatura das ruas despertando nas calçadas.  
A Periferia unida, no centro de todas as coisas.  
Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.  
Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.  
É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que armado da verdade, por si só exercita a revolução.  
Contra a arte domingueira que defeca em nossa sala e nos hipnotiza no colo da poltrona.  
Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural.  
Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado. Contra o capital que ignora o interior a favor do exterior. Miami pra eles? “Me ame pra nós!”  
Contra os carrascos e as vítimas do sistema. Contra os covardes e eruditos de aquário. Contra o artista serviçal escravo da vaidade. Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada.  
A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.  
Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor. (Sérgio Vaz)

## INTRODUÇÃO

As pesquisas que originaram esta dissertação foram gestadas desde 1994 quando me tornei professora de escolas públicas, optando sempre pelas periferias do Distrito Federal. Involuntariamente, letras de rap invadiam a minha sala de aula por vezes jovens que as entoavam como se elas narrassem suas vidas. E foi assim em muitos anos no magistério sem que eu desse muita importância ao fato. Intrigava-me, contudo, a facilidade com que os alunos gravavam letras “quilométricas”, mas eram incapazes de lembrar o conteúdo da última aula. Por que gostavam tanto daquela estética e não gostavam de poetas ou mesmo cancionistas canônicos? Hoje tenho algumas respostas.

Embora já tivesse ouvido muitas letras de rap nunca as associava aos seus intérpretes. Em 2009, ao ler com os meus alunos<sup>1</sup> o jornal Radcal,<sup>2</sup> percebi que todos se concentravam avidamente na entrevista do rapper GOG e ficaram surpresos por eu desconhecer-lo. Nela, o artista discorria sobre poesia, a importância do rap em sua vida, o lançamento de seu livro, sua aversão às drogas e até propunha uma “pedagogia revolucionária” para a escola pública, além de reforçar a importância da família na formação dos jovens.

O universo conspirava. Neste mesmo ano, conheci pessoalmente o artista no programa de televisão Antena Parabólica realizado por alunos do Centro de Ensino Médio 01 de Sobradinho – o Ginásio. Levei os meus alunos a convite do professor-coordenador do projeto e percebi, pelo discurso politizado, um diferencial em relação à produção de outros rappers, pois ele não incitava a violência, não empregava palavrões e, sobretudo, impingia nos jovens mudanças de atitudes, alertando-os sobre o bom caminho a percorrer em suas vidas.

A partir dessas experiências surgiram indagações, inquietações sobre a intensidade da expressão poética das letras de rap, focando-me sempre no trabalho de GOG. Daí o problema que orienta esta pesquisa, qual seja: que

---

<sup>1</sup> Alunos do Projeto de Correção de Fluxo Escolar da Secretaria de Educação com defasagem idade-série.

<sup>2</sup> Produzido pela Fundação Athos Bulcão, o Jornal Radcal é feito por e para jovens de Brasília. O jornal em questão é o nº 28, ano XIII.

sentidos produzem a música e a expressão literária de GOG, sua fala, sua *performance* e a intertextualidade presente em suas letras?

Acredito que escrever sobre um artista tão exponencial para o Rap Nacional e, ainda, originário de Brasília tenha uma relevância acadêmica, sobretudo como estudo literário, apesar de ter ouvido algumas vozes dissonantes afirmarem que o tema jamais seria aceito por uma universidade séria como a UnB.

Estavam enganados. Desta forma, inseri-me no Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) com a linha de pesquisas “Literatura e outras artes”, que envolve estudos sobre literatura e as demais manifestações artísticas, em processos de intersemiose, hibridação, dialogismo e intermedialidade.

Como analisar a palavra poética cantada, como analisar o som? É certo que desde épocas remotas a poesia nasceu para ser cantada com o apoio de instrumentos musicais, do teatro, da dança e para ir sempre em direção às ruas para ser ouvida na multidão. A união entre música e poesia foi desfalecendo com o tempo, sobretudo quando a escrita se sobressaiu sobre a oralidade, acentuando essa distância. Esta questão é nítida na voz de Sant’Anna:

Difícil é demarcar  
O limite, o dia, o instante  
Em que o homem  
De seu canto se destaca.  
O limite, o dia, o instante  
Em que o homem se desfaz  
Da imponderável música-novelo-e-ovo  
E configura-se no gesso,  
E do que era um homem-canto  
Emerge um homem texto (SANT’ANNA, 1975, p. 159).

A canção popular, em suas diversas variantes, tem matizes profundos a partir dos versos entoados pelos trovadores da Idade Média na Europa. Todavia, seria muito redutor pensar sobre o assunto somente sob o prisma eurocêntrico. Essa noção centralizadora, unânime e universal não dá conta da complexidade e diversidade da canção popular.

Voltemos os olhos à África. Ela, por ser o continente menos desenvolvido do planeta em termos capitalistas e de desenvolvimento humano, pode ser considerada uma das periferias do mundo por ter sido explorada há

séculos pelas potências mundiais. O envio de escravos para o resto do mundo e a maneira como estes sobreviviam no além-África influenciaram de modo definitivo a música ocidental, dando origem a diversos ritmos como o blues, o jazz, o samba, a salsa, a rumba. Sem a colaboração da cultura negra no ocidente, sem a vinda da música africana em estado puro, não haveria também o rock, a bossa nova, o reggae, o rap e a maior parte da música popular hoje escutada na metade do planeta. Tatit (2006) nos alerta:

Não nos preocupemos com a canção. Ela tem a idade das culturas humanas e certamente sobreviverá a todos nós. Impregnada nas línguas modernas, do ocidente e do oriente, a canção é mais antiga que o latim, o grego e o sânscrito. Onde houve língua e vida comunitária, houve canção. Enquanto houver seres falantes, haverá cancionistas convertendo suas falas em canto. Diante disso, adaptar-se à era digital é apenas um detalhe. (*op.cit.*).

Ao falar sobre a presença do rap como expressão musical, o fundador do Hip Hop, Afrika Bambaataa (apud Salles, 2007, p. 26) confirma o argumento acima de Tatit, apesar de extrapolá-lo: “O rap sempre esteve aqui, desde quando Deus falou com Adão,/ Moisés e os profetas. Ele cantava rap para eles. (...) Mesmo Shakespeare já rimava e cantava rap na sua época. /Assim, o rap sempre esteve aqui.”.

Para Tatit (2004) a canção “renasce toda vez que se cria uma nova relação entre melodia e letra” e, apesar de se assemelhar à fala cotidiana, distingue-se pela efemeridade do uso desta, entretanto, o elo entre melodia e letra é permanente.

Ainda segundo Tatit (2007), o rap, por ser uma canção quase pura que não camufla a sua origem verbal, despojada dos afetos normalmente associados à linha melódica e, ainda, ao se dedicar aos conteúdos referenciais, como denúncias, protestos e relatos, neutraliza muito os percursos melódicos ou passionais para que se preste atenção ao conteúdo da fala.

Assim, com a melodia quase totalmente minimizada e com as reiterações típicas da canção em segundo plano, abre-se caminho para uma linguagem mais objetiva.

Não nos cabe fazer aqui um recuo histórico extenso da identidade entre música, poesia e fala, resta-nos apenas demonstrar que a canção contém um

forte poder de comunicação, principalmente quando se difunde pelo universo urbano, alcançando ampla dimensão da realidade social, o que lhe possibilita conhecer melhor ou revelar histórias deste cotidiano. Conecta-se a isto a declaração de Canclini, segundo a qual: “A matéria da cultura é, justamente, a questão do sentido.” (CANCLINI, 2007, p. 264). Assim sendo, o rap, como canto popular de raiz africana, por sua métrica própria, pode ser encarado como uma rica fonte para se compreenderem certas realidades da cultura suburbana e se desvendarem as histórias desse setor da sociedade quase sempre renegado pelo poder público.

O termo rap, a conjugação das palavras inglesas *rhytme and poetry*,<sup>3</sup> nos dá a dimensão de seu aspecto artístico. Canto acelerado marcado por uma batida rápida e letra em formato de discurso, prezando-se mais a fala à melodia, com dicção forte, rotunda, firme e viril de seu intérprete, legitima em suas rimas a expressão cultural dos moradores suburbanos. A *performance* do *rapper* é em si um ato simbólico em que ele, ao revelar em suas canções o repúdio contra o poder estabelecido, age como verdadeira arma junto, ao seu público, que ao ouvi-lo afirma a sua existência, pois se identifica com a voz que canta a exclusão em que vive. Apoiado no modelo do poeta oral de muitos séculos passados, os *rappers* retratam as angústias dos oprimidos pela classe dominante e esperam educá-los com a sua mensagem.

Como manifestação estética e cultural, o rap possui diversas vertentes. Há, por exemplo, o que louva a Deus ou dissemina a violência, que estimula o uso de drogas e incita o crime, veiculando essa mensagem com uma linguagem vulgar recheada de palavras chulas ou aquele feito para dançar; todavia, nenhuma delas será objeto deste estudo. Não falaremos de qualquer rap, há que se fazer uma distinção. Falaremos de GOG.

O poeta nasceu Genival, Genival Oliveira Gonçalves. Um dos precursores do rap em Brasília, ganhou a alcunha e nome artístico de GOG,

---

<sup>3</sup> À primeira vista a sigla rap pode ser considerada um neologismo popular do acrônimo *rhyme and poetry* (ritmo e poesia), porém, o significado da palavra não é um acrônimo em si, mas descreve uma fala rápida que precede a forma musical. A palavra rap é usada no Inglês britânico desde o século XVI, e significando "say" ("dizer", ou "falar", "contar o conto"). Ela fazia parte do Inglês vernáculo afro-americano nos anos de 1960, significando "conversar", no seu uso atual, denota o estilo musical. Quando um vendedor utiliza uma "falação" para vender o seu produto, pode-se dizer que esta "falação" é o "rap" dele. Usado como em "*that's his rap*" (ou "*that is my rap*"), significando: "Este é o papo dele" (ou "meu papo"). O rap, neste exemplo, é a "ideia que alguém quer lhe vender"; a "explicação", em si; o "papo.". (Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rap>. Acessado em 10 de setembro de 2013).

acrônimo de seu nome e a antonomásia de poeta do Rap Nacional. Na voz do próprio poeta:

1.9.8.1. eu ainda me lembro:  
G.O.G era só Genival,  
Funk, soul e tal, se iniciando  
No Rap Nacional.

Quanto mais eu batia, as portas se fechavam.  
Quanto mais ligava, nem aí estavam.  
Decidi: vou fazer minha própria trilha,  
Representar de coração  
A Periferia de Brasília. (GOG, 2012, p.238).

Reivindicando, através de um discurso contundente e questionador, o encargo de apregoar as condições precárias em que vivem as periferias de Brasília, ele revela, com seu estilo poético e postura politizada, a difícil vida nessas localidades, a situação de exclusão a que são submetidos por serem pobres, negros e estarem à mercê de toda (má) sorte de violência e carência de infraestrutura que os circundam. Ele é o próprio “artista-cidadão” de que nos fala Sérgio Vaz no manifesto que abre este trabalho: “Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades.”. Ou seja, sua poesia revela com intensidade a falta de ação do poder público nessas comunidades. E mais: é uma arma de conscientização dessas populações. O que nos faz lembrar Benjamin ao associar a imagem do poeta (Baudelaire) aos conspiradores, aos heróis que defendem as suas convicções e enfrentam a desordem existente na sociedade a partir da ótica dos despossuídos: “Baudelaire (...) reconhece no proletário o lutador escravizado” (BENJAMIN, 1989, p. 74).

Conforme Canclini (2007) “cada forma de privação associa-se a formas de pertencimento, posse ou participação. Portanto, partir de processos de oposição é, como o são a diferença, a desigualdade e a desconexão, a escolha necessária de um pensamento crítico, não conformista.” (CANCLINI, 2007, p.99/100).

As letras dos raps, apesar de terem conquistado espaços em comunidades além-periferia, ainda são consideradas por alguns intelectuais<sup>4</sup> como uma estética menor, com pouco valor literário. Canclini (2007), citando Bourdieu, ao falar dos setores populares, sustenta que eles se guiam por “uma estética pragmática e funcionalista”:

(...) as práticas populares são definidas e desvalorizadas, mesmo por esses setores subalternos, tendo como referência, o tempo todo, a estética dominante, a dos que saberiam de fato qual é a verdadeira arte, a que pode ser admirada de acordo com a liberdade e o desinteresse dos ‘gostos sublimes’. (CANCLINI, 2008, p. 42).

No entanto, Chico Buarque, um dos artistas mais cultuados da nossa MPB, em entrevista para o jornal *O Estadão*<sup>5</sup> fala sobre o flerte que teve com o gênero rap em suas canções como “Olê Olá” (2005) e “Ode aos Ratos” (2006):

Essa enxurrada de *revivals*, compilações, de revivência de músicas do século passado, talvez seja sintoma de que hoje não é mais necessário fazer músicas novas. E talvez também o rap seja uma negação desse formato de música. Não sei se é. No caso de “Ode aos Ratos”, desde o começo disse que essa música ia entrar no disco. Tinha a ideia de introduzir um elemento novo. E tinha pensado num rap. Mas eu não soube fazer direito e depois comecei a ficar duvidando um pouquinho dessa ideia. Já via muito rap utilizado em comerciais e não sei quê, talvez não fosse uma boa ideia, mas era. Aconteceu que na tentativa de fazer o rap, surgiu a embolada. É parecido, só que tem melodia, mas tem o ritmo dos fraseados, as rimas internas, as aliterações, é meio um pouco Jackson do Pandeiro. Foi interessante isso, aí cobri esse buraco, achei que podia continuar cantando e experimentei isso no estúdio. O Rodrigo (de Castro Lopes), que é o engenheiro de som, sugeriu colocar aquela distorção na voz, que parece som de radinho de pilha. Eu gostei do efeito e tal.

Em 2011, em resposta à pergunta feita a ele pela revista *Rolling Stone*<sup>6</sup> sobre quem cumpre o papel de crítica social naqueles dias, o artista declarou que:

Todo o rap que se faz aqui no Rio e em São Paulo é fortemente de crítica social. Eles fazem isso muito bem, com propriedade, falando

---

<sup>4</sup> O maestro e membro da Academia Paulista Júlio Medaglia, por exemplo, nega, com um discurso elitista, o rap como arte, como música. Ver a entrevista concedida à TV Cultura, no programa *Provocações* disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/provocacoes/provocacoes-recebe-o-maestro-julio-medaglia-bloco-2->>. Acessado em 19 de novembro de 2013.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/arquivo/artelazer/2006/not20060506p4091.htm>>

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-61/entrevista-rs-chico-buarque>>



dos problemas locais da comunidade. Falam muito de uma maneira que eu não saberia abordar. Nem me cabe, me sinto até excluído desse mundo. É direto, não há metáforas, não há censura. Vão direto ao ponto. Eu me sinto até um pouco intruso nesse meio.

Outros ícones da MPB, como Gilberto Gil e Caetano Veloso, também se renderam ao gênero no disco *Tropicália 2* (1993) com a música “Rap Popcreto”. Arnaldo Antunes, em entrevista ao *Estadão*, em 2009<sup>7</sup>, por exemplo, diz escutar rap e:

Gosto de acompanhar. Admiro o trabalho dos Racionais, do Ferrez, que é o meu parceiro, além de outros. Acho que o rap contamina uma boa camada da música que se faz no Brasil. Com a sua inflexão, sua cadência rítmica. E isso é o mais interessante da música brasileira: poder atritar as diferentes informações.

Bhabha (2010) sugere que aprendemos lições “duradouras de vida e pensamento com aqueles que sofreram o sentenciamento da história – subjugação, dominação, diáspora, deslocamento”, além da convicção de que formas culturais não-canônicas nos forçam a encarar o conceito de cultura exteriormente aos *objets d’art* ou para além da canonização da ‘ideia’ de estética, a lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor.” ( p. 240).

GOG, assim como outros *rappers*, vem vencendo esse convencionalismo ao revelar em seu trabalho uma postura inteligente e contestadora, despontando como um pensador articulado que vê na palavra um instrumento de mudança, de ação contra a invisibilidade e de formação dos excluídos.

É preciso destacar que os seus versos são esteticamente construídos com um olhar de quem está inserido no contexto periférico, ou seja, ele não é um mero espectador, mas é alguém com a visão de que sabe sobre o que fala e conhece as dificuldades de se viver em locais esquecidos pelo Estado. Ao ser ouvido, ele influencia os jovens da periferia, alertando-os sobre a necessidade de se discutir a ideologia excludente, de situações aparentemente já assimiladas e aceitas, de se fazer visível. Não é o outro que fala por ele, mas

---

<sup>7</sup> (Disponível em: < <http://www.noticiario-periferico.com/2009/09/arnaldo-antunes-fala-sobre-rap-ao.html>>). Acessado em 30 de agosto de 2013.

ele que se descobre dono de uma voz que discursa e reproduz a sua própria realidade, legitimada pela canção.

GOG nomeia as periferias de Brasília homenageando a cultura de quem as representa e as apresenta em suas canções para denunciar, informar, conscientizar o público jovem, mas também para entreter, já que nestas localidades os jovens são quase sempre privados de formas de lazer:

Eu ligo o som lá em casa, é inevitável,  
A molecada vem de todos os lados,  
(...)  
E, nesse entra e sai, vai e vem,  
Todos se divertem  
E alguns até esquecem que  
Às quatro e meia da matina,  
A rotina se inicia: arroz, feijão na marmitta fria.  
(...)  
Eu ligo o som lá em casa logo muda o astral,  
A molecada chega e esquece o medo do mundo brutal,  
Viajando na ideia do bom som nacional  
Que aponta um ideal e nos qualifica. (“Dia a dia da periferia”. In: op.cit., p. 52).

Essa poesia oral, plena de especificidades, é um mix de ritmos que, como manifestação cultural, possui uma identidade étnica e social que o diferencia de outros estilos musicais, pois rap é, ao mesmo tempo, fala, canção, poesia do espaço urbano marginalizado sob uma base musical, um ritmo negro. O entendimento a respeito desta poeticidade contemporânea no Brasil é significativo para se compreender esse lugar de produção, ou seja, o meio que o contextualiza, que define a sua própria linguagem, institui os seus temas. Como estética, o rap é um extraordinário portador de distinções, que traz em si relações de poder, padrões de cultura e índices sociais.

Zumthor (1997) oferece apontamentos fundamentais para se pensar a poética do rap que tem a voz/fala um elemento primordial que a distingue de outras canções:

A enunciação da palavra ganha em si mesma valor de ato simbólico: graças à voz ela é exibição e dom, agressão, conquista e esperança de consumação do outro; interioridade manifesta, livre da necessidade de invadir fisicamente o objeto de seu desejo; o som vocalizado vai de interior a interior e liga, sem outra mediação, duas existências.(ZUMTHOR, 1997, p. 14-15)

No mesmo sentido Bakhtin (1981) diz:

Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN, 1981, p. 113).

Zumthor percebe a poesia além de um conjunto de textos poéticos, com as ações do corpo, dos gestos e do meio. A função da voz no rap, além de enfatizar o ritmo, integra intérprete e público no momento da sua atuação, ajustados pela realidade a que pertencem. Segundo Zumthor (2007), de maneira paradoxal, a *performance* não pode ser considerada propriamente signo, mas exige codificação. “A análise da *performance* revelaria assim os graus de semânticidade; mas trata-se, antes, de um processo global de significação.”(ZUMTHOR, 2007, p. 75). Já o texto escrito reivindica a sua semioticidade, principalmente o poético, que nos desperta a consciência de estarmos no mundo.

Zumthor relaciona a interatividade do emissor com o receptor numa manifestação artística, conceituando o intérprete como “o indivíduo de que se percebe, na *performance*, a voz e o gesto, pelo ouvido e pela vista” (ZUMTHOR, 1997, p.225) e o ouvinte como aquele que possui dois papéis: o de receptor e de coautor. (*IBIDEM*, p.242). Ambos estão em simbiose.

Zumthor acredita que o papel do intérprete supera em importância o do compositor, pois é o seu desempenho que propiciará reações auditivas, corporais, emocionais no ouvinte. No caso de GOG não há a sobreposição de um sobre o outro, já que ele é autor e intérprete de suas próprias produções, isto é, ele é o responsável pela intensidade da sua forma de expressão ao disseminar seu texto poético na interação intérprete, texto e ouvinte sempre com o auxílio das mixagens e arranjos musicais.

A *performance* numa apresentação de rap prescinde de formação musical convencional, dependendo exclusivamente da capacidade do *rapper* de vocalizar a sua mensagem com a força política e ideológica que se espera desse gênero. Na atuação performática de um *rapper* se abre um diálogo nada amistoso intraculturais: da periferia distante geograficamente e socialmente das classes hegemônicas e o preconceito com que estas abstraem aquela.

Para compreender a estética literária do rap nas letras, na musicalidade e na atuação do *rapper* GOG, consideraremos os conceitos de Umberto Eco, um dos principais teóricos a assentar o problema da interpretação da obra literária, deslocando-a da relação autor-texto para a relação texto-leitor, destacando o papel ativo e criador do leitor (leitor-modelo) na interpretação de um texto literário. Essa interpretação acontece tendo em vista o mundo possível de um texto e o léxico nele empregado. Ela é limitada pela oposição entre a intenção do autor (*intentio auctoris*), o que o leitor encontra em relação ao seu próprio sistema de significação (*intentio lectoris*) e a intenção da própria obra (*intentio operis*).

O limite da interpretação na especificidade da *intentio operis* se dá em seu conjunto, ou seja, um texto é validado no momento em que o leitor, ao interpretar suas partes, as confirma em outras partes do texto e em seu todo. A esse processo Bakhtin denominou dialogismo, considerando que a “palavra permanece no diálogo contínuo, no qual ela será ouvida, respondida e reapreciada.”. (BAKHTIN, 2011, p. 356).

Eco ainda nos lembra que: “o texto interpretado impõe restrições a seus intérpretes. Os limites da interpretação coincidem com os direitos do texto (o que não quer dizer que coincidam com os direitos de seu autor)”. (ECO, 1993, p. XXII).

A análise desse trabalho parte do recorte feito pelo próprio artista em sua trajetória e evolução no rap brasileiro, na compilação de suas canções, gravadas desde 1992 até 2009, no seu livro *A rima denuncia*, além de entrevistas dadas pelo poeta em diversas mídias sobre a sua obra.

É preciso reconhecer que, pelas características híbridas de fala/canto do rap, o primeiro problema dessa investigação é lidar com os códigos e a linguagem musical. Os sons, como objetos imateriais, apesar de reais, são carregados de características subjetivas, afetivas, e é assim que proporcionam as mais variadas relações simbólicas entre eles e as sociedades. Essa condição excessivamente subjetiva é uma dificuldade que deve ser considerada por não ser o foco da área de conhecimento em que me concentro, portanto, será apenas tangenciada. Primeiramente, porque a música, além de seu estado de imaterialidade, atinge os sentidos do receptor (ZUMTHOR, 2007), e, conseqüentemente, atingindo o universo da

sensibilidade, da fruição pessoal, é difícil de ser avaliada. É certo que a canção também assume inevitavelmente a singularidade e características especiais próprias do autor e de seu universo cultural. E, finalmente, o receptor faz sua releitura da obra, às vezes trilhando caminhos inesperados para o criador. (ECO, 1993). No entendimento de Cyntrão:

No caso da melodia, esta empresta, inegavelmente, uma dimensão nova à palavra escrita, sublinhando seu sentido por meio dos intervalos melódicos, das harmonias e dos timbres. Assim, a leitura independente da letra de uma canção pode provocar impressões diferentes das que provoca sua audição, mas torna-se válida se é definida como tal: uma leitura. (CYNTRÃO, 2004, p.121).

Os raps de GOG serão considerados enquanto textos, nas formulações poéticas inscritas em suas canções, embora considerando que as inflexões da voz, os diálogos durante a interpretação, as colagens musicais e a movimentação do corpo concedam muitas indicações e significações ao gênero musical. Por isso, para compreender a poesia do rap, é necessário entender a sua forma toda especial, pois ela é para ser falada com ritmo: “Na boca do intérprete, o que a linguagem corrente denomina dicção constitui uma retórica da voz, maneira de o falante colocar a poesia ao mesmo tempo em que ele se coloca no bojo da comunidade daqueles que o escutam” (ZUMTHOR, 1993, p.166).

Além disso, o híbrido, no conjunto dos textos analisados, reside na aproximação entre o lírico e o ensaístico (a crônica), o que confere uma dimensão autoral ao corpus. O ponto de vista do poeta, a sua maneira de ver o mundo, implicam a forma como os acontecimentos atuam sobre ele e, depois, sobre o leitor/ouvinte. O ritmo rápido e o conteúdo visceral do cotidiano no conjunto dos raps, com as circunstâncias que decorrem da vida em sociedade, além da presença intensa do autor como sujeito ativo que dialoga permanentemente com o seu interlocutor, são características ensaísticas que aproximam as letras de rap do gênero crônica, daí o hibridismo presente nesta relação.

A crônica, segundo (MELO, 2003, p. 148), configura-se na “feição de relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a

narração literária”. Seus aspectos fundamentais, segundo o autor, são a “fidelidade ao cotidiano” e a “crítica social”.

Lourenço Diaféria, apud Melo (2003), enviesa-se no mesmo sentido:

(... A crônica serve para mostrar o outro lado de tudo – dos palanques, das torres, dos eclipses, das enchentes, dos barracos, do poder e da majestade. (...) A crônica é a lágrima, o sorriso, o aceno, a emoção, o berro, que não têm estrutura para se infiltrar como notícia, reportagem, editorial, comentário ou anúncio publicitário no jornal. E, contudo, é um pouco de tudo isso. (MELO 2003, p. 162).

Cândido (1992, p.13-22), ao fazer o percurso histórico da crônica brasileira aponta as especificidades do gênero e menciona aqui algumas: a) uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural; b) a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas; c) em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada; d) amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas; e) ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo que ela não dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios; f) na crônica parece não caber a sintaxe rebuscada, com inversão frequente; nem o vocabulário “opulente”; g) o seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, isto, é de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo; h) as crônicas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social; i) há crônicas que são diálogos, outras parecem marchar rumo ao conto, nalguns casos o cronista se aproxima da exposição poética ou certo tipo de biografia lírica.

Sá (1985) reporta-se à crônica mostrando a sua aproximação com a oralidade e o diálogo entre o cronista e o leitor. Para o autor:

O dialogismo, assim, equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como o elemento provocador de outras visões do tema e subtemas que estão sendo tratados numa determinada crônica, tal como acontece em nossas conversas diárias e em nossas reflexões, quando também conversamos com um interlocutor que nada mais é do que o nosso outro lado, nossa outra metade, sempre numa determinada circunstância. (SÁ, 1985, p. 11).

Aos trinta anos de carreira, GOG lançou seu décimo disco, *ISO 9000 do Gueto*, em julho de 2012, que, em função do recorte anterior deste projeto, não será incluído no presente trabalho; portanto, o corpus desta análise se dará com sua produção de 1992 a 2009. A intenção do rapper era disponibilizar em seu site faixas das músicas para *download*, da mesma forma que fez no disco antecedente – *Cartão Postal Bomba!*, todo ele lançado pela internet. Essa forma de divulgação e distribuição pela autogestão reforça a interação com o seu público, porém seu site foi invadido por *hackers* e está fora do ar, tornando essa via indisponível momentaneamente. Caso se torne possível o acesso durante a escritura das análises, a ele retornarei.

GOG é avesso às grandes mídias televisivas pela ideologia excludente que, segundo o artista, reforçam a manutenção da ordem vigente, por ser tendenciosa na medida em que fortalecem preconceitos, pela visão apenas de obter lucro com o que veiculam. Benjamin nos lembra que “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie.” (BENJAMIN, 1994, p. 225). Essa tendência do artista encontra os preceitos revelados pelos versos do “Manifesto da Antropofagia periférica” de Sérgio Vaz:

Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção.  
Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.  
(...)  
Contra a arte domingueira que defeca em nossa sala e nos hipnotiza no colo da poltrona.

Firme em suas ideologias, o *rapper* declinou todos os convites para se apresentar na Rede Globo de televisão<sup>8</sup>, além de abominar as fortes marcas dos produtos Coca-Cola e Nike que patrocinam esta mídia. Ele também

---

<sup>8</sup> GOG foi convidado a participar do Programa Som Brasil na TV Globo em homenagem a Adoniran Barbosa em 2010. Na ocasião não aceitou o convite. Esse foi o 4º convite recebido pela emissora e declinou o chamado. Por ocasião de um show em São Paulo em 2009, o artista afirmou: “Eu não vou à Rede Globo, aliás, eu até poderia ir (...) eu quero dizer para a Rede Globo o seguinte: o dia, Rede Globo, que vocês passarem o Telecurso de 1º e 2º Grau às 5 da tarde e às 8 da noite e vocês tirarem pelo menos duas novelas da programação eu vou lá”. Mesmo se negando, em março de 2010, o Jornal da Globo fez menção ao seu trabalho ao lado de Lenine e citou outras canções sobre os escândalos de corrupção da cidade em uma reportagem sobre os 50 anos de Brasília. O depoimento completo do show pode ser obtido no endereço: <[http://www.youtube.com/watch?v=vabp\\_gkK3d8](http://www.youtube.com/watch?v=vabp_gkK3d8)> e a reportagem do JG: <<http://www.youtube.com/watch?v=wntlqmvEzIs>> Acesso em 20 de julho de 2012.

participa do movimento Música para Baixar<sup>9</sup> e disponibiliza gratuitamente suas músicas pela internet para quem quiser fazer *download*. Para ele o caminho é a autogestão:

O Hip Hop não é uma música que toca nas rádios oficiais. Por isso, acho que o caminho do Hip Hop é a autogestão: nós fazemos nossos próprios jornais, fazemos nossas próprias roupas, caminhamos trabalhando nossos próprios espaços. E, claro, dialogar com os outros, com quem respeita nosso trabalho. Nem todos respeitam. Tem gente que pensa que o rap não é música.<sup>10</sup>

Esse é o sujeito que me interessa dissecar através da estética dos seus raps, aqui decididamente entendida como um fenômeno pós-moderno/hipermoderno, conforme as concepções de Hobsbawm (1995), Lyotard (1998), Lipovetsky (2004) segundo as quais demarcam uma época abalada pelo domínio do individual sobre o universal, a diversificação dos gostos, o indivíduo que se realiza através do consumismo exacerbado e assim tende a cair em um vazio existencial que desemboca na indiferença e na apatia. Segundo Lipovetsky (2004, p. 53) vivemos na era do hiper: “Hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto – o que mais não é hiper? O que mais não expõe uma modernidade elevada à potência superlativa?”.

Por este viés se afigura a epígrafe com os versos do “Manifesto da Antropofagia Periférica” de Sérgio Vaz<sup>11</sup>, preceitos que resumem e norteiam toda a poesia de GOG e, conseqüentemente, dão o tom desta pesquisa. O manifesto é uma clara referência ao texto de Oswald de Andrade, de 1928, em que a periferia antropofagicamente ao atingir uma cultura que lhe é estranha - a

---

<sup>9</sup> MPB – Música para baixar é o movimento encabeçado por artistas, produtores, ativistas da rede e usuários da música em defesa da liberdade e da diversidade musical que circula livremente em todos os formatos e na Internet. Eles contestam a atual indústria fonográfica, sendo a favor da flexibilização do direito autoral, consideram ainda que quem baixa música não é pirata, mas divulgador de trabalhos musicais.

<sup>10</sup> Entrevista dada à Ação Educativa em 28 de março de 2012. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/index.php/cultura/43-ponto-de-cultura/10004338-o-caminho-do-hip-hop-e-a-autogestao-defende-o-rapper-gog>>. Acessado em 14 de novembro de 2012.

<sup>11</sup> Amigo de GOG é um dos fundadores da Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa) que se reúne semanalmente em um bar na zona sul de São Paulo, onde realiza um famoso sarau. Idealizou a Semana de Arte Moderna da Periferia, que aconteceu de 4 a 11 de novembro de 2007 e reuniu vários coletivos culturais, de diferentes expressões artísticas que se identificam com esse movimento mais amplo que vem sendo chamado de cultura de periferia.



culta, hegemônica, do centro – a abocanha, transforma-a a partir das experiências cotidianas dos artistas periféricos, unidos pelo amor, pela dor e pela cor. E:

Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo para todos os brasileiros. A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. (...)

Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala. Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala. (Porque) A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

Uma dessas vozes terá o perfil biográfico levantado no primeiro capítulo **Ritmo africano – Conexões Jamaica-Bronx-Brasília**, como GOG é um dos pioneiros do Rap Nacional, a gênese do movimento será situada concomitantemente com os passos de sua trajetória como pessoa e artista.

No capítulo **Entre rimas marginais da MPB - Música Preta Brasileira**, a intenção é discutir as vertentes e os engendramentos do rap que tem no hibridismo a sua essência e também analisar as interfaces dessa estética em sua simbiose com a Literatura marginal e divergente.

O terceiro capítulo **A rima denuncia – versos repletos de intenções** concentra as análises de contestação social, política e cultural presentes nos raps de GOG, voz que fala pela periferia através da poesia das suas canções. O levantamento de sua obra permite observar um espírito libertário e transformador dos fatos que o rodeiam. Seu trabalho é um documento vivo, expressivo de um poeta, homem comum, que deseja transformar a realidade que o circunda, os conceitos e preconceitos em torno da periferia e da cultura que dela elide. A teoria bakhtiniana da enunciação sustentará a investigação proposta já que, através da palavra como signo dialético e ideológico voltado ao dialogismo, à alteridade, há um movimento de reconhecimento pela relação com o outro, possível de ser observada pela poesia como voz do imaginário coletivo.

A percepção do texto poético de GOG se fará, portanto, no sentido de se buscar a ideologia nos signos linguísticos mobilizados, conforme compreensão de Cyntrão (2004, p. 12), pelas “estruturas psicológicas e sociológicas

significadas em sua semântica” e que “emergem do processo de interação entre uma consciência individual e outra, e a construção do objeto poético (a qual) subordina-se à verdade do sujeito e do grupo”. A semiótica de Umberto Eco será o marco teórico que fundamentará esta pesquisa, mas não só. Partiremos dos textos das canções de GOG e utilizaremos, para a construção dos argumentos, uma diversidade de autores, pensadores de tempos e espaço também diversos que se debruçaram sobre ideias que embasam os assuntos tratados pelo poeta.

# CAPÍTULO I

## 1.1 Ritmo negro – conexões Jamaica - Bronx-Brasília

GOG, filho de Dona Sebastiana Oliveira Batista e Seu Genésio Gonçalves Batista, é o segundo filho de uma família de três irmãos. Seus pais, pessoas simples, o incentivaram a ter “amor pelas pessoas e pelas palavras” (GOG, 2010, p.7). Ele nasceu na cidade de Sobradinho, localizada na periferia de Brasília, em 1965, quinze dias depois da chegada dos seus pais, vindos do extremo sul do Piauí, da cidade de Gilbués onde trabalhavam em terras arrendadas.

Uma década antes do nascimento de GOG, nos guetos de Kingston, na Jamaica, um movimento cultural e econômico eclodia: os *Sound-systems* (sistemas de som). Ele é o precursor das atuais *pick-ups* dos DJs<sup>12</sup>, inspirou o movimento Hip Hop e é considerado como uma parte importante da história cultural jamaicana. Seu conceito tornou-se popular quando promotores de festas chamados DJs equipavam caminhões com gerador, amplificadores de som e enormes alto-falantes e promoviam festas ao ar livre. No início tocavam blues americano, mas com o tempo progrediram adicionando um sabor mais local às apresentações.

Os *Sound-systems* eram um grande negócio para o DJ (promotor da festa, o *Disc-Jockey*) que lucrava vendendo bebidas alcoólicas e comida para milhares de pessoas que compareciam ao evento.

No Brasil, aos cinco anos, GOG era alfabetizado com livros de Cecília Meireles pela mãe - agora professora concursada e formada em Letras por uma faculdade particular de Brasília, aos 57 anos. Ela sempre foi um exemplo para GOG, e mesmo após ter concluído os estudos primários em Gilbués continuou a frequentar a única escola da cidade (que só disponibilizava esse nível de formação) para não abandonar os estudos. Com o pai, GOG reforçava

---

<sup>12</sup> *Disc- Jockey* – em sua origem animava festas de rua na Jamaica. Nos EUA era a pessoa que selecionava e determinava a ordem em que seriam tocados os discos em programas musicais das rádios. *Disc* é propriamente dito, a gravação, e *jockey*, é operador de máquina. Portanto, ele é a pessoa que manipula as *pick ups*, põe a música para tocar na máquina ao invés de tocá-la com instrumentos musicais.

o aprendizado das letras em competições de ditados momento em que o menino Genival concorria com os primos mais velhos. A família mudou-se de Sobradinho para o Guará II, outra cidade da periferia do Distrito Federal, quando ele tinha oito anos de idade. Após morar em outros locais, lá reside hoje.

Sua influência musical vem da música negra de James Brown<sup>13</sup>, Paulo Diniz<sup>14</sup>, Toni Tornado<sup>15</sup>, Gerson King Combo<sup>16</sup> que ouvia, em meados dos anos de 1970, dos vários discos de vinil que tinha em casa, dos primos que calçavam salto plataforma e usavam cabelo *Black Power*.

Enquanto isso na Jamaica, com novas evoluções tecnológicas, os DJs passaram, além de tocar os discos dos grandes artistas jamaicanos, também a lançar suas próprias produções, geralmente versões dos sons que empolgavam o público. Junto com os DJs, nascia também outra modalidade de artista/*performer*: o *toaster*. O termo vem da palavra *toasting*, um estilo de se cantar com rimas mais faladas do que cantadas. O *toaster* tinha a função de, ao microfone, apresentar as músicas tocadas, mandar recados de utilidade pública, enfim, de forma criativa animar a festa. Ele tinha total controle sobre o público, mandando as mais variadas mensagens: sobre política, rimas de amor, positividade, consciência social, e também de forma humorada falava de sexo, com rimas de duplo sentido.

---

<sup>13</sup> James Joseph Brown Jr. (Barnwell, 3 de Maio de 1933 — Atlanta, 25 de Dezembro de 2006), mais conhecido como James Brown, foi um cantor, dançarino, compositor e produtor musical norte-americano reconhecido como uma das figuras mais influentes do século XX na música. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/James\\_Brown](http://pt.wikipedia.org/wiki/James_Brown). Acessado em 23 de setembro de 2013.

<sup>14</sup> Paulo Diniz (Pesqueira, Pernambuco, 24 de janeiro de 1940). Artista famoso do final da década de 1960. Em 1970, compôs o hino de protesto “Quero Voltar Pra Bahia” em homenagem a Caetano Veloso, exilado em Londres. A música alcançou muito sucesso em todo o país e se tornou uma espécie de canção-símbolo de uma época conturbada da história política e social do Brasil. Musicou poemas de autores como Carlos Drummond de Andrade (E Agora, José?), Gregório de Matos (Definição do Amor), Augusto dos Anjos (Versos Íntimos), Jorge de Lima (Essa Nega Fulô) e Manuel Bandeira (Vou-me Embora pra Pasárgada). Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo\\_Diniz](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Diniz). Acessado em 23 de setembro de 2013.

<sup>15</sup> Antônio Viana Gomes, mais conhecido como Toni Tornado (Mirante do Paranapanema, 26 de maio de 1930), é ator e cantor brasileiro. Em 1970 foi o vencedor da fase brasileira do V Festival Internacional da Canção com a canção soul “BR-3”. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tony\\_Tornado](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tony_Tornado). Acessado em 23 de setembro de 2013.

<sup>16</sup> Gerson Côrtes adotou o nome Gerson King Combo, alusão a uma banda de soul music chamada King Curtis Combo. (Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1944) é músico brasileiro, um dos ícones da soul music no país, onde é conhecido pela alcunha de “James Brown brasileiro”. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Gerson\\_King\\_Combo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gerson_King_Combo). Acessado em 23 de setembro de 2013.

Cada DJ e *toaster*, ao desenvolverem seu próprio estilo, inovavam suas apresentações em busca de reconhecimento por suas *performances* nas várias *Sound-systems* existentes na época. Os *DJs* de meros tocadores de discos passaram a estrelas e davam início ali à cultura DJ. Nesta época ainda, imigrantes jamaicanos, tentando fugir da crise econômica crescente no país, emigraram para os Estados Unidos atrás do *American way of life*.

Nos Estados Unidos, as *Sound-systems* chegaram pelas mãos de um destes imigrantes - o DJ Kool Hercano que adaptou as *Sounds* à realidade dos guetos negros norte-americanos. Elas foram chamadas em Nova York de *Block Parties*. O som era o funk e o soul remixados. O *toaster* se tornou o M.C. (Mestre de Cerimônia -, termo adaptado do inglês "*Master of Ceremony*"). O MC fala/canta enquanto a música é tocada pelo DJ, e daí nasceu o rap.

Como Kool Herc era um grande colecionador de discos de vinil, ele começou a pesquisar trilhas antigas e tocá-las de maneira inversa, quebrada, estendendo o som até parecer uma nova trilha. *Scratching* foi como ficou conhecido esse som e DJ quem o comandava. O MC de Kool Herc era Coke La Rock, que, sob as bases sonoras feitas pelo amigo, falava sobre a violência, a situação dos guetos, além de outros assuntos de interesse da comunidade, como sexo e drogas. Utilizando palavras de Canclini (2008), essa desterritorialização com reconversão de saberes e costumes foram recursos essenciais para a hibridação do rap.

Dave Davey DCook apud Pimentel (1997) explica o sucesso do novo estilo:

O rap pegou porque oferecia aos jovens de Nova York a chance de se expressarem livremente (...), era uma forma de arte acessível a qualquer um. Você não precisa de um monte de dinheiro ou de equipamentos sofisticados para rimar. Nem precisa fazer um curso. (...) O rap também se tornou popular porque oferecia desafios ilimitados. Não havia regras, exceto ser original e rimar na batida da música. Tudo era possível. Fazer um rap sobre o homem na lua ou sobre quão bom um DJ é. (op. cit., não paginada).

Os temas de improviso de Coke La Rock destinavam-se aos periféricos nova-iorquinos e a situação de exclusão em que viviam depois da guerra do Vietnã. Mas qual a relação dessa guerra com o rap? Ora, a guerra mutilou, traumatizou pela violência os combatentes americanos, na sua maioria jovens negros e latinos do Bronx e Harlem que voltaram viciados em drogas e que, por terem participado dessa guerra, tinham dificuldades para se reintegrar à sociedade, eram discriminados pela população, não conseguiam trabalho e acabaram na marginalidade, agrupando-se em gangues e ouvindo o som de La Rock e Afrika Bambaataa.

Para compreendermos a importância do formato híbrido do movimento musical que migrou da periferia da Jamaica para os guetos dos EUA até nossa contemporaneidade, cabe-nos destacar o desenvolvimento do rap com as *performances* musicais inovadoras de Afrika Bambaataa. No formato das *Sound-systems*, ele levou grandes festas para as ruas, única alternativa de lazer dos jovens pobres, negros e latinos que podiam se divertir e manifestar artisticamente ao invés de se entregarem às guerras entre gangues (Bambaataa também havia sido membro de uma gangue) que assolavam a região do Bronx em Nova Iorque. Ele viu a possibilidade de unir esses jovens em torno de um ideal comum: a luta contra a discriminação, a segregação e o estigma de se morar em guetos, o fortalecimento da identidade racial pela expressão da música, da dança e das artes plásticas. Surgia assim a trilogia do Hip Hop: o MC - a consciência, o cérebro junto com o DJ - a alma, essência e raiz; o break - representando o corpo através da dança e, finalmente, o grafite - a expressão das artes plásticas como meio de comunicação.

A palavra Hip Hop foi cunhada por Bambaataa em 1978. Tratava-se da referência a um modo comum de se dançar da época com saltos (*to hop*) e requebrando os quadris (*to hip*). Tornou-se um movimento artístico-cultural que se espalhou pelo mundo sempre com um forte comprometimento com a população que sofre *apartheid* social, ou seja, excluídos da sociedade e de algumas formas de cultura a que só alguns têm acesso. Ele é a cultura da rua e, como movimento social, funde-se aos elementos citados anteriormente.

O som produzido por Bambaataa combinava desde o som de James Brown<sup>17</sup> (o pai do Funk) até o som eletrônico da música “Trans-Europe Express” da banda alemã Kraftwerk, juntamente com o canto falado trazido pelo DJ jamaicano Kool Herc. Dessa fusão toda veio à luz a música “Planet Rock”, que iniciou uma revolução musical no ocidente.

Em Brasília, no final da década de 1970, jovens da classe média, para se livrarem do tédio, começaram movimentos estilo rock punk<sup>18</sup>. Segundo Sá, Renato Russo, ainda vocalista e baixista da banda punk Aborto Elétrico, gritava: "Nós queremos ação! Acabar com o tédio de Brasília, essa jovem cidade morta! Agitar é a palavra do dia, da hora, do mês." (SÁ, 2009, p. 166).

Enquanto uns formavam bandas de rock nas superquadras de Brasília, a juventude das cidades satélites formava grupos de dança, ia nos “sons”<sup>19</sup> e bailes para combater a falta do que fazer numa cidade ainda muito jovem e com poucas opções de lazer. Para GOG:

Era impossível para um jovem de periferia, adolescente de periferia, ter uma banda com baixo, bateria, guitarra, teclado - muito caro! E, a partir do momento que você pode, chega uma oportunidade de você cantar em cima de um instrumental, de um disco – vinil eu tinha em casa de montes. Então, começamos a trabalhar nisso aí e eu comecei a escrever.<sup>20</sup>

O rap surgido nos EUA era no começo sinônimo de entretenimento, mas depois, com os vários movimentos organizados em prol da autoestima do negro, dentre eles o *Black Power* e os *Black Panthers*, ele começou a assumir

---

<sup>17</sup> “James Brown cantava “*Say it loud: I’m black and proud!*” (Diga alto: sou negro e orgulhoso!), frase de Steve Biko, líder sul-africano. Mas logo essa expressão musical caiu na mão do sistema, virou fórmula comercial, perdeu seu potencial de protesto”. (Pimentel, 1997).

<sup>18</sup> É um movimento musical e cultural que surgiu em meados da década de 1970 nos Estados Unidos e depois invadiu a Inglaterra que tem como características principais músicas que geralmente não passam de três acordes e bastantes ruidosas, com canções que abordam ideias políticas anarquistas, niilistas e revolucionárias. Também abordam em suas letras problemas sociais como o desemprego, a guerra, a violência e drogas; ou o contrário disto: temas como relacionamentos, diversão e sexo. O visual agressivo e rasgado, chocante, que foge dos padrões da moda e da sociabilização, a linguagem despidorada, a filosofia “faça-você-mesmo” (*Do It Yourself* em inglês, ou, numa sigla, DIY), a imagem “anti-ídolo” (inclusive sem ser obrigado a tocar corretamente seu instrumento) e atitudes destrutivas também são outras características do punk; embora nem todas as bandas do gênero sigam tal padrão. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Punk\\_rock](http://pt.wikipedia.org/wiki/Punk_rock). Acesso em 06 de agosto de 2013.

<sup>19</sup> Festas caseiras da época.

<sup>20</sup> Entrevista de GOG concedida à Produção Cultural e gravada no dia 14 de maio de 2010 no estúdio Cine & Vídeo, em São Paulo. Veja a entrevista em vídeo no endereço: <<http://www.producaocultural.org.br/slider/gog/>>. Acessado em 17 de julho de 2012.

uma posição mais politicamente engajada, com discussões sociais. O grupo Public Enemy<sup>21</sup> teve importância capital neste momento de representar esta nova face do rap não só nos EUA, mas também no Brasil. A partir da apresentação do grupo em 1984 no Estádio do Ibirapuera de São Paulo, muitas pessoas passaram a conhecer o rap, e ele se difundiu pelas periferias das grandes cidades. O vocalista Chuck D disse, em várias reportagens da época, que queria conhecer as favelas, e o grupo chegou a perguntar na coletiva de imprensa por que não havia jornalistas negros presentes. Essas atitudes revelam a ideologia do grupo em polemizar alguns assuntos referentes à periferia.

Na década de 1980, GOG só queria dançar e com os amigos de infância formou o primeiro grupo de dança, Os Magrello's Pop Funk. Eles começaram com *funk*, *soul* e depois partiram para o *break*. Curiosamente muitos movimentos da dança *break* eram atos de protestos contra a Guerra do Vietnã. Nas periferias de Brasília a palavra do momento era Hip Hop. O grupo de GOG se apresentava nos bailes das periferias das cidades do Distrito Federal e ruas de lazer que eram promovidas na época.

Em 1986, Os Magrellos bateram literalmente na porta do DJ Raffa,<sup>22</sup> atrás das coleções de vinil que ele trouxera de uma temporada nos EUA, em busca de músicas novas para dançar. Começou ali uma parceria que durou alguns anos.

Assim como alguns dos grupos de rap que provinham de equipes de dançarinos de *breakdance* que se apresentavam na estação de São Bento do metrô de São Paulo, o grupo de dança Os Magrello's se reformulou e passou a cantar rap. GOG, com dezessete anos, acabara de entrar para a faculdade de Economia, desligou-se do grupo para se dedicar aos estudos, mas acabou abandonando o curso faltando apenas um ano para se formar. Na letra do rap “É mesmo incrível” escreve:

Aos vinte e poucos de idade larguei a faculdade,  
Pro meus pais um baque,

---

<sup>21</sup>“Em 1990, o Public Enemy declara: "Somos a CNN negra". No mesmo ano, o grupo é investigado pelo FBI (a Polícia Federal americana) e citado num relatório apresentado ao Congresso americano, "A Música Rap e os Seus Efeitos na Segurança Nacional". (PIMENTEL, 1997).

<sup>22</sup> Filho de um dos maiores regentes e compositores do mundo, o maestro Cláudio Santoro. Começou como B. Boy ( dançarino de break), depois se tornou produtor musical.



Pra mim nenhuma novidade.  
Sei que errei...  
Mas que lição tirar?  
O importante é que consegui chegar onde muitos  
da minha cor querem chegar  
E não conseguem chegar  
(...)  
Já aos 12 de idade, conheci a faculdade de verdade  
Era com a rua minha identidade.  
Com ela e suas personalidades.  
A maioria ancestrais daqueles a quem deram  
Uma falsa liberdade. (Op. cit., p. 57, 59).

GOG trabalhou como bancário no Banco Regional de Brasília – BRB até 1996 e nas horas vagas fazia gravações amadoras das letras que começava a compor, a participar de torneios de rimas e a se apresentar em shows nas cidades da periferia de Brasília. Com ele o Hip Hop em solo brasileiro foi se instalando e se aprimorando como uma fermentação cultural necessária para se constituir um estilo nacional e autêntico: “Passei pelo soul, pelo funk, pelo break no início dos anos 80. Só depois que a gente descobriu que o break era um dos elementos de um movimento chamado Hip Hop. Eu vivia a cultura, mas não sabia que era”<sup>23</sup>.

No início o rap brasileiro não tinha visão política, social e de denúncia como hoje. O amadurecimento dos temas veio com o tempo. Grupos como Thaíde e DJ Hum e Racionais Mc's de São Paulo arrebatavam multidões com seus discursos e ritmos, apontando um novo rumo à juventude do Hip Hop das periferias brasileiras. A cultura Hip Hop era bastante forte em Brasília e em São Paulo firmando-se paralelamente em ambas as cidades.

O assunto Hip Hop requer um labirinto de dados e, por este motivo, proponho me ater somente à expressão musical e poética do movimento para não me perder em um emaranhado de informações, apesar de ser quase impossível pensar o rap sem o DJ e o *break*, mesmo admitindo que o rap é também uma expressão do corpo.

O rap tem na sua raiz a oralidade dos povos de origem africana como elemento crucial e a exemplo dos fundadores do Hip Hop, muitos jovens das periferias, em sua maioria, negros e pobres veem na dança, nos grafites e,

---

<sup>23</sup> Vide a nota 19.

especialmente no rap, uma forma de expressar seu inconformismo, suas críticas, sua estética marginal.

Sendo música de procedência popular, de influência africana, o rap não era bem aceito pela sociedade brasileira porque era tido como um propagador da violência e da vadiagem (principalmente em São Paulo onde os jovens se entretinham por horas nas ruas em batalhas de dança e rap, o que atraía muitos curiosos, o que fazia com que policiais agissem para dispersar a multidão que se formava), uma moda tipicamente periférica, de gente pobre que vivia em ambientes desorganizados. Lógico que este estilo musical rompe com os padrões hegemônicos, porque ele é da rua, não tem preocupações em formatar seus versos com rimas elaboradas, apesar de quase toda a musicalidade se firmar na fala rítmica e sincopada do *rapper*.

Vimos que em sua gênese o *rapper* era MC - Mestre de Cerimônia -. Com a explosão do *funk* no Brasil, a palavra ficou a ele atrelada e hoje para se diferenciarem é mais comum chamar o cantor de rap como *rapper*. Neste estudo daremos preferência a este termo.

Vimos também que o DJ não precisa ter cultura musical, pois seu trabalho consiste em *samplear*<sup>24</sup> e *mixar* músicas, ou seja, se apropriar de arranjos musicais já gravados, realizar colagens de som e as remontar para formar uma base musical nova para o *rapper* desenvolver a sua *performance*. Portanto, no início, o sucesso de uma música de rap se devia em grande parte ao afinado ouvido musical do DJ em conhecer diferentes sons e estilos de músicas.

MC e DJ foram no início do movimento Hip Hop primordiais para o rap se firmar. Hoje muitos *rappers* se apresentam com bandas, inclusive GOG. Eles só não abrem mão de alguns princípios como: fazer música para e pelo movimento periférico, não admitem violência (pelo menos os *rappers* da linhagem de GOG), são avessos às grandes mídias e gravam suas músicas em selos independentes, pois consideram que as grandes empresas multinacionais só raciocinam em termos de lucros, pouco se importando com a natureza do produto lançado no mercado.

---

<sup>24</sup> Através de um aparelho chamado sampler.

Para quem insiste em dizer que rap não é música, Tatit (2006) contrapõe:

Um dos equívocos dos nossos dias é justamente dizer que a canção tende a acabar porque vem perdendo terreno para o rap! Equivale a dizer que ela perde terreno para si própria, pois nada é mais radical como canção do que uma fala explícita que neutraliza as oscilações “românticas” da melodia e conserva a entoação crua, sua matéria-prima. A existência do rap e outros gêneros atuais só confirma a vitalidade da canção. (*op. cit.*, não paginada).

Segundo Pimentel (1997), “O solo musical de onde iria brotar o Hip Hop estava armado com o soul e o funk. Mas o rap, além de ritmo, é poesia.”. Ele nos lembra que: “O rap é só um dos galhos da grande árvore da música negra. É filho do funk, neto do soul, bisneto do spiritual e do blues... Irmão do rock. Primo do reggae, do samba, do maracatu, da embolada...”. E nos adverte que as raízes do rap estão nas tradições orais africanas, nos *griots*<sup>25</sup> que carregavam na memória toda a tradição das tribos africanas e preservavam suas técnicas em versos passados de pai para filho.

Há muitas semelhanças entre os *rappers* e os *griots* do passado pelo papel social que desempenhavam em suas comunidades, pela capacidade musical e poética, além do espírito crítico que os movia em relação à política local. Gilroy (2001) assevera que a diáspora negra e suas narrativas de perdas e sofrimentos formou o que ele conceituou como Atlântico negro – um conjunto cultural pós-moderno, extravagante, mutável que se manifesta também nas letras dos *rappers* do século XXI.

As afirmações de Gilroy nos fazem acreditar na constante evolução do rap. Ele, desde a origem imbricada por características híbridas, misturou-se com outros gêneros musicais como o samba, o rock, há inclusive uma similaridade com o repente, emboladores e toda sorte de categoria de poetas populares do nordeste brasileiro, assim como o movimento Mangue Beat de Chico Science & Nação Zumbi da década de 1990.

---

<sup>25</sup> Os griots são guardiões, intérpretes e cantores da História oral de muitos povos africanos. Na língua mandinga são conhecidos como jali. Além de cantarem a história épica da África eles elogiam heróis e personagens do passado, geralmente acompanhados por instrumentos musicais. Segundo António Concorde Contador e Emanuel Ferreira (1997), os costumes dos griots foram difundidos no novo mundo pelos escravos oriundos de África.

Canclini, ao descrever as hibridações nas artes pós-modernas em geral, conclui que elas são múltiplas, sem uma separação taxativa, pelo contrário, tendem ao intercâmbio entre si com intensa interação na vida social, assim elas perdem sua relação exclusiva com seu território, mesclam-se, “mas ganham em comunicação e conhecimento.” (CANCLINI, 2008, p. 348).

## 1.2 Sou rapper, sou forte, sou GOG

No final dos anos 80 do século passado, Genival se tornou GOG por sugestão do MC Vappo e iniciou a sua carreira artística. A dupla paulista Thaíde e DJ Hum, que participou da primeira coletânea de rap a ter repercussão nacional com o álbum *Hip Hop cultura de rua*<sup>26</sup>, apresentou-se no Distrito Federal pela primeira vez trazida pelo DJ Raffa. Os Magrellos abriram o show e o movimento de Brasília começou uma interação com o paulista.

No ano de 1990, GOG participou do primeiro concurso de rap do DF na danceteria da Fonte do Bom Paladar, no Cruzeiro Velho<sup>27</sup> com o grupo que ele havia montado - “SOS Rap” - e ficou em terceiro lugar. Neste mesmo ano recebe o convite do DJ Leandronik<sup>28</sup>, um dos precursores nesta área de produção, para participar da coletânea *Rap Ataca*, do selo Kaskata's, e grava a música "A Vida", a sua primeira gravação oficial.

Segundo DJ Raffa (2007), o DJ Leandronik se juntou a GOG e MC Vappo e formaram o grupo “Os Caras” e misturavam muitos elementos da MPB nacional em suas músicas e produções, porém ideias conflitantes fizeram com que o grupo acabasse. GOG, aliás, colheu alguns desafetos em sua trajetória artística, dentre eles o rapper X do Câmbio Negro quando lançou o álbum *Sub-*

---

<sup>26</sup> Lançado em 1988 pela gravadora Eldorado, produzida por Nasi e André Jung, ambos integrantes do grupo de rock Ira! As bases do disco eram baseadas em funks americanos e acompanhadas espontaneamente de *scratches* (som provocado pelo atrito da agulha do toca-disco de vinil quando o DJ faz movimentos rápidos com a mão para frente e para trás sobre o disco) feitos pelos equipamentos de DJs.

<sup>27</sup> A danceteria tinha esse nome porque ficava debaixo da lanchonete de mesmo nome.

<sup>28</sup> O seu nome é a junção de Leandro e Mantronix, um DJ e produtor americano de quem Leandro era fã.

raça, 1993, com a letra “Que irmão é você?” se referindo a ele. O conteúdo pode ser conferido nos versos:

Vou contar agora uma história triste,  
que infelizmente em nosso meio ainda existe.  
Pessoas que por nós são muito consideradas  
e só depois de muito tempo mostram a sua cara safada!  
Vou falar agora de um cara que foi meu mano,  
pisou na bola, vacilou e agora o bicho tá pegando.  
Não vou te ameaçar, só tô lhe avisando,  
cada um conhece a cobra que tá criando.

Bem que a gente podia voltar a ser amigos  
Se tu não tivesse feito tudo que fez comigo  
Deixou de ser um irmão do qual eu gostava bastante  
E se tornou um otário que igual nunca vi antes  
Hoje você pede perdão diz que não sacaneia mais  
Diz que entre irmão o que deve rolar é paz  
Primeiro não sou seu irmão e agora se liga na parada  
Você começou a guerra, não pela paz na hora errada  
Não quero que me procure, nem se estiver com fome  
Não quero ouvir sua voz, nem pelo telefone  
Posso até estar sendo duro mas não vou me arrepender  
Pois tô cansado de saber ...  
Que irmão é você.

Durante os anos de 1990, os principais grupos de rap em Brasília viviam embates ideológicos: os que pregavam a paz e eram contra armas e drogas enfrentavam os adeptos do *Gangsta*, estilo que exaltava em suas letras a violência, o tráfico e a marginalidade dos bairros periféricos. Os versos acima de X se justificam porque GOG, apesar de se dedicar mais à dança break, já estava rimando e havia criticado alguns dançarinos da Ceilândia/DF, dando margem às críticas que foram feitas na música.

GOG também foi destratado pelo DJ Marcão na música “Falso amigo”, incluída no disco dos Magrellos lançado pela Sony. O refrão que o rapper Tubarão rimava era assim: “Falso, falso, falso, amigo falso,/ Eu não quero você perto de mim.”.

O Dj Jamaika, algumas semanas depois do rompimento com o parceiro X do grupo Câmbio Negro, foi prestigiar seu ex-grupo, que fazia a abertura de uma banda de rap alemã no Centro de Brasília e se deparou com GOG no meio do show e o acusou de ser o culpado pelo fato de X tê-lo expulso do Câmbio Negro. As pessoas que estavam no local impediram a briga. A partir desse episódio, Jamaika espalhou que a culpa de sua expulsão do grupo era

da má influência de GOG sobre o X. Tempos depois todas as diferenças foram superadas.

No ano de 1992, GOG, em parceria com o selo de Rap Discovery Discos, lança o incisivo disco *Peso Pesado* e seu nome ganha projeção pelo país. Segundo GOG, as incursões por São Paulo para divulgar o disco tinham estrutura mínima: com um *tape deck* o Dj Manomix soltava as bases e riscava, e o *rapper* soltava a voz. Para o DJ Raffa começava ali a carreira de um dos maiores rimadores, letristas, militantes e ativistas do Hip Hop brasileiro.

Em 1993 ele abriu uma gravadora, um selo independente – a "Só Balanço" para apresentar seus trabalhos e dar oportunidades a novos talentos, diante das dificuldades enfrentadas pelos cantores de rap de entrarem no mercado musical já que essa indústria sempre foi alheia ao Hip Hop. O pouco espaço dessa expressão na mídia se dá porque o rap brasileiro é muito contundente em seus protestos, não se encaixa na música "feliz" e muitas vezes alienada que a mídia pede. É um produto às vezes indigesto para a indústria musical.

O primeiro projeto da "Só Balanço" foi o lançamento do seu disco *Vamos apagá-los... com o nosso raciocínio*. O disco polemizou tanto pela capa – em que GOG aparece segurando uma arma em close, e acima de sua foto se apresentam os dizeres "Vamos apagá-los..." e na contracapa, ele segura um livro e a frase se completa: "com o nosso raciocínio" –, como pelo conteúdo das letras. Nesse álbum, os *samplers* de rock dão o tom das letras politizadas das canções. A esse respeito GOG fala que:

Sonhava com algo polêmico, que fosse forte, mas instrutivo. Que chocasse e atraísse! Revólver, livros, jovens e um título provocador. Assim chegamos ao objetivo. O resultado final deixou muito claro a importância de se acreditar no talento dos produtores no processo de criação. (GOG, 2010, p. 33).

Lançado em 1994, ele tocou na programação normal de algumas rádios de São Paulo, fora dos programas específicos destinados ao rap, geralmente de madrugada.

A *Só Balanço*, a partir do ano de 1996, se tornou loja de discos e mais tarde estúdio de gravação, dentro do projeto de autogestão propalado por GOG. No ano de 1996 é aberta a primeira loja no Riacho Fundo e no ano

seguinte na Ceilândia. Entre 2004 e 2009 foram abertas sete lojas distribuídas pelas periferias e também no Plano Piloto de Brasília, e os contratados para trabalharem nelas deveriam provir de comunidades periféricas. A opção por esse perfil se ajusta ao lema do selo: “Nós por nós, sempre!”. A partir de 2010 a loja se centraliza no Conic, centro cultural underground do DF, sob a direção de sua esposa.

GOG, na década de 1990, começa a se apresentar por todo o Brasil e suas músicas são frequentemente executadas nas rádios,<sup>29</sup> principalmente nas comunitárias. Suas ideias e letras se propagam, e é quando ele recebe o codinome de "Poeta do Rap Nacional" pelo produtor musical Fábio Macari em uma coluna escrita na Revista DJ Sound.

Em 1994 lança *Dia a dia da periferia*, o seu mais bem-sucedido trabalho em matéria de vendagem até então. O seu quarto álbum é o *Prepare-se!* lançado em 1996 todo ele produzido em São Paulo quando o poeta passava por problemas pessoais e profissionais. Com a faixa “Periferia segue sangrando” lançou o primeiro videoclipe de sua carreira.

*Das trevas à luz* é de 1998 e seu sexto disco *CPI da Favela*, lançado no ano 2000 foi produzido pelo DJ Raffa. Nesta época ele morava no interior paulista, na cidade de Hortolândia, onde permaneceu por quatro anos. O Rap Nacional estava em voga e chamava a atenção de gravadoras de grande porte, elas só não contavam que o movimento defendia a independência, a autogestão e a liberdade de expressão. Aliado a este fato, o movimento Hip Hop se centrava cada vez mais nos movimentos sociais, os saraus periféricos proliferavam pelos bares (sim, bares!) paulistas, e os *rappers* tinham espaço para se manifestarem sem o temor da repressão policial.

GOG recebeu o Prêmio Porte Illegal<sup>30</sup> como melhor letrista do rap do país. Desde o CD *Das trevas à luz*, o seu grupo era formado pelo *rappers* Japão, Mano Mix, Dino Black. A música que marca esse disco é, sem dúvida, “Brasil com P”, feita em cima de um *sample* da música “Fio Maravilha”, do Jorge Ben Jor.

---

<sup>29</sup> Em Brasília as rádios que tocavam rap eram, principalmente, a Manchete FM e a 105 FM com o programa Mix Mania do DJ Celsão e o programa de televisão da MTV, o Yo! Raps.

<sup>30</sup> Loja especializada em Rap Nacional localizada em São Paulo.

Em 1999 a *Só Balanço* lança *GOG Convida*, sendo a primeira coletânea de rap do Distrito Federal, e *Família G.O.G - Fábrica da vida* com a proposta de dar espaço para novos artistas, a fim de fortalecer o movimento Hip Hop na cidade. Surgiram, então, os grupos A Família e Viela 17.

No estúdio da Associação Cultural Claudio Santoro, DJ Raffa produziu o primeiro disco do Viela 17, em 2001. Japão, Mano Mix e Dino Black se libertaram de GOG – assim Dino Black descrevia a saída deles – depois do último disco dos quatro juntos, o *CPI da Favela*. Segundo o Dj Raffa (2007) essa separação não fora amigável porque havia muita mágoa entre os três: “Achei que o Dino fora muito oprimido pelo GOG, a ponto de não dar valor ao próprio trabalho que desenvolvia, como ideias de bases, rimas e letras.”

Em 2001, GOG é convidado pelo cantor Lobão a participar do 1º Fórum Social Mundial em Porto Alegre e começa a pensar no seu próximo trabalho. Os remédios que o pai tomava e o falecimento dele inspiraram o nome do disco *Tarja Preta*, lançado em 2004 que recebeu o Prêmio Hutúz<sup>31</sup> de melhor disco do ano.

Em 2005, ele é convidado pela banda de reggae Natiruts a participar no CD *Nossa Missão*. GOG e Alexandre apresentam ao público a faixa "Quem planta o preconceito?". A parceria continuará em 2008 no novo CD do grupo A Família.

Em 2006, GOG participa do *Acústico MTV-Lenine*. Ele se apresenta ao lado do artista da MPB interpretando a faixa "Eu e Lenine (A Ponte)". Nesse mesmo ano grava o CD *Aviso às Gerações* que traz participações do cantador Rapadura e de Lindomar 3L, ambos aclamados pela mídia como duas novas revelações do Hip Hop Nacional. O cenário escolhido para o clipe da música “Cavalo sem dono selvagem”, com direção de Leonardo Hermont, foi a cidade mineira de Diamantina e tem como personagem principal o ativista negro, Zumbi dos Palmares. A cidade foi escolhida por ter sido uma das últimas cidades brasileiras a abolir a escravidão, e o vídeo apresenta as condições de vida dos negros no passado e no presente.

Em 2007 é gravado o seu primeiro DVD - *Cartão Postal Bomba!* na sala Martins Pena do Teatro Nacional, lançado em 2009. GOG fez questão de

---

<sup>31</sup> Prêmio Hutúz foi a principal premiação do Hip Hop brasileiro, idealizado pelo produtor Celso Athayde e realizado a partir de 2004 no Canecão.



contratar uma equipe totalmente local a fim de valorizar os profissionais da cidade. Destacam-se as participações de Lenine, Maria Rita, Gerson King Combo, Paulo Diniz, Mascoty, Isaías Jr, Nego Dé, entre outros. O formato da apresentação foi inovador: o artista gravou vários de seus hits acompanhado pela banda MPB Black composta na época por Angel Duarte (Baixo), Paulinho (Bateria), Bruno (Guitarra Solo), Ariel Feitosa (Guitarra Base), Richelme Oliveira (Percussão), Ted (Teclados), Ellen Oléria, Indiana Nomma e Kiko Santana (Violões e Backing Vocals).

GOG recebeu os prêmios "Hutúz" (quatro categorias) pelo CD *Aviso às Gerações* e "Dom Quixote de La Perifa" que, segundo a Cooperifa "... é uma homenagem a umas cem pessoas importantes da periferia, e pessoas que ajudam a periferia a se transformar em um lugar melhor para viver".

O lançamento do DVD – *Cartão postal bomba!* foi feito com exclusividade pela internet através do site de GOG e nele propaga a autogestão:

#### Saudações Revolucionárias!

O CD Ao Vivo do DVD 'Cartão Postal Bomba!' chega com um grande desafio: – Apresentar uma nova proposta de distribuição de cd's, dvd's, vinis, roupas, livros, enfim, tudo que produzimos no Hip Hop brasileiro. Nacionalmente essa distribuição praticamente não existe. Para aumentar mais o problema, na maioria dos lugares em que ela chega, nossos fãs acabam sendo maltratados e vítimas de todo tipo de preconceito ao fazer suas compras.

Hoje é assim: Os artistas criam! As gravadoras revendem pelo preço que querem! O consumidor paga caro! Os artistas querem acesso! As gravadoras criam barreiras! O consumidor sofre! Os artistas trabalham! As gravadoras lucram! O consumidor segue insatisfeito.

Basta: Temos que dizer não a um mercado fonográfico que escraviza! Acabar com esse intermediário!

Agora será: Nós por nós! Nós artistas criaremos e cuidaremos! O consumidor pagará o preço justo! Nós artistas seremos parceiros! O consumidor terá comodidade. Nós artistas colheremos o fruto do nosso trabalho! O consumidor seguirá satisfeito! A partir daí o cenário será diferente a começar pelo relacionamento entre o artista e seu público.“.

A partir de então ele liberou todo o seu trabalho para download gratuito na internet.

Em 2010 lançou seu livro *A Rima Denuncia* que conta sua história de artista e militante, além de trazer uma seleção de letras de canções. Seu conteúdo será analisado no capítulo III deste estudo.

Antes do show de lançamento do seu décimo trabalho: *ISO 9000 do Gueto*, GOG abriu seus ensaios que aconteceram no estúdio Melodia (localizado na quadra 706 Norte de Brasília). O show ocorrido no dia 26 de julho de 2012, na Praça do Museu da República da capital federal (incluído no projeto Cena Contemporânea dentro da programação do V Latinidades), aliou dança performática de Sabrina Faria, audiovisual com imagens do artista plástico João Angelini, e elementos da capoeira com proposta do mestre Lele do grupo Nzinga.

Segundo GOG quase todos os seus raps foram escritos no momento da produção e concepção dos discos. O rap “Um simples José” foi escrito baseado em um rascunho que o criminoso José Carlos dos Reis Encina, o Escadinha, enviou a ele de Bangu I onde estava preso. Escreveu também para o filme “Uma onda no ar” música homônima. O filme conta a história da Rádio Favela – BH. Indignado com declarações negativas que o presidente de uma multinacional endereçou ao estado do Piauí, GOG escreve “Por amor (Direito de Resposta)”.

Nota-se em muitas de suas letras um transbordamento de identidade: “Sou rapper, sou forte/ Sou rapper sou forte, sou forte, sou GOG”. (*Op. cit.*, p. 41). Diz a que veio independentemente de agradar ou não: “Pode crer, vou falar/ Coisas que você pode até não gostar, estranhar,/ se perguntar/ Quem é esse GOG? Vê se pode?/Qual é a desse cara?/- Mas não estou para agradar,/ Realidade como está, tá difícil aguentar... (...) ou GOG não fala tolices.”. (*IBIDEM*, p.65).

Também é o porta-voz de histórias que devem ser contadas: “Mais uma estória será contada,/G.O.G. quem diz,/ Sem garantia de final feliz.”. (*IBIDEM*, p.137). Ou então, ele afirma ser o responsável por uma ruptura com o poder vigente e quer ver transformação com uma vontade inabalável de solapar toda a ordem constituída para erigir outra através da informação, pelo protesto: “Sou G.O.G., QG, revolução,/ Cê sabe! Informação, irmão, evitará/ O massacre!/ Quero o barulho agudo ensurdecador/Vem comigo só quem é/ Gladiador”. (*IBIDEM*, p.184).

Ele também se identifica com a esquerda histórica com a letra “G.O.G canta Che!”, compara-se a Malcom X, nas devidas proporções geográficas: “Malcom X foi à Meca... GOG ao Nordeste!” e conclui em “Tira a bala”: “O

sistema é a bomba e o pavio,/ Só que o preto aqui é o estopim/ Em vinil!”. (IBIDEM, p.238).

GOG foi indicado pelo ex-ministro da Cultura do governo Lula, Juca Ferreira, e aceitou atuar como membro do Conselho Nacional de Política Cultural - CNPC, um órgão integrante da estrutura básica do Ministério da Cultura cujo objetivo é formular políticas públicas na área cultural. “Não recebo salário e nem sou do governo. Participo, contribuo, enfim assumo meu papel social, uma missão que o hip-hop me ensinou a praticar.” (BUZO, 2010, p.150).

Em dezembro de 2010 foi lançado em edital o Prêmio Preto Ghóez por iniciativa da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura que premiou mais de 128 projetos em todo o Brasil totalizando mais de 1 milhão e 700 mil reais em prêmios. As palavras do ex-ministro Juca Ferreira, extraído do site do Ministério da Cultura<sup>32</sup>, demonstram que o:

Reconhecimento da diversidade cultural brasileira, da liberdade de criação e de expressão, em que ninguém tem o direito de dizer o que é brasileiro e o que não é, o que é meritório e o que não é, o que é importante e o que não é, quer dizer, é o conjunto que é importante, é essa liberdade de criação, de opção, de fusão, de amalgamento, de mestiçagem que o Brasil exercita desde que se entende por Brasil.

Além deste colegiado, GOG participa também do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social – CDES/ DF ao lado de outras 53 lideranças de segmentos distintos da sociedade para assessorar o governador de Brasília na formulação de políticas públicas.

Ao percorrermos os caminhos híbridos traçados da origem do rap até o poeta ora em estudo, percebemos que o estilo do movimento é, desde a raiz, comprometido com a situação social e econômica dos negros e pobres que vivem nas periferias, com a finalidade de elevá-los da posição de depreciados para uma posição de valorização. A postura poética de GOG, como veremos nos temas de suas canções no último capítulo desse estudo, é conectada com esse valor e é ácida na medida em que revela uma sociedade racista e excludente.

---

<sup>32</sup> A entrevista completa do ex-ministro está disponível em: <<http://www2.cultura.gov.br/site/2010/12/13/premio-hip-hop-2010-%E2%80%93-edicao-preto-ghoez/>>. Acessado em 20 de agosto de 2012.

## CAPÍTULO II

### 2.1 Entre rimas marginais da MPB - Música Preta Brasileira<sup>33</sup>

“Me tomaram tudo, menos a rua.” Ferréz

“A literatura que eu escrevo vem de ruas que os anjos não frequentam, de pessoas que não têm voz.” Sérgio Vaz

Há muito tempo que a Música Popular Brasileira tradicional cultuada pela sigla MPB é cânone musical. Ela nos remete a João Gilberto e a sua Bossa, aos importantes Festivais da Canção e aos seus ícones, ao Tropicalismo, ao Grupo da Esquina, dentre outros, cujas letras atingiam mais a classe média brasileira e eram amplamente propaladas pela indústria cultural. Mas a quem cabe dizer o que é ou não MPB? Essa sigla é tão abrangente quanto a quantidade de música que é feita em solo brasileiro. Rap é MPB?

Cyntrão (2004) ao comentar a abrangência da sigla diz que:

A expressão música popular ainda provoca controvérsias, já que, em sentido amplo, engloba a música folclórica e a música urbana. Enquanto a primeira seria manifestação das classes populares, o mesmo não se dá com a segunda. No caso brasileiro, criou-se mesmo uma sigla – MPB – que contempla somente a produção de uma classe média, excluindo a música rural ou folclórica, e cujos criadores se utilizam de um instrumental teórico-musical para grafar e produzir suas canções. Tal caracterização não nos permite contrapô-la à música erudita. (CYNTRÃO, 2004, p. 57).

A análise acima nos incita a colocar dois polos opostos quanto aos objetivos e épocas da música urbana: enquanto Geraldo Vandré, por exemplo, na década de 1960 cantava para a classe média contra o sistema político opressor da ditadura, GOG, desde a década de 1980, berrava com lirismo e sem nenhuma afabilidade contra o sistema social e político que oprime os pretos e pobres.

---

<sup>33</sup> Sandra de Sá recriou o significado da sigla MPB ao rebatizá-la de forma direta e sem rodeios como Música Preta Brasileira e é aqui também utilizada porque GOG assim se refere ao rap.

A música de GOG não é contemplada como MPB tradicional, apesar de fazer música urbana de protesto sobre quem mora nos guetos brasileiros, da periferia para o centro:

Vamos falar **agora**, cara!  
Em detalhes, propostas, verdades  
Que precisam ser ditas  
Somos das ruas e trazemos a você  
Nosso cartão de visitas (GOG, 2010, p.28).<sup>34</sup>

O eu lírico se apresenta em nome de uma coletividade e anuncia o conteúdo do seu discurso, em tom impositivo e com imediatez, como sugere a especificação temporal do advérbio em destaque que segundo palavras de Bakhtin (2010) adquire “um valor real, vivido, necessário e de peso, concretamente determinado do lugar singular por mim ocupado na minha participação no existir-evento.” (BAKHTIN, 2010, p. 119). Essa participação, do ponto em que está, cria “o peso efetivo do tempo e o valor evidente e palpável do espaço, torna as fronteiras importantes, não casuais, válidas: o mundo como um todo unitário e singular, vivido de maneira real e responsável.” (IBIDEM).

Os verbos também indicam urgência em serem ouvidos “em detalhes, propostas, verdades/ que precisam ser ditas”. Eles são as ferramentas do poeta, o cartão de visita de um inconformado que fala em nome de pessoas que se orgulham de suas identidades e do local onde vivem, para se iniciar um relacionamento com um de seus receptores (o morador do centro que, geralmente, não tem boas impressões sobre eles). Por esse meio reforça a necessidade de se tornarem visíveis.

Em outra canção, com batida de rock metal, GOG, em tom engajado e agressivo, procura incentivar o debate político para um público pouco politizado, pouco letrado, tentando incitá-los a reagir, a sair de seu imobilismo, a não aceitar a miséria e a má qualidade de vida nas periferias. Ao ler/ouvir a letra de “A voz do Brasil” do álbum *Vamos apagá-los... com o nosso raciocínio* isso fica perceptível. Pelo matiz dado à canção, de versos livres, com poucas rimas, temos a percepção de que o eu lírico é o líder em uma manifestação, que com palavras de ordem (“Todos em frente! Todos ao ataque!”), declara

---

<sup>34</sup> Letra da canção “A matança continua” do álbum *Peso Pesado* (1992).

publicamente as suas intenções. Clama os seus à desobediência quanto ao *status quo* imperante na sociedade e que mudanças devem ser impetradas porque não querem continuar em posição inferior na sociedade.

O manifesto se destina a declarar direitos inerentes a todos os brasileiros como: educação, alimentação, habitação, dignidade, igualdade. Ele alerta que a periferia é desprovida de todos eles, daí a convocação para a mudança de cenário.

Todos em frente! Todos ao ataque!  
É chegada a hora de mostrá-los quem nós somos  
E dizemos de uma vez!  
Nós estamos vivos, cremos nisso,  
Não seremos eternos submissos!

A fórmula pra vencer não inclui o sucesso.  
Eu sei, o fracasso começa com uma dose de descaso.  
Esse não pode ser o nosso caso,  
Então...

Alfabetização! Alimentação! Habitação!  
Dignidade! Igualdade! Seriedade!  
Todos em frente! Todos ao ataque!  
Só assim nossos direitos se tornarão realidade.

E enquanto isso, o que eles fazem?

E tudo acaba em samba  
Será que nossos problemas acabaram?

- Veja a resposta! (GOG, 2010, p. 34).

A falta de referencial para o pronome “eles” só é esclarecido ao se ouvir a música. Nela, após o primeiro questionamento, uma voz feminina declara: “A gente pintou a cara pra acabar com a corrupção” e posteriormente entra um *sampler*: “olho pra essa cara de bodin<sup>35</sup>...”. A voz feminina continua: “A gente pintou a cara pra mudar um mau presidente”. E as reticências do *sampler* são completadas “... minha raiva cresce.”. Conclusivamente a voz feminina arremata: “Mas hoje a gente só vai pintar a cara pra se divertir”. O poeta critica a juventude que se alienou, individualizou-se, retraiu-se politicamente. O dito popular: “E tudo acaba em samba” confirma a falta de seriedade dos jovens, o retorno ao mutismo, ao esquecimento da luta contra a corrupção. O poeta se

---

<sup>35</sup> Jovem da classe média sustentado por seus pais, por usufruir de boas condições financeiras não precisa trabalhar.

pergunta retoricamente se os problemas acabaram e deixa que cada um a responda com a sua consciência.

Como representante da periferia, GOG fala com propriedade do que conhece, percebe-se que não é o artista classe média penalizado com a condição do marginalizado, tais quais os músicos da MPB ao emprestar suas vozes para músicas de protesto como Elis Regina (cantando a trajetória de um negro sofredor em “Upa, upa neguinho”) e Chico Buarque de Holanda (“Meu guri”), que aliavam apelo comercial e engajamento político, ouvidos e aplaudidos pela elite brasileira. GOG se apropria da “voz” para ser ouvido, deixando de ser o objeto do discurso para ser dele o sujeito.

O nome da canção é simbólico em dois sentidos. Primeiro, por se apropriar do tema do programa de rádio homônimo<sup>36</sup>, que tem como abertura a ópera de Carlos Gomes, *O Guarani*, seguida da voz emblemática que diz: “A voz do Brasil...”. A ópera, inspirada no romance de José de Alencar, pode ser lida como o retrato verídico da dizimação dos índios Aymorés. Por outro lado, “Voz do Brasil” se tornou metáfora de algo que é falado e ninguém escuta ou presta atenção. Essa música aliada ao programa permanente de rádio tem um simbolismo, um viés, que marca as pessoas inconscientemente, seja pela longa história do programa, ainda no ar, seja por atingir não um ou dois cidadãos, mas uma massa. Sabemos que o permanente marca, cria história, perpetua-se no tempo e assim é com a situação precária nas periferias e a despreocupação dos jovens com a política.

Para analisarmos o rap frente à MPB devemos considerar as críticas que se faziam a ele. A primeira delas dizia respeito à importação do estilo e à imitação do *modus vivendi* dos negros que viviam nos guetos americanos. Era consenso considerar essa importação como pura alienação dos jovens favelados do Brasil em relação a sua própria cultura.

Stuart Hall (2005) descreve essa ação de busca da homogeneização como um colapso de identidade cultural, o que produz a fragmentação dos códigos culturais devido ao consumismo global entre as nações, possibilitando

---

<sup>36</sup> A voz do Brasil é um programa radiofônico diário produzido pela EBC Serviços. Ele começou a ser transmitido em 1935 com o nome de Hora do Brasil, tornando-se obrigatório durante o Estado Novo (1938). Em 1971, no governo Médici, passou a ter o nome atual.

([http://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Voz\\_do\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Voz_do_Brasil)).

o que ele chama de “identidades partilhadas”, já que os consumidores mesmo distantes uns dos outros no espaço e no tempo partilham os mesmos bens, por exemplo. Este fato acontece, segundo ainda os argumentos do autor, com culturas nacionais à medida que se tornam mais expostas às influências externas, fator que dificulta a conservação intacta de dada identidade cultural ou mesmo o impedimento do enfraquecimento pelo bombardeamento e infiltração cultural. GOG critica essa postura de descentramento de identidade de nação face à ação globalizante posta em curso na letra de “Vai GOG!:

(...)

Altos pano massa!<sup>37</sup>

Eu não vejo graça, chegado. Tudo importado.

Meu Brasil é mesmo uma colônia americana,

Andando pelas ruas, não entendo nada,

É raro ler um nome em português nas fachadas.

É o inglês barato, chegado, muitas vezes, errado.

Bem lembrado, um mal que necessita ser curado.

Continua nas camisetas, nas jaquetas, nas calças.

Eu podia citar mais, mas já basta.

É a morte cerebral tomando conta da rapaziada!

É a morte cerebral tomando conta da rapaziada! (*Op., cit.*, p.65).

E faz a sua *mea* culpa por se espelhar no Hip Hop americano:

- Pode crer vou falar. Vou, vou, vou dizer verdades.

Falo disso com autoridade, é verdade.

Tenho culpa nisso.

Prova disso, meu primeiro disco traz na capa

Estampado.

- Quem?

Eu e meu boné importado. (*IBIDEM*).

Essa identificação com outra cultura tem uma visão política-ideológica. Segundo Lipovetsky (2007) a assimilação de particularidades de uma comunidade por outra se dá com algum tipo de proximidade, no caso, pela história étnica, pela música. Essa importação de identidade da minoria brasileira em relação à americana foi criticada pelo eu poético. Apesar da revelação sobre o uso do produto importado, há uma reflexão sobre a situação, e o julgamento feito a esse respeito sinaliza no sentido de se valorizar os produtos nacionais.

---

<sup>37</sup> Roupas boas, caras e de qualidade.



O poeta sabe que é referência para os jovens da periferia e não está sendo um bom exemplo, redime-se revendo o seu trabalho, alertando-os sobre o perigo de se copiar o modelo americano:

A galera pirou, elogios de todos os lados.  
E pouca gente lembrou:  
- E o nosso público alvo?  
É!  
O pobre, o analfabeto, o preto  
Com ancestral escravo,  
Que junta um troco, dando um duro danado,  
Centavo por centavo durante meses.

Mal sabe ler, não quer nem saber.  
Quando pinta a intera, não pensa duas vezes  
Vai na loja, leva o play, e diz pro vendedor:  
- Quero um boné igual a esse.

Pouco importa o que está escrito,  
É igual ao do artista favorito,  
Um cara que fala pela Periferia, exige melhorias.  
Tudo perfeito,  
Tudo bonito, mas...  
- Pressentiu o perigo? (*IBIDEM*, p. 66).

Assinalamos com argumentos de Lipovetsky sobre esse aspecto consumista dos jovens periféricos:

Os jovens da periferia, em certo sentido, estão hiperintegrados à nossa sociedade, com as típicas aspirações de aproveitar as regalias que a vida oferece. Não possuem nem um pouco da mentalidade de imigrantes desbravadores e empreendedores natos: modelados pelo contexto consumista, participam dos sonhos deste âmbito hipermoderno. Ao mesmo tempo, vivem no batente do cotidiano, eivado de frustrações. Eis porque alguns derivam para a violência, para a delinquência, enquanto outros são arrastados pela introversão, em busca da própria identidade. Destes, há os que se deixam arrastar pelo islamismo radical, que funciona mais ou menos como instrumento de diferenciação e de afirmação pessoal. (LIPOVETSKY, 2007, p. 17).

Sabemos que o rap é híbrido, miscigenado desde a raiz e não escapou de se tornar um signo autêntico de um grupo com influência afro-americana do qual o brasileiro, obviamente, não escapa. Só que o rap brasileiro tomou feições e estilos próprios e não é o mesmo em cada região do país nem mesmo em relação à maneira americana. Ele se reatualiza sempre, incorporando os mais diversos sons e congregando elementos regionais à sua batida. Há muitos trabalhos com atitudes próprias, instrumentais simples ou

não, letras que falam sobre diversos assuntos ou sobre os mesmos assuntos de formas diferentes. Grupos nordestinos, por exemplo, utilizam o repente em suas produções. Há rap com samba, com rock, com som eletrônico, com sonoridade da capoeira, da umbanda, do candomblé e até na língua guarani, como a de um grupo de *rappers* indígenas de uma aldeia no Mato Grosso do Sul<sup>38</sup>, ou seja, o rap não tem fronteiras e é natural que se mescle a elementos locais. O poeta arremata em torno de seu centro de valores:

Vamos ser reconhecidos como retrato fiel  
Da nossa gente,  
Cartão-postal de um povo.  
Aí, sim,  
Olha o negro criando, inventando, inovando de novo... (*IBIDEM*, p.

69).

Outra crítica destinada ao rap, por parte da indústria cultural brasileira, e diz respeito à apropriação sem pudores de trechos de outras produções musicais, não respeitando o direito autoral. No entanto, essa é uma de suas características mais marcantes. O rap se faz rap ao se cortar e mixar extratos de som ou voz para uma criação nova e, por que não, original. Através dessa recombinação sonora junto com o trabalho fisiológico da voz do *rapper* há um enriquecimento intermusical, o que torna a crítica infundada porque não é somente apropriação, antes, um tributo, uma consideração ao trabalho do outro.

Na música “Quando o pai se vai”, GOG *sampleia* a música “Como?” de Paulo Diniz, e o próprio artista sampleado embala com sua voz os versos de sua música na gravação do Dvd *Cartão Postal Bomba!*, e ela passa a dialogar com o enredo contado. Apesar de o tema da canção de Paulo Diniz ser sobre amor romântico, ao ser colada no rap perde este significado, e passa a ter a acepção de amor filial:

Eu sei que a minha vida anda errada  
Que já deixei mil furos, mil mancadadas  
Talvez esteja andando em linhas tortas.  
Mas por enquanto eu vou te amando é o que me importa.

---

<sup>38</sup> O grupo chama-se Brô MC's e é formado por quatro jovens da aldeia Jaguapiru Bororó em Dourados, cidade a 225 quilômetros de Campo Grande e que cantam músicas na língua guarani. Disponível em: <<http://www.rapnacional.com.br/portal/bro-mc%C2%B4s-1%C2%BA-grupo-de-rap-indigena/>>. Acessado em 02 de agosto de 2012.

Mas você também não é rota principal.  
E toda estrada tem final.  
Eu quero saber é:  
Como vou deixar você se eu te amo.

Este jogo intertextual nos leva ao significado da palavra paródia trazida por Shipley *apud* Sant'Anna. Segundo ele, o termo tem origem musical e “implicava a ideia de uma canção que era cantada ao lado de outra, como uma espécie de contracanto,”. (SANT'ANNA, 1998, p. 12). É importante salientar que apropriações, colagens e montagens como esta e outras feitas nos raps não são inovações, ao contrário, em Literatura são amplamente utilizadas por poetas desde os clássicos aos pós-modernos.

O que deve ficar claro, no entanto, é que a maior força do rap está em suas letras, na capacidade do *rapper* de difundir o seu pensamento a respeito dos fatos que o circundam. Para Gilroy (2001) esse estilo híbrido e criativo de desconstruir e reconstruir é um processo da diáspora negra, um produto da escravidão que altera a relação do ouvinte com o texto a ponto dele se perguntar qual é a música original, devido à ressignificação dessa fusão atuando na forma como é ouvida e entendida pelo ouvinte:

Instrumentos acústicos e elétricos são inorganicamente combinados com sintetizadores digitais, uma multiplicidade de sons encontrados, gritos típicos, fragmentos mordazes de discurso ou canto e amostras de gravações anteriores – tanto vocais como instrumentais – cuja textualidade aberta é atacada em afirmações brincalhonas do espírito insubordinado que amarra essa forma radical a uma importante definição de negritude. (GILROY, 2001, p. 212).

Como vimos, há uma série de experiências do rap com outros estilos musicais por todo o Brasil, entretanto, classicamente se costuma diferenciar estilos desse gênero. Um deles, o responsável pela má fama na sociedade ligando-o às gangues e à delinquência, é o *Gangsta Rap* (Rap Gângster). O conteúdo de suas letras tem temática violenta, incita o uso de drogas, a imagem de seus cantores está associada a carrões e belas mulheres, às ações de gangues e o registro vocabular é repleto de palavrões. Um dos representantes deste estilo em Brasília era o grupo Câmbio Negro e depois de sua dissolução, o Álubi e o Cirurgia Moral, ambos da Ceilândia. Em “Pague pra entrar, reze pra sair” de 1997, temos um registro deste estilo:

(...)  
Dia e noite sempre estão atentos  
Procuram vagabundas pra curtir em seu assento  
Opala sete um, banco de couro...  
A madrugada começa e pra eles vale ouro

É quando tudo, tudo pode acontecer  
Prepara os ferros que agora é pra valer  
Maluco agora na estia pra fazer a boa  
Empurra os ferro nas ideia não perdoa

Duas putas no banco de trás  
Antes ficassem quietas e nada mais  
Agora tão na barca vão morrer por ai.  
Pague pra entrar e reze pra sair

Já o rap Gospel, com teor religioso, prega os ideais de Jesus Cristo, e no DF há muitos grupos das mais variadas congregações cristãs e protestantes levando a palavra bíblica aos jovens da periferia. O grupo Apocalipse 16 representa bem o estilo na voz do pregador Luo no excerto seguinte:

(...)  
Fique longe da prostituição, impureza, lascívia  
Idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias,  
ciúmes, iras, pelejas, dissensões, criminosas facções,  
invejas bebedices e orgias, ou coisas semelhantes  
como mentira e traição, suicidas e racistas também podem ter  
nova vida, pois Jesus ainda pode esperar um pouco mais,

Ele bate em seu coração espera que você possa ouvir sua  
voz, se tiver ouvindo deixa ele entrar e convida pra ceia e  
seja um bom mordomo se vencer a carne vai poder sentar  
no trono, a vida é louca mais quem tem ouvidos ouça não  
se endureça, pois o espírito de Deus fala com sua igreja,  
fala com seu templo e você é o templo,  
viva um novo tempo, pois é claro que Jesus  
também se entristecesse, pois Jesus espera mais,  
espera que você seja mais amoroso, tenha mais gozo, mais paz,  
seja mais paciente, mais benigno,  
seja bom, seja fiel, Deus espera mais,  
mais mansidão, mais autocontrole,  
contra essas coisas não há lei,  
crucifique a carne para fazer viver eternamente o espírito,  
sem orgulho e sem inveja vamos todo mundo pra nova terra,  
aonde todo mundo é igual, nova África celestial aonde Deus ainda  
espera por você .

Papai perdoai, aqui ninguém sabe o mal que faz  
Incapazes de manter a paz  
Você partiu e não voltou mais  
Sei que Deus Esperava Mais  
A minha oração é essa  
Senhor volte depressa  
Andamos sem rumo, sujos, com sede  
O destino que traçaste pra nós com certeza não é esse  
(APOCALIPSE-16, Deus esperava mais, 2006).

O rap Pop é a versão mais comercial do estilo, abandonando a ideologia do Hip Hop – sendo por isso censurado por rappers mais politizados e combativos e quem atuam no movimento Hip Hop . Com ênfase mais no refrão, o som é melódico com letras nem agressivas, nem profundas. É o rap mais dançante e tem como representante mais expressivo o *rapper* Emicida, cujas letras falam de romance, amizade, dentre outros assuntos mais amenos.

Bem leonina, menina, mandona  
Linda, sabe da sina, mina valentona  
Fina, cheia de razão, rainha, foliona  
Ela, descortina o novo, bota fim na zona  
Teu olhar ilumina, abomina o cafona  
Amazona e bailarina, toda bonitona. (pá)  
Ela é purpurina, esquina e paquitona. (também)  
9 da matina, um café na poltrona. (ó)  
Dona da rotina, mamãe corridona  
Defina efeito sanfona, se acha esquisitona  
Cafeína, Maracujina, moça respondona  
Feiona em dia ruim, mas sempre bela dona  
Maestrina do lar e popstar, Madona  
Sovina dança, opina, sorri e faz carona  
Quer ser minha pequenina e pro mundo grandona  
Meu negócio da China, caipira, brigona

Eu gosto tanto dela, a ponto de querer tá perto, pronto  
Não tem outro jeito de me ver sorrir  
É louco o efeito dela, aqui. (EMICIDA, Eu gosto dela, 2011)

Gabriel, o Pensador, também faz a linha mais televisiva do rap, inclusive, é contratado por uma grande gravadora, a Sony Music. Seu estilo de rap alia bases de rock, funk, reggae, samba com temas que falam sobre corrupção, liberdade, violência, racismo e comportamentos sociais estereotipados como o dos *playboys* e o das "loiras burras" sempre em tom satírico, irônico e bem-humorado. Não é uma voz legítima da periferia, mas é tratado pela mídia como um grande *rapper*.

No rap *Freestyle*, geralmente há o duelo entre dois *rappers* nas chamadas 'Batalhas de Rap'. Nelas, o combate se faz com rimas improvisadas a partir de um tema dado ou em ataques mútuos. O público decide o vencedor pela habilidade do poeta em rimar e pela qualidade das rimas. O exemplo desse estilo fica a cargo do *rapper* Dú:

Freestyle  
Du Rap

{Int.}

É, isso aí, hip hop, rap, aqui, eu vou fazer o que eu sei que é rimar, vou fazer um freestyle, escuta aí

{Parte 1}

Querer não é poder, você vai ter que aprender, não é tudo que cê quer que você vai poder ter, quer mulher, quer dinheiro e na garagem um carrão e se esquece do importante que é a paz no coração. Eu sou o Dú vim aqui pra te dizer, consciência é a chave pra você poder crescer, tô na rua com os amigos troco ideias de montão, tô de boa com a vida, tô de boa com os irmãos, dá licença eu vou chegar e no freestyle eu vou rimar, a vida é muito curta é preciso aproveitar lembro do passado que eu era um menino, agora que cresci só faço arte porque rimo, dinheiro não é tudo o que precisa é humanidade, muito amor no coração, muita paz e humildade, para todo esse Brasil eu peço que não se calem é pra todos os rappers que eu tô fazendo esse freestyle então, sem humanidade o Brasil não vai pra frente, o que eu desejo é muita paz, paz pra nossa gente.

Se vocês acham que acabou está apenas começando, é pra toda minha família que esse rap eu tô cantando. Por que pra mim, o rap não é bobagem, eu não vim aqui pra falar de sacanagem, eu vim aqui pra falar que o rap é interessante, por isso que eu tô cheio de Cd na minha estante, constantemente eu faço uma rima inteligente sem nenhuma tristeza, sempre contente, porque é só alegria, caminhando, conquistando o pão de cada dia, fazendo sempre um Freestyle. À noite pode crer que eu vou pro baile, zoar paquerar as mina, sair um pouco fora da rotina, se liga, se você tá gostando continuando no freestyle eu vou rimando, é, rap é o proceder, eu tô aqui sabe pra quê? Eu tô aqui pra mostrar o meu talento, quando esqueço a letra no freestyle eu invento.

Cambuí minha cidade, ela é doideira só tô falando a verdade, não tô falando besteira, como dizia o Sabotage, 'rap não é viagem'. Os Playboy fica tirando, só de sacanagem, mas eu tenho um lema, rap na cabeça, Deus no coração, eu tenho certeza que o hip hop e o rap crescem todo dia, e que eu no freestyle nunca me calaria, represento o sudeste, moro em Cambuí, tento mostrar pra vocês, como é aqui, mas eu pego o microfone e falo, que no jogo do freestyle pode crer que eu não me calo.

O rap *Underground*, do qual GOG é representante, tem como ideologia a independência de seus músicos em relação às gravadoras e à mídia televisiva. O discurso deste estilo não se encaixa na linha de pensamento da indústria cultural vigente, preocupada apenas com o consumo e voltada para músicas que falam de amor, felicidade, riqueza, beleza, etc. As canções deste estilo de rap tratam de problemas sociais das comunidades pobres e iletradas, de questões étnicas, da violência. Não são temas leves, não há com o que sorrir, contudo o *raper* pretende apontar caminhos para a mudança com o seu discurso. Podem ser citados como artistas *undergrounds*, o grupo Racionais Mc's, MV Bill e Sabotage:

Rap é Compromisso

Na Zona sul, Zona Sul, Zona Sul Zona Sul

Hoje choveu nas Espriadas  
Ah! Policia sai do pé, Policia sai do pé  
Mas mesmo assim ninguém sabe de nada  
Ah! Policia sai do pé, policia sai do pé  
que eu vou dar um pega no...

O RAP é compromisso, não é viagem  
se pá fica esquisito, aqui Sabotage  
favela do Canão, ali na Zona Sul  
Sim, Brooklyn

Tumultuada está até demais a minha quebrada  
tem um mano que levando, se criando sem falha  
não deixa rastro, segue só no sapatinho  
conosco é mais embaixo, bola logo esse fininho  
bola logo esse fininho e vê se fuma até umas horas  
sem miséria, do verdinho  
se você é aquilo, tá ligado no que eu digo  
quando clareou pra ele é de 100 gramas à meio quilo  
mano cavernoso catador eficaz  
com 16 já foi manchete de jornal, rapaz  
respeitado lá no Brooklyn de ponta a ponta  
de várias broncas, mas de lucro, só leva fama  
hoje tem Golf amanhã Passat Metálico  
de Kawasaki Ninja às vezes 7 galo  
exemplo do crime, eu não sei se é certo  
quem tem o dedo de gesso tromba ele é o inferno  
disse muitas vezes não não era o que queria  
mas andava como queria, sustentava sua família  
vendendo um barato de campana, algo constante que ele insiste  
na resposta não desanda, não pode tomar blitz  
insiste, persiste, impõe que é o piolho  
na Zona Sul é o terror ele é o cara, do morro  
com a mente engatilhada, o Alibi escutava  
ao mesmo tempo registrava, quem deixava as falhas  
dizendo que os manos que foram ficou na memória  
por aqui, só fizeram guerra toda hora  
acontecimentos vem revela vida do crime não é pra ninguém  
nem quanto houver desvantagem  
só ilude um personagem, é uma viagem  
a minha parte, não vou fazer pela metade  
nunca é tarde, Sabotage  
está é a vantagem  
RAPPER de fato grita e diz

O RAP é compromisso não é viagem  
se pá fica esquisito aqui Sabotage  
favela do Canão ali na Zona Sul  
Sim, Brooklyn

O dia-dia então reflete esperança  
e quando saber de avoadá aí, longe das crianças  
ele deslança, tanto no campo ou na quadra  
morreu mais um na Sul, o boato rolava  
cabrero, ligeiro, trepado e esperto  
tamanduá que te abraçar que te lançar no inferno  
com o tempo se envolveu, em várias áreas  
BNH Espriada Conde Canão Ipiranga  
Zona Leste e Oeste, Jaragua e Itaipçu

mas é tio quem viu viu, o crime não é Bombril  
que acionado, ativa mais de mil utilidade  
na alternativa se eu sei você sabe  
Deus ajuda é verdade, vai na fé não na sorte  
tremendo alguma zinca foi descansando revólver  
não se envolve, não é loque, sem banca, sozinho  
do tipo Zé Polvinho até na missa de domingo  
tava indo, rezar, se arrependeu e pá

- E aí ladrão e aquela lá?  
- Nem dá, tô devagar

passasse uma semana, e tudo começava  
e no lugar que nasceu a fama só aumentava  
não era o Pablo Escobar  
mas era o cara e pá  
num caminhão, a profissão não exige calma  
o crime é igual o RAP  
RAP é minha alma  
deite-se no chão  
abaixem suas armas (SABOTAGE, 2000).

Dadas as diversidades de estilos, o rap brasileiro ainda sofre um *apartheid* por parte das grandes gravadoras também por não ser considerado genuinamente MPB, principalmente, por sua transnacionalidade. As letras das canções são desconsideradas como poesia. Desconfio de que todo esse preconceito tenha a ver com a situação de seus produtores, a maioria deles periféricos, pretos e pobres. Enquanto não seja considerado como MPB, reste o rótulo de Música Preta Brasileira, como o definem alguns artistas.

Salles (2007) considera o rap como literatura menor e elenca características para embasar seus argumentos apoiado em Deleuze e Guatarri. O primeiro argumento se refere ao trato com a língua, “marcada pelos traços de um modo negro de ser” (p. 47) com características políticas e coletivas. Incomodou-me essa interpretação redutora do termo, prefiro pensar o rap em simbiose com a Literatura marginal, divergente.

## **2.2 Literatura marginal ou divergente?**

Literatura marginal contemporânea é como se autodenominam alguns escritores que vivem em periferias do Brasil, principalmente de São Paulo. Ferréz, Sérgio Vaz, Sacolinha Graduado são nomes que se destacam neste caminho literário. Ferréz (apud Nascimento, 2006), idealizador do projeto de



divulgação da Literatura marginal em entrevista dada à revista *Caros Amigos*, comenta sobre o termo com o qual se cognominam:

Eu sempre fui chamado de marginal pela polícia e quis fazer como o pessoal do hip hop que se apropriou de termos que ninguém queria usar. Já que eu ia fazer a minha revista maloqueira, quis me autodenominar marginal. Eu fiz como os rappers, que para se defenderem da sociedade, aceitam e usam os termos 'preto' e 'favelado' como motivos de orgulho. Depois surgiu a revista, porque eu já colaborava com a *Caros Amigos* e fiz a proposta de trazer outros escritores em um número especial, mas tinha que ser da periferia, disso eu não abri mão. Eu ia para as palestras e as pessoas vinham conversar comigo e se identificavam com o que eu fazia e com a minha denominação marginal – desde a Dona Laura, que é uma líder comunitária de uma colônia de pescadores, até os rappers que eu já conhecia. A história da literatura marginal começou assim, eu nem bolei nada, só peguei a referência do Plínio Marcos e do João Antônio. (NASCIMENTO, 2006, p.50).

Na fala de Ferréz, é clara a identificação com a ideologia Hip Hop e o orgulho de se apropriar de termos não politicamente corretos para marcar sua identidade. GOG, identificado com a causa travou amizade com Ferréz, Sérgio Vaz, Alessandro Buzo, Sacolinha Graduado, com o professor universitário Néelson Maca, entre outros. Ele participou de algumas edições especiais da Revista *Caros Amigos/ Literatura Marginal*, tendo suas letras apontadas como referência para alguns escritores que publicaram na referida revista, segundo pesquisa de Nascimento (2006). Para GOG a aproximação com a Literatura marginal e os movimentos culturais é imperativa para a sobrevivência do texto e evolução do Hip Hop.

Quanto à palavra marginal, ela tem uma carga semântica forte e ambígua, que pode ser lida tanto como a pessoa com problemas com a lei quanto a pessoa que está à margem do sistema econômico e social e vive na periferia. É preciso frisar que a Literatura marginal contemporânea se distingue da Literatura marginal dos anos 1960/70, que se atrelava à classe média e a universitários.

Segundo Mattoso (1981), o termo marginal é emprestado das Ciências Sociais para qualificar a pessoa que vive entre duas culturas em conflito ou que se libertou de uma cultura e não se integrou de todo em outra, ficando à margem das duas. Na linguagem popular, e na acepção que tem em nossos dias, refere-se às minorias discriminadas ou a tudo que não se harmoniza com um modelo instituído. Obra e autor não condizentes com o padrão estabelecido

quanto à criação, apresentação ou veiculação seriam tidos como marginais, assim como artistas independentes e alternativos contestadores do sistema.

O questionamento de Mattoso sobre se a poesia depende essencialmente do que se fala, de como se fala, da própria fala, ou não depende de nada nos leva ao eterno questionamento do que seja poema/poesia. E reforço o questionamento: há algo obrigatório, imperioso ou sacralizado em um poema fora a estetização imagística? A resposta é não, ao contrário, ele é o mais marginal e democrático dentre todos os gêneros literários, porque nele cabe tudo, por ter uma capacidade de renovação e transformação ímpares. Neste sentido convém lembrar que:

Os espaços dogmáticos dentro da arte literária se fluidificaram e as patrulhas acadêmicas, de voz excludente, estão cada vez mais mostrando o vazio de seu discurso, já que no mundo globalizado, o grande valor de sobrevivência é a incorporação e não a exclusão. (CYNTRÃO, 2004, p. 125).

Conforme Mattoso (1981), antes do Tropicalismo não se ouviu falar em Literatura marginal. O termo utilizado para nominar uma corrente literária é impreciso e sem cientificidade, além de levantar questões sobre os critérios que distinguem a literatura marginal da não-marginal. Ponge (1981) questiona-se sobre os elementos que definiriam o termo:

- seria o número de livros vendidos?
- seria a composição social dos leitores?
- seria a classe social (ou até, classe social de origem do escritor?)
- seriam os temas tratados?
- seria a forma?
- seria a língua?
- seria a editoração?
- seria o enfoque, o ponto de vista? Seria ele burguês ou não burguês? Se fosse não-burguês, seria necessariamente marginal, ou o enfoque marginal seria apenas uma parte do não-burguês? Teria, então, de ser um enfoque proletário? ou revolucionário? Ou antiburguês? Ou apenas revoltado? Ou a marginalidade tem pouco a ver com essas coisas? Ou o que é?
- seria... ? (PONGE, 1981, p. 138).

Falava-se em marginalização do autor em face da crítica, do mercado editorial, e se sabe que muitos cânones literários hoje tiveram que imprimir e distribuir por seus próprios meios seus primeiros livros, porém:

Não há um trabalho coletivo ou grupal orientado e posicionado contra ou a favor de determinados conceitos. Se existem traços comuns à maioria dos autores da década (1970), são eles a desorganização, a desorientação e a desinformação. E mais: a despreocupação com o próprio conceito de poesia e o descompromisso com qualquer diretriz estética resultaram numa espécie de displicência (...). (MATTOSO, 1981, p. 29).

Paulo Leminski define o termo assim:

Marginal é quem escreve à margem,  
deixando branca a página  
para que a paisagem passe  
e deixe tudo claro à sua passagem.

Marginal, escrever na entrelinha,  
sem nunca saber direito  
quem veio primeiro,  
o ovo ou a galinha. (LEMINSKI, 2006, p. 70)

Heloisa Buarque de Holanda (apud Mattoso, 1981) define poesia marginal como a que emprega o estilo coloquial, caracterizada pelo emprego de gírias e um vocabulário chulo, com uma sintaxe isenta de regras gramaticais, tal como o linguajar falado com atitude anti-intelectual e antiliterária.

Cacaso<sup>39</sup> (1985, p. 69), poeta marginal, escreve com humor, leveza e sem erotismo velado:

**ARCA DE NOÉ** (p/ João Carlos Pádua)

Nasceu  
Fudeu

E também:

**Busto Renascentista**

quem vê minha namorada vestida  
nem de longe imagina o corpo que ela tem  
sua barriga é a praça onde guerreiros se reconciliam  
delicadamente seus seios narram façanhas  
inenarráveis  
em versos como estes e quem  
diria ser possuidora de tão belas omoplatas?

feliz de mim que frequento amiúde e quando  
posso a buceta dela (*Idem*, p. 95)

---

<sup>39</sup> Antônio Carlos de Brito, conhecido como Cacaso (Uberaba, 13 de março de 1944 — Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 1987), foi um professor universitário, letrista e poeta brasileiro. Foi ícone da chamada poesia marginal brasileira da década de 1970.

Chacal<sup>40</sup> (1984, p. 90) seguiu uma linha lúdica:

**É proibido pisar na grama**

o jeito é deitar e rolar.

A Literatura marginal contemporânea está relacionada a pessoas que atuam em um mesmo espaço social e se utilizam da literatura para se expressarem como indivíduos marginalizados social e economicamente. O estreitamento desta literatura com os *rappers* é simbiótica tanto que há *rappers* que escrevem em outros gêneros e também há publicações de raps em três edições especiais da revista *Caros Amigos* destinada à Literatura marginal.

Além disso, as participações de *rappers* declamando suas letras nos saraus pelas periferias reforçam o estreitamento dos dois movimentos. Para elucidar, GOG já participou de saraus da Cooperifa<sup>41</sup>, seja declamando seus raps, seja improvisando. Por outro lado, em 2003, Sérgio Vaz inovou ao gravar o poema “Um sonho” no CD da Família GOG e, em 2007, GOG o convidou a fazer uma intervenção poética no show que deu origem ao Dvd *Cartão Postal Bomba!*, sendo muito aplaudido e emudecendo o público ao declamar o seu poema “Os miseráveis”<sup>42</sup> que confronta as diferentes realidades de duas crianças : Vítor e Hugo.

---

<sup>40</sup> Pseudônimo de Ricardo de Carvalho Duarte; Rio de Janeiro, 24 de maio de 1951) é poeta e letrista brasileiro. Foi um dos primeiros poetas da década de 1970 a se utilizar do mimeógrafo para divulgar sua poesia.

<sup>41</sup> Cooperativa Cultural da Periferia, fundada pelo poeta Sérgio Vaz em 2001, funciona em um bar em São Paulo, como espaço disseminador da leitura com a realização de famosos saraus, oficinas e outras atividades culturais com o apoio de artistas amadores, músicos, artistas plásticos e, principalmente poetas.

<sup>42</sup> “Vítor nasceu... no Jardim das Margaridas.

Erva daninha, nunca teve primavera.

Cresceu sem pai, sem mãe, sem norte, sem seta.

Pés no chão, nunca teve bicicleta.

Já Hugo, não nasceu, estreou.

Pele branquinha, nunca teve inverno.

Tinha pai, tinha mãe, caderno e fada madrinha.

Vítor virou ladrão, Hugo salafrário.

Um roubava pro pão, o outro, pra reforçar o salário.

Um usava capuz, o outro, gravata.

Um roubava na luz, o outro, em noite de serenata.

Um vivia de cativoiro, o outro, de negócio.

Um não tinha amigo: parceiro.

Cabe destacar que o intertexto com a obra *Les Misérables* de Victor Hugo, escritor francês, é proposital na medida em que aproxima o tema da injustiça social da França do século XIX com a dura realidade vivida nas periferias brasileiras do nosso século, ou seja, histórias de pobreza e injustiças perpetuam-se no tempo.

Segundo Nascimento (2006), Sérgio Vaz inseriu em seu livro *A poesia dos deuses inferiores* um trecho da letra “Fogo no pavio” de GOG. Esse compartilhamento reforça a legitimidade dos discursos e a união dos excluídos. Ao promover o “Sarau Rap” pelo projeto Poesia das Ruas, Sérgio Vaz eleva as letras de rap à categoria de Literatura marginal:

O Sarau RAP é um sarau dirigido a rimadores e rimadoras do Rap. Um espaço para o exercício da criação poética e da oralidade. Sem música, MCs declamarão suas letras, compartilhando talento literário. O Sarau do Rap é realizado em parceria com Secretaria Municipal de Cultura e acontece toda última quinta-feira do mês. Neste novo formato além do microfone aberto para os poetas todo evento contará com uma pequena apresentação musical, um grupo novo e uma já rodado (sic) no cenário do RAP dividirão o palco para encerrar o Sarau. (VAZ, 2012).

Além de Sérgio Vaz, Ferréz faz participações em shows de rap, e Alessandro Buzo é o curador da coletânea literária *Pelas Periferias do Brasil* que chegou ao seu quinto ano em 2011. Nos cinco volumes foram publicados 80 autores de vários estados.

De acordo com Buzo, GOG foi convidado para a primeira edição e indiretamente para a segunda com o HQ que Alexandre de Maio desenhou inspirado na letra da canção “O amor venceu a guerra.”. Em entrevista a Pimentel (2007) GOG fala sobre Hip Hop e Literatura marginal:

O rap é o canto falado da periferia, e a poesia marginal é o texto escrito, é caneta e papel na mão. As letras do Sérgio são raps, só falta musicar. Os textos do Ferréz são raps, é só pegar e musicar aquilo ali. É até um projeto que um dia pode acontecer: pegar as

---

O outro, tinha sócio.

Retrato falado, Vítor tinha a cara na notícia,  
enquanto Hugo fazia pose pra revista.

O da pólvora apodrece penitente, o da caneta  
enriquece impunemente.

A um, só resta virar crente, o outro, é candidato a presidente.” (Transcrito a partir da audição do DVD Cartão Postal Bomba!).

poesias desses grandes autores. Eu estava um dia desses conversando com o Nelson Maca (autor que participa do movimento da Literatura Marginal), lá de Salvador: até incomoda essa fi- ta de poesia marginal, quando nós somos o centro do problema, nós estamos no centro. Na realidade, marginal é quem está à margem disso aí tudo. Mas veja como o Hip Hop está comandando, movimentando uma roldana hoje. Você vê que esse discurso, essa caminhada, do rap engajado, a literatura, tende a ser mais universal que o discurso da “sabedoria de rua” (SPENSY, 2007, p. 123).

Nelson Maca, no dia 24 de setembro de 2012, lançou em seu blog um manifesto chamado “Manifestação da literatura divergente ou Manifesto encruzilhador de caminhos”. Na introdução de seu texto ele agradece às pessoas queridas pelas críticas feitas aos seus escritos sobre o tema e aproveita para agradecer também ao GOG pelas trocas de ideias sobre Literatura divergente e a ele se refere como o parceiro com o qual “aprendi a ser cúmplice em tudo que penso e faço”.

Em seu manifesto prefere denominar a literatura periférica, em divergência com os cânones, de maneira mais global e a chama de Literatura divergente. Essa literatura também é convergente por abarcar uma infinidade de temas caracterizados pela ruptura e pelo hibridismo.

Para Maca:

(...)a escrita, em si e somente, não dá conta das possibilidades do fazer literário divergente. O primeiro e grande passo da Literatura Divergente é a reintrodução categórica da oralidade e outros "desvios de conduta" como elementos prenes de potencialidades criadoras na literatura. (MACA, 2012).

Apesar da importância da oralidade na elaboração da textualidade divergente, o binômio escrita-oralidade não esgota as possibilidades híbridas da Literatura divergente. Sincretismo é a palavra de ordem ao se aliar ao som, à música, à plasticidade, ao corpo, ao gesto, mas não se fecha nestes.

O professor Maca destaca que não pretende de forma ingênua e superficial conceituar academicamente uma estética, embora saiba que esta será uma consequência direta desta manifestação que traz em seu cerne múltiplas textualidades fundamentadas no conflito e por ele “transitar entre a casa e a rua, ou ainda, entre o universal e o particular.”.

A Literatura é divergente, porém convergente na conformação de sua linguagem, por se agrupar em torno de questões sobre raça, gênero, classe, religião, sexualidade e outros temas porvir que compõem um sistema literário

agregador ao redor de uma comunidade que partilha semelhanças. Ela não tem pretensões de ocupar um centro hegemônico, sua atitude é de desrespeito a ele: “O descentramento do centro - paralelamente à desmarginalização da margem - é a substância de combustão que a impulsiona.”. (*IBIDEM*, 2012).

Creio que a palavra liberdade define bem o conceito que Maca queira propagar, bem ao gosto dos Modernistas, mas de maneira ampla por abarcar outros temas, ideias, valores e pessoas. Liberdade para desobedecer às regras da escrita, a favor do hibridismo, na ampliação de fronteiras ao se fundir fala, prosa, canto, mímica, dança, pintura e o que mais vier e, sobretudo, na inserção de pobres e pretos como produtores literários que falam sobre sua invisibilidade, da cegueira social, de sua castração perante a sociedade.

Maca adverte que: “As denominadas posturas marginais da literatura são essencialmente ‘Literatura divergente’, mas a ‘Literatura marginal’ pode deixar de ser ‘Literatura divergente’”. Serve de exemplo para o conceito propalado por Maca a diferenciação da ‘Literatura negra’ divergente feita pela vontade de produção notadamente de pessoas negras, da estabelecida, consagrada, ou seja, de terceiros (acadêmicos?) que escrevem sobre a situação dos negros. Justifica essa literatura feita de dentro para fora:

Logo, a Literatura Divergente não age no sentido de diluir, apagar, invisibilizar, negar, e nem mesmo nivelar as especificidades dos discursos pontuais: convergentes. Querer fazer literatura, mesmo carregando um corpo físico oriundo dos bolsões de miséria e pouco letramento oficial e normativo, é um desejo social potencialmente divergente!

E nos alerta sobre a compreensão simplista do que seja Literatura divergente, que engloba as Literaturas citadas, mas não se restringe a elas:

Compreender - com rapidez e superficialidade - o conceito Literatura Divergente como simples redundância de conceitos já em voga (como Literatura Marginal, Literatura Periférica, Literatura Maldita, Literatura Proscrita, Literatura Maloquerista, Litera-Rua...) implica na mesma simplificação redutora e enganadora da afirmação que o conceito Ser-Humano é pura redundância dos conceitos Negro, Branco, Índio, Oriental, Ocidental, etc.

O propósito de Maca, ao lançar o seu manifesto, é dialogar com pessoas que possuam mentalidades divergentes. Não é uma manifestação voltada para

os críticos ou os que assim se julgam, nem para os escritores ‘leões fiéis’ a guardar a “lei da escrita e de sua permanência” que, segundo eles, estabelece a “textura de excelência e o ‘para sempre’ dos clássicos pelos seus méritos desde Homero.”.

A Literatura divergente afirma as diferenças, ela luta pelas distinções particulares e materiais de indivíduos que partilham de um coletivo social divergente com uma estética convergente pelo desejo de pertencimento. Seu idealizador confirma que é a “cidadania diferenciada que moveu a obra e seu agente em direção à prática de uma literatura transgressora, descolonizadora, experimental e prospectiva.”.

Percebemos que o manifesto do professor Maca é um ensaio inicial para agrupar em uma mesma denominação produtores da periferia em torno de questões que lhe dizem respeito e afrontam o *status quo* literário que ainda predomina.

Pelo exposto, podemos concluir que o rap é um transgressor: é música que não é cantada, mas falada, que incorpora vozes, barulhos, trechos de outras músicas. Enquanto sistema poético abusa de narrativas repletas de gírias, intertextualidades, que servem para passar uma mensagem com ritmo e rimas. Enquanto ideologia se assume como protesto feito por artistas populares que se rebelam contra a discriminação por fatores sociais e étnicos. Resumindo: rap é uma estética da vida pós-moderna e profundamente dialógica, híbrido divergente do cânone musical e também do literário. É, portanto, Literatura divergente também.



## CAPÍTULO III

### 3.1 A rima denuncia – versos repletos de intenções

A rima tem urgência, o caso é complicado.  
Tem que ser certa, não pode errar o alvo.  
GOG

Umberto Eco, ao abordar sua teoria sobre processos interpretativos, concebe uma interessante discussão das intenções tríades possíveis a um texto (interpretação como pesquisa da *intentio auctoris*, interpretação como pesquisa da *intentio operis* e interpretação como imposição da *intentio lectoris*), opondo este enfoque interpretativo ao enfoque gerativo, no qual prevê as regras de produção de um objeto textual pesquisado sob uma ótica objetiva em que não se pretende reproduzir as intenções do autor, ou seja, a abstração do texto ganha sentido na dinâmica de sua linguagem, o que, para ele, independe da vontade do seu autor.

Dessa forma, as seguintes oposições são colocadas: “Deve-se buscar no texto aquilo que o autor queria dizer”; ou “Deve-se buscar no texto aquilo que ele diz, independentemente das intenções do autor.” (ECO, 2000, p. 7) Se se aceita a segunda acepção, articula-se ainda que: “é preciso buscar no texto aquilo que ele diz relativamente à sua própria coerência contextual e à situação dos sistemas de significação em que se respalda;” ou “é preciso buscar no texto aquilo que o destinatário aí encontra relativamente a seus próprios sistemas de significação e/ou relativamente a seus próprios desejos, pulsões, arbítrios.” (*IBIDEM*).

Este é o debate que se coloca sobre a redefinição do papel da interpretação, ao que Eco (1993) afirma que alguns leitores acabaram extrapolando nos seus direitos de interpretar. Ele pondera que esses excessos acarretam, na maioria dos casos, interpretações excessivas, ao que chamou de superinterpretação. Os limites para a interpretação se dão nesse sentido.

Na verdade, Eco afirma que uma gama de interpretações é possível a partir de um texto, tais quais múltiplas são as subjetividades dos leitores,

contudo, ao leitor é negado o poder de deduzir o que bem entender do texto, e o semiólogo opta pela *intentio operis* como propósito fundamental:

Em alguns dos meus escritos recentes, sugeri que entre a intenção do autor (muito difícil de descobrir e frequentemente irrelevante para a interpretação de um texto) e a intenção do intérprete que (para citar Richard Rorty) simplesmente “desbasta o texto até chegar a uma forma que sirva a seu propósito” existe uma terceira possibilidade. Existe a intenção do texto. (ECO, 1993, p. 29).

Portanto, para Eco, o texto possui as suas verdades independentemente das verdades de seu autor, o qual ele diferencia como autor modelo, limiar e empírico. Ele considera este último totalmente irrelevante para a interpretação de um texto, o que é bastante discutível, porquanto haja o reconhecimento do teórico de que possa haver intencionalidades do autor ao conceber o seu texto. Embora: “Temos de respeitar o texto, não o autor enquanto pessoa assim-e-assim. Todavia pode parecer um tanto rude eliminar o pobre autor como algo irrelevante para a história de uma interpretação.”. (ECO, 1993, p. 77).

O parâmetro teórico de Eco, ao considerar o papel do autor como irrelevante para a interpretação de um texto, é contestável e carece de reflexões mais profundas. Sua teorização, neste caso, deixa brechas, pois o próprio teórico dá um tom de incerteza ao falar da eliminação do autor na interpretação da obra.

Devemos admitir que em alguns casos nem sempre a intenção do autor encontra o que realmente está escrito em sua obra. Por exemplo, quando GOG, como autor empírico, explica uma de suas composições: “Em Jogo Bruto, eu quis questionar a sociedade e suas instituições: polícia, imprensa, família, formadores de opinião. Meu ponto de vista é o de alguém que percebe, inconformado, a lógica perversa dessas instituições.” (GOG, 2012, p. 19).

Na verdade, na canção citada, temos o relato de um locutor desesperançado com o sistema capitalista e com um desejo utópico de que o “doutor” seja condenado a cumprir sentença tornando-se um favelado e acabe, assim descobrindo o quão duro é viver em uma favela. “Seu doutor” é um constructo metonímico o qual define pessoas com alto poder aquisitivo e que estão tão voltadas para seus mundos particulares que não têm ciência do que seja uma favela simplesmente por ignorá-la:

Sim, nós venceremos!  
Não, não perdoaremos.  
Com licença, seu doutor, ou o que for.  
A rede de intrigas se formou e o derrotou

E, ao contrário do que você pensa,  
Sua sentença não será cumprida na cela,  
E sim numa favela igual àquela  
Que aparecia na tela  
Da TV, e você, de camarote, ousava dizer:  
- Nada disso existe! Só vendo pra crer! (GOG, 2012, p. 26).

Nesta canção, o doutor acaba empobrecido somente pelo desejo do locutor o que se percebe pelo verso vago e uma imprecisa “rede de intrigas (que) se formou e o derrotou”.

Isso confirma que as intencionalidades do autor ao conceber os seus escritos pode não servir como guia de leitura para a mensagem que se queira transmitir, pois a sua intenção pode ser uma, mas ele acaba transmitindo outra. A abstração do que há em sua mente não consegue ultrapassar a barreira que há entre os seus pensamentos e a escrita eficaz destes para o papel. Ele fica com a impressão de que suas intenções estão implícitas e, na verdade, não estão. O leitor pode enxergar outros significados que fogem à percepção do próprio autor empírico:

Poder-se-ia dizer que um texto, depois de separado de seu autor (assim como da intenção do autor) e das circunstâncias concretas de sua criação (e, conseqüentemente, de seu referente intencionado), flutua (por assim dizer) no vácuo de um leque potencialmente infinito de interpretações possíveis. (ECO, 1993, p. 48).

As intenções do autor são aquelas que o leitor decodifica ao lê-lo a partir da sua perspectiva leitora. Se há uma intenção do autor (e sempre há) no momento em que a transfere para o texto ela é contemporizada para o leitor que desvenda os seus recados e pertinências de acordo com o cabedal de informações que possui a respeito do tema, da mensagem nela contida. É preciso ter em vista que um texto é sempre autônomo e o autor ao compartilhá-lo com o leitor possibilita que este o interprete sob um ponto de vista dentre vários possíveis, porque a significação também está no leitor dependendo do conhecimento que tem do mundo e a competência que o texto lhe exige:

Um texto é um dispositivo concebido para produzir seu leitor-modelo. Repito que esse leitor não é o que faz a “única” conjectura “certa”. Um texto pode prever um leitor-modelo com o direito de fazer infinitas conjecturas. O leitor empírico é apenas um agente que faz conjecturas sobre o tipo de leitor-modelo postulado pelo texto. Como a intenção do texto é basicamente a de produzir um leitor-modelo capaz de fazer conjecturas sobre ele, a iniciativa do leitor-modelo consiste em imaginar um autor-modelo que não é o empírico e que, no fim, coincide com a intenção do texto. Desse modo, mais do que um parâmetro a ser utilizado com a finalidade de validar a interpretação, o texto é um objeto que a interpretação constrói no decorrer do esforço circular de validar-se com base no que acaba sendo o seu resultado. (*Idem*, p. 75).

A interpretação move-se na leitura dialética em que a obra medeia a interação indireta entre autor modelo e leitor modelo. Ela ocorre quando se respeita a coerência de um texto tendo em vista o léxico e o mundo possível em seu interior.

Os raps de GOG utilizam toda uma sintaxe periférica, com vocabulário que identifica sentimentos e condições de quem é favelado, de quem possui uma cultura definida por este espaço geográfico. As intenções do poeta são explicitamente declaradas em seu livro, em entrevistas, em seus shows, quando o autor empírico tenta adentrar na letra da canção com o uso da 1ª pessoa.

Para Bhabha (2010, p. 66) o “Eu pronominal não pode ser levado a interpelar – em suas próprias palavras - o sujeito da enunciação” porque não se trata de personalização e sim de uma relação espacial no interior das estratégias do discurso. GOG nas canções aparece como grupo, portador de uma fala e não devemos confundir-lo com a pessoa empírica denominada Genival. A esta tentativa, Eco, citando Ferraresi, traz a denominação de autor limiar:

Ferraresi (1987) sugeriu que entre o autor empírico e o Autor-modelo (que não passa de explícita estratégia textual) existe uma terceira figura, um tanto spectral, que ele batizou de Autor-Limiar, ou autor “na soleira”, a soleira entre a intenção de um dado ser humano e a intenção linguística exibida por uma estratégia textual. (ECO, 2000, p. 85).

A obra não deve ser considerada como uma entidade em si mesma, pois ela é fruto de diversas relações. Não compartilho com as ideias de Eco de que o autor morre quando o seu texto nasce, dada a análise que empreendi nos raps de GOG que se expõe em seus escritos de forma autoral mantendo

diálogo com várias esferas sociais, o que encontra Bakhtin (2011), quando diz que o enunciado de um autor está repleto da fala dos outros e uma de suas particularidades é o fato de ser direcionado a alguém que os assimila ou emprega de forma consciente ou não:

Esse destinatário pode ser um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial de comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os adversários e inimigos, o subordinado, o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa íntima, um estranho, etc.; [...] Todas essas modalidades e concepções do destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana e da vida a que tal enunciado se refere. A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado – disto dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado. (BAKHTIN, 2011, p. 301)

Entendido o postulado teórico de Eco e a crítica que faço à *intentio auctoris*, não podemos negar que a partir do texto produzido se reproduz uma intenção semântica e cultural na qual o autor está inserido. O autor empírico fala pelo seu texto por meio do autor-modelo, isto é inegável. Só que o que diz pode se enviesar por um emaranhado de interpretações do seu leitor-modelo.

Os processos de interpretação ora encaminhados extrairão a partir da tessitura do texto, da poética das canções a alteridade nelas presente, considerando a autonomia da obra, deixando-a falar por si, o que acaba ocorrendo nos raps de forma ágil, contestadora, e criativa pelo eu lírico, ou, como prefere Eco, pelo autor-modelo.

Se a *intentio operis* ocorre da disposição do leitor em querer revelá-la através dos elementos nele contido, nosso diálogo se dará de forma franca, sem o que Eco denomina “uso” do texto. Busquemos o elo dialético com a *intentio operis*, afinal: “O texto está aí, e produz seus efeitos próprios” (ECO, 1993, p. 88) ao que só se pode concluir que há muita pesquisa a ser feita neste cenário abstrato e que: “Embora dizendo que um texto pode estimular um número infinito de interpretação e que *Il n’y a pas de vrai sens d’un texte* (Valéry), ainda assim não se tem como certo se a infinidade das interpretações depende da *intentio auctoris*, *operis* ou da *intentio lectoris*.”. (ECO, 2000, p. 8, *grifos meus*).

A falta de conclusão de Eco sobre de quem depende as interpretações de um texto nos leva a afirmar que os limites da interpretação devem levar em consideração a intenção da obra como fonte de significados, fruto da ação do autor empírico na voz do autor modelo, a qual objetiva alcançar o leitor modelo, ou seja, aquele capaz de ler o texto da maneira que ele foi concebido para ser lido, o que não significa ser lido de maneira unívoca, mas passível de múltiplas interpretações. “A intenção do texto não é revelada pela superfície textual. Ou, se for revelada, ela o é apenas no sentido da letra sonogada. É preciso querer “vê-la.”. (ECO, 1993, p. 74).

Buscar-se-á o diálogo com o texto poético de GOG procurando captar o que ele diz e como diz, sempre com uma postura crítica diante das ideias apresentadas por entender que: “É através de processos de interpretação que, cognitivamente, construímos mundos, atuais e possíveis.”. (ECO, 2000, p. XX). Desse modo, concordamos com Cyntrão (2004) quando assevera que:

A verdade é que todo movimento de interpretação coloca o homem em contato com o outro que, ao mesmo tempo, é ele. A consciência da alteridade é condição da identidade do eu e a única possibilidade de interconexão do que significa a essência de ser humano, em sua histórica heterogeneidade regulada; a única possibilidade de entender ontologicamente o dinamismo dialético dos valores e das relações sociointeracionais. (CYNTRÃO, 2004, p.17).

Esse olhar aproxima-se de Bakhtin que valoriza a fala como manifestação social, estreitamente ligada à enunciação e à interação entre os indivíduos que a utilizam em um contexto sócio-histórico. Para ele “[...] a compreensão é sempre dialógica”. (BAKHTIN, 2011, p. 316) e “[...] o interpretador é parte do enunciado a ser interpretado, do texto (ou melhor, dos enunciados, do diálogo entre estes), entra nele como um novo participante. [...] A molduragem do enunciado do outro pelo contexto dialógico”. (*IBIDEM*, p. 329). Bakhtin (*IBIDEM*, p. 332), assevera que a compreensão dos enunciados e das relações dialógicas entre eles é de natureza inevitavelmente dialógica; o entendedor (inclusive o pesquisador) se torna participante do diálogo ainda que seja em um nível especial (em função da tendência do diálogo da interpretação e da pesquisa).

Ainda quanto à interpretação, Bakhtin diz que “[...] interpretar significa compenetrar-se do objeto, olhar para ele com os próprios olhos dele, renunciar

à essencialidade da nossa própria distância em relação a ele; todas as forças que condensam de fora a vida se afiguram secundárias e fortuitas [...]”. (*ibidem*, p. 187).

Assim, a fim de que sejam analisadas as relações de intersubjetividade, ou seja, as relações do “eu” e do “outro” nas vozes presentes nos raps contidos no livro *A rima denuncia* nos basearemos no lineamento arquitetônico teórico de Bakhtin que valoriza a pluralidade, o singular, o estudo do objeto situado sempre em seu contexto sócio-histórico e dialógico, além da visão sem preconceitos a respeito da cultura popular a fim de “revelar a unidade, o sentido e a natureza ideológica profunda dessa cultura, isto é, o seu valor como concepção do mundo e o seu valor estético” (BAKHTIN, 2008, p. 50).

O pensador russo nos aponta ainda que a interdiscursividade presente entre elementos de diversas comunidades, bem como as relações discursivas travadas entre o “eu” e o “outro” em “contextos que não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto” (BAKHTIN, 1981, p. 96).

O processo dialógico está presente no rap. O ser dialógico, através da interação social pela linguagem com seus interlocutores, assinala uma ação responsiva pela comunicação, provocando respostas em seus interlocutores os quais possuem também um posicionamento responsivo já que: “[...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.” (BAKHTIN, 2011, p. 271). A ação ativamente responsiva é circular, pois “a palavra quer ser ouvida, entendida, respondida e mais uma vez responder à resposta, e assim ad infinitum” (*ibidem*, p. 334).

O dialogismo estabelece a alteridade, porque, segundo o teórico russo, a palavra do outro nos traz o mundo exterior. Isso é claro nos raps de GOG, que é um pensador autônomo. Seu ato artístico se movimenta no espaço social, político, econômico sempre em conflito com o centro (elite econômica). Ele vê a sociedade, com seus desníveis de classes sociais, seus conflitos, suas relações de dominação. Em seus raps, as consciências do povo periférico estão vivas e bem retratadas, em suma, é um ativista dialógico. Para Bakhtin

(2011, p.339) é “o ativismo em relação à consciência viva e isônoma do outro”, aquele que “interroga, provoca, responde, concorda, discorda, etc.”.

Como se percebe, a teoria bakhtiniana de atuação responsivo-ativa pelo dialogismo no processo discursivo pode ser percebida pela elocução do *rapper* em análise, visto que ele está inserido em uma situação social concreta de interação verbal com seus “iguais” e “desiguais”. Lendo essas palavras, respectivamente como seu semelhante, o favelado e a elite econômica como o “outro” a que nos reportaremos mais adiante.

### 3.2 Poesia do dia a dia da periferia

Oh! Mundo tão desigual  
Tudo é tão desigual  
Ô Ô Ô Ô Ô Ô Ô!  
(Gilberto Gil)

O ritmo e a poesia entrelaçadas pela *performance* e voz do *rapper* GOG assumem atitudes ativo-responsivas na medida em que os temas que emanam das letras de seus raps produzem em seus destinatários reflexões sobre um sistema social e histórico que tende a desvalorizar os moradores dos subúrbios. Em seus raps esse ponto de vista entremeia-se pela relação, nada cordial, que há entre os moradores da periferia e toda uma sociedade excludente.

A teoria bakhtiniana, que segundo Stam (STAM, 2000, p.14), identifica-se “com tudo o que é marginal e excluído” orientará a análise que busca a representação do “eu” e do “outro” nessa estética popular e contestadora, o que para o teórico russo se dá pela palavra:

[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (BAKHTIN, 1981, p. 41).



Os temas da poética em análise expõem o cotidiano do periférico envolto pela violência policial, o tráfico e o consumo de drogas, a dura desigualdade social provocada pela omissão da sociedade, dos políticos corruptos. Por outro lado, aparecem nas letras das canções a valorização do negro, a importância do rap como indutor para se buscar uma vida melhor e contribuir para essa valorização. O Rap Nacional afirma dialogicamente a identidade do negro, do pobre que tem uma vida dura, mas quer dignidade, quer deixar de ser menor na sociedade em termos de classe, de etnia, e o rap é um tipo de amplificador poético, polifônico de crítica social que une diversos indivíduos pela palavra. A palavra, neste sentido, é dialógica porque é de todos e de cada um.

Bakhtin (1981) considera a palavra “o fenômeno ideológico por excelência”, “modo mais puro e sensível da relação social” e como instrumento da consciência “funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for.”. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p.36/37).

A canção que abre o livro *A rima denuncia* é “Papo Cabeça”. Nela o locutor contesta a ideia de que os jovens são irresponsáveis e parte do princípio de que eles só precisam de uma chance para mostrar que podem fazer a diferença na sociedade, pois mesmo com tão pouca idade precisam conviver com a miséria, sobrevivem às próprias custas e formam as suas opiniões pautadas em suas vivências subalternas.

(...)  
Queremos nossa chance...  
Isso não é revanche!  
Estamos bem ligados, baseados no lance.  
Sabemos da consequência,  
Então, DF na sequência.

- Convivemos com a miséria, temos nossas ideias.  
Conceitos formados!  
Responsabilidade,  
Com poucos anos de idade.  
Junto com a necessidade de ter o que comer  
Pra sobreviver (GOG, 2010, p. 23).

Os *rappers* são citados como pregadores da moralidade e os velhos políticos do Congresso Nacional, denominados imorais, são acusados de não conseguirem atender aos anseios dos jovens que suportam calados imensas

injustiças. Esses jovens estão sob a mira da violência tanto do malandro quanto da polícia, estes últimos considerados na canção capazes de matar por qualquer motivo: “Vivo entre a mira do mala e do tira.” (IBIDEM). Isso é revelado na metáfora presente no título do álbum *Peso Pesado* e no verso inserido nesta canção: “peso pesado sempre carregado” refere-se à condição de se aguentar uma carga maior do que se pode suportar em relação ao arsenal de armas e violência a que estão sujeitos os periféricos dentro e fora das favelas.

É comum, em quase todas as canções, o locutor convidar quem ouviu e gostou da sua mensagem a juntar-se a ele, mas se for o contrário, se só o criticam sem saber as condições em que vive, é melhor se informar pelos jornais da situação dos jovens da periferia: “Quase **sempre, ninguém nada** sabe, viu ou ouviu./- E aí?/Vamos mudar a voz do Brasil?”. (IBIDEM, p.24).

O imobilismo retido pelo olhar do poeta para a maneira como encaram a periferia é marcado pela junção das três palavras invariáveis e a locação perspicaz do pronome indefinido entre os dois advérbios. Essa ordenação sintática de aproximação entre ‘sempre’, ‘ninguém’ e ‘nada’ indefine duplamente os sujeitos e nos remete a ausências de ações associadas aos verbos saber, ver, ouvir. Os sujeitos se tornam inexistentes, eis o porquê do convite para uma atitude mais ativa da sociedade em que o subalterno também possa ser escutado e visto. A referência ao programa radiofônico divulgador de um Brasil oficial exibido diariamente às dezenove horas contrasta com a situação das comunidades periféricas, muitas vezes mudas, invisíveis. Cabe referenciar Eco:

(...) quando um texto é produzido não para um único destinatário, mas para uma comunidade de leitores, o/a autor/a sabe que será interpretado/a não segundo suas intenções, mas de acordo com uma complexa estratégia de interações que também envolve os leitores, ao lado de sua competência na linguagem enquanto tesouro social. Por tesouro social entendo não apenas uma determinada língua enquanto conjunto de regras gramaticais, mas também toda a enciclopédia que as realizações daquela língua implementaram, ou seja, as convenções culturais que uma língua produziu e a própria história das interpretações anteriores de muitos textos, compreendendo o texto que o leitor está lendo. (ECO, 1993, p. 80).

É claro nessa canção que o locutor quer cidadania, sem estigmas e desprezo: “Mas, se você, meu camarada, chega como quem,/ Quem não quer

nada,/ E, simplesmente, critica o que eu digo,/ Sem saber onde vivo,/ Pegue um jornal, leia um artigo.” (*IBIDEM*, p.23). Ele mostra que a periferia é sinônimo de exclusão, mas é também local de criação, de luta, de resistência. Bakhtin diz que:

[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 1981, p. 113).

Sob a luz de Bakhtin seguem as questões: Quem são os locutores (o “eu”) nos raps analisados? Quem são os sujeitos periféricos a quem são direcionadas as palavras do locutor a fim de que interajam? Como se relacionam o “eu” e o “outro” no processo poético manifestado nos raps de GOG?

### **3.3 O “eu” periférico**

Bakhtin em seus estudos discute a inter-relação “eu-outro” a partir da palavra. Cabe-nos distinguir, neste estudo, o “eu” locutor presente nas canções partindo do seguinte raciocínio: este “eu” toma partido colocando-se ao lado do morador da favela como defensor, aconselhador e também crítico. A partir desta identificação, este “eu” desdobra-se em “nós”, considerando esse “nós” como o seu igual, o seu irmão, aquele que compartilha com ele os mesmos espaços, alegrias e dificuldades de se viver em uma periferia.

A canção “Razão para viver” revela essa postura de se sentir responsável pelo outro que sofre. O locutor se dirige a uma mãe angustiada por ter um filho criminoso. Com o tom emotivo dado pelo eu poético percebemos o carinho que ele nutre pelas mães: “Mãe! Escuta isso:/ E todo som que faço, mando ideia pro seu filho./”. (GOG, 2010, p. 86). O rapaz insiste na vida criminosa e ouvimos sua voz cínica depondo na delegacia: “- Disparo

acidental...!” e a do locutor cético: “Foram 5 tiros!”. O som da rua surge: “- Apagar para não ser apagado!” Ao longo da canção trava-se o diálogo entre o locutor e a mãe:

É, mãe, o caso do moleque  
Parece missão impossível,  
Meta inatingível,  
Mas **eu** não desisto.  
**Precisamos** dele ao **nosso** lado,  
Reintegrado!  
Impressionante como as coisas têm dado errado.  
Ele se ligou na lei da rua:  
- Apagar, para não ser apagado! (*IBIDEM*).

A voz do rapaz aparece subentendida, como se fosse a sua consciência pedindo socorro: “Mãe, vem me ajudar! Oh, mãe, vem me ajudar!”. O filho morre, mas o locutor pede à mãe que transmita a história para que ela sirva de lição a quem está no crime: “Chegar pra quem tá nessa e dizer: - Mano,/ Falta em você:/ Razão para viver!”. (*IBIDEM*, p. 89).

A oposição se dá com “os outros”, as pessoas ricas e influentes personificadas nas imagens dos playboys, dos políticos, do doutor. As vivências desses indivíduos não coincidem já que vivem em espaços sociais diferentes. No entendimento de Cyntrão:

O autor, criador, é, ao mesmo tempo, uma voz transformadora que emerge de sua condição de ser sócio-histórico e porta-voz, pela via do discurso, da condição humana que o caracteriza e o identifica; uma condição só identificada e avaliada pelo outro que o precedeu, pelo que o ladeia e pelo que será renovado nesse grande movimento global. (*CYNTRÃO*, 2004, p. 48).

Bakhtin chamou essa impossibilidade de concordância desses dois mundos de excedente estético:

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que eu contemplo possa estar em relação a mim, sempre saberei e verei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver.[...] Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa. (*BAKHTIN*, 2011, p. 21).

Na canção “Jogo Bruto”, ainda do álbum *Peso Pesado*, o locutor condena quem se volta para a vida criminosa, critica a imprensa sensacionalista que gosta de estampar fotos assustadoras de bandidos mortos pela polícia. Por denunciar em seus versos essa situação, o locutor se questiona se ele faz parte do rol dos que correm risco de vida:

[o sistema] É fábrica em série de bandido.  
O final, nosso velho conhecido, queima de  
arquivo, deram sumiço.  
Será que eu corro risco? (*op. cit.*, p.26).

A insistência em interpelar com petulância o seu interlocutor (a quem ele nomina doutor) como mostra o refrão: “Quem? Quem foi que disse que o que eu falo são tolices?/ Hein, quem? Quem foi que disse que o que eu falo são tolices?” (*Ibidem*, p. 25) retrata o seu inconformismo com a perversidade das instituições sociais com quem é pobre e considerado pouco letrado.

Zumthor (1993), ao falar do caráter artesanal da ação verbal, assegura que se estabelece entre o objeto e o seu produtor e entre o objeto e o seu consumidor uma ligação direta e estreita, o que contrapõe o postulado teórico defendido por Eco quanto à *intentio auctoris*:

Donde a impossibilidade de mentalmente dissociar o conteúdo (a mensagem) o objeto que o contém (o som de uma voz); poetização natural da palavra, colocada na boca de quem a profere e no ouvido de quem a recebe, presente tanto para um quanto para o outro com sua amplitude, sua altura e seu peso. (ZUMTHOR, 1993, p. 29-30).

Esse locutor prevê, na verdade ele deseja profundamente, e com utopia, que haverá um tempo em que o doutor será preso, sentenciado a viver em uma favela para aprender que a delinquência é fruto dos que não possuem dinheiro para o mínimo e precisam viver em barracos de quarto e sala, sem infraestrutura sanitária sendo essa condição a metáfora da nova senzala.

O locutor ouve com desgosto a sociedade dizer: “pau que nasce errado permanece torto”. (*IBIDEM*, p. 27). Essa é uma alusão invertida do provérbio: “pau que nasce torto, morre torto”. Para essa sociedade, nascer errado é nascer na favela e estar impreterivelmente condenado à marginalização.

O clima da canção é de desesperança com a situação de guerra que se instaurou na favela e constata o abismo social grande entre duas realidades: ricos abastados por um lado e a pobreza imperando na periferia.

Sob esta mesma ótica se insere a canção “A matança continua”. Nela há uma espécie de introdução ao que será cantado, o locutor traz o cartão de visitas de quem é das ruas. Diz não entender a omissão das pessoas diante das injustiças sociais, da violência, da fome que não veem, não sentem e nem acreditam que exista. Ele prediz que essa omissão terá um preço, trará consequências ruins para a sociedade.

Indignação é a palavra que qualifica esse locutor repellido ao tentar conversar com uma pessoa omissa sobre a realidade das ruas. Ele insiste para que a voz das ruas seja ouvida, implora por mais justiça social para impedir o avanço da violência. A sequência enfática dos verbos dá a impressão de gradação sem fim: “A crise existe, insiste, persiste” dá o ritmo da mensagem que se quer transmitir e chega à conclusão de que viver passivamente na mira de um revólver não é a vida por ele sonhada e contundentemente questiona se o omissa continuará a viver passivamente.

No final da canção não há a quebra de ritmo, aliás, ela é ininterruptamente cantada/falada de maneira acelerada como uma embolada, num só fôlego, como se a forma acelerada de falar dissesse que há urgência em se mudar a situação instituída e uma forma também de se opor à passividade reinante na sociedade contraposta com a atitude repetitiva do verbo ‘viver’ e do sintagma ‘eu não quero’:

Ouçã nossa voz, ela vem das ruas,  
Ela pede, implora vida mais justa  
Para por fim numa triste melodia  
Que se alastra noite e dia  
Numa proporção que arrepiã  
E nos obriga a **viver**...  
**Viver** numa vida passiva  
Na mira de um ferro  
Essa vida **eu não quero**  
**Eu não quero** me diga  
Me seja sincero,  
Se isso é o que você quer  
Diz... (*op. cit.*, p. 30)

Em muitas canções, como “Assassinato sem morte”, o “eu” coloca-se textualmente como porta-voz dos seus irmãos e de maneira dialógica pretende

que o seu interlocutor tenha um papel ativo de participação nos processos coletivos: “Um cara que fala pela periferia, exige melhorias”, assim descrito na canção “Vai GOG”. É um “eu” que não quer agradar e sim dizer verdades e que está ao lado dos moradores de rua, dos subalternos, dos pobres, dos mendigos, das prostitutas. O cotidiano dessas pessoas é exposto com o relato da situação de quem é queimado vivo, por exemplo, somente por ser pobre.

“Assassinato sem morte” pode ser lido dualmente: os pobres, os moradores de rua deixados a sua própria sorte se tornam invisíveis, não existem para os “outros”, é uma morte metafórica e não menos dolorosa. Outra leitura possível é a de que a revolta daqueles considerados sub-raça provoca o “assassinato sem morte” dos poderosos que não querem mudanças sociais. A partir do momento em que os despojados levantam a voz, não se mostram fracos, incomodam, matam os propósitos das pessoas em não vê-los: “Vamos apagá-los... Com o nosso raciocínio./ Quem diria tamanho atrevimento de uma raça/ Que eles sempre consideraram de símios!”. (*op. cit.*, p.36).

O “eu” se comporta de forma sempre contestadora, nunca é neutro ao confrontar seus valores em uma arena de conflitos sociais com o “outro” que o discrimina. As palavras de Canclini são voltadas à conciliação:

Hegemônicos, subalternos: palavras pesadas, que nos ajudaram a nomear as divisões entre os homens, mas não a incluir os movimentos de afeto, a participação em atividades solidárias ou cúmplices, em que hegemônicos e subalternos precisam um do outro. (CANCLINI, 2008, p. 347).

Em “Entrei no Ar”, a falta de distanciamento do eu poético traz certa confusão entre o autor-modelo e o autor limiar trazidos pela teoria de Eco, discutida no tópico anterior, o que pode ser observado muitas vezes no emprego da 1ª pessoa: “Sou rapper, sou forte/ Sou rapper sou forte, sou forte, sou GOG.”. (*Op. cit.*, p. 41). GOG representa o grupo, a coletividade, no entanto, pelo formato híbrido desta canção, tem-se a presença limiar do *rapper*, que fala de si, de seus propósitos como ativista social. A utilização de formas nominais rimando em sequência apresenta um poema carregado de críticas, bastante conectado com o propósito do locutor que brada ao favelado que é preciso acordar e lutar por uma vida melhor. Seu discurso é revoltado, cheio de ira, diz que sua fala incomoda e ele veio mesmo para incomodar.

Além disso, esse locutor se orgulha da música que faz: “O som negro do gueto, que bate forte no peito”. (*IBIDEM*, p. 40). A identificação com a subalternidade emerge com os outros dentro dele mesmo e das experiências que vivenciou nas ruas. O eu se presentifica na imagem do marginalizado, não do violento. Seu lema diz que a violência é arma dos incompetentes, e o antídoto é ter consciência, educação. Nos versos seguintes chama à reflexão e adesão do interlocutor às suas ideias, principalmente pela forma como interpola as repetições incisivas nos grupos de palavras que tornam a canção espelhada, que se volta para um discurso que instiga a reflexão:

Agora chega mais. Me diz **se tanto faz**,  
**Se tanto faz**, me diz.  
Viver num país, onde você **finje**,  
**Finge** ser feliz?  
(...)  
É isso aí: **Não abandone-me**...  
Nossa responsabilidade é grande! (...)  
É isso aí: **Não abandone-me!**  
Nossa responsabilidade é grande... (*op. cit.*, p.42).

Observem a mudança na pontuação, na primeira quadra há um apelo em tom suplicante para o seu igual reagir à inércia. Na outra quadra a interpelação para não ser desamparado é mais contundente e as reticências nos fazem refletir sobre o tamanho da responsabilidade sobre a situação em que vivem reforçadas pelas combinações das rimas, pela aliteração e pela paranomásia: “Favelas, miséria, **tragédias**, **três tristes comédias**/ Que se **fundem e confundem** a cabeça/ De quem quer que seja.” (*IBIDEM*).

A voz da canção é interrompida abruptamente por uma fala sombria permeada de gírias que ecoam ameaçando o sujeito lírico: “- Aí, meu irmão, a parada é o seguinte: Fica quietinho na manha, sem olhar pra trás, e sai voado, se não você está arriscado a perder tua vida, tá ligado, véi?” (*IBIDEM*). Essa inserção da fala de alguém metido no crime indica que o mal está enraizado entre eles e isso é preciso admitir. A lição é saber o que é certo, o que é errado para não serem manipulados. Assim cabe citar Cyntrão: “O texto literário é um mundo e é o mundo: microcosmo do eu interior e inexoravelmente contaminado pelo eu exterior.” (CYNTRÃO, 2004, p.26).



É recorrente, nas canções em análise, o eu lírico se dirigir a um interlocutor inominado para ora indagar-lhe, cobrando um posicionamento quanto à prática de atos de violência: “- A culpa é de quem?/ Hein, responde!/ De quem se esconde?/ De quem se cala?” (Papo Cabeça, In: *op. cit.*, p. 22). Ou questionar seu interlocutor na primeira de suas letras sobre o tema negritude, como pode ser observado em “É mesmo incrível”: “Mas de que vale a vida oprimida, sem perspectiva?/ Hein!? Me explica (...) . (*IBIDEM*, p.58). Nessa letra o interlocutor constrói seus argumentos com base em comparações nada animadoras: os negros estão ausentes nos bons cargos sociais e presentes em massa entre os que morrem cedo, ou seja, a abolição não se fez completa porque não lhes deu condições dignas de viver. O negro continua humilhado, entrincheirado nos morros, nos bolsões de pobreza:

Pare, analise, raciocine friamente...  
Quantos de nós ocupam hoje altas patentes?  
A pergunta é uma só...  
Mas se fossem mais de cem, certamente,  
A resposta não seria diferente.  
Estamos assustadoramente ausentes.

Agora invertendo a moeda...  
Entre os que morrem precocemente,  
Quantos são da cor da gente?  
A pergunta é uma só novamente,  
Mas se fossem mais de cem certamente  
a resposta infelizmente não seria diferente.  
Estamos, assustadoramente, presentes.

Essa forma de evocar o interlocutor, patente em toda a obra, torna-os cúmplices e confirmam os ideais de GOG em prol de quem é oprimido:

Como provar uma conjectura sobre a *intentio operis*? A única forma é checá-la com o texto enquanto um todo coerente. Essa ideia também é antiga e vem de Agostinho (*De doctrina christiana*): qualquer interpretação feita de uma certa parte de um texto poderá ser aceita se for confirmada por outra parte do mesmo texto, e deverá ser rejeitada se a contradisser. Neste sentido, a coerência interna do texto domina os impulsos do leitor, de outro modo incontrolláveis. (ECO, 1993, p. 76)

Em “Brasília Periferia” o locutor enumera todas as cidades satélites e do entorno em um ritmo acelerado dá a visão total das periferias de Brasília, reforçando o seu pertencimento a estes locais. As pessoas têm medo do

desconhecido e fazem uma imagem distorcida da periferia: “Verdade seja dita:/ - Mãos ao alto! É um assalto!/ Ninguém é recebido assim.”. (*IBIDEM*, p.71), daí ele buscar a adesão aos seus ideais, perceptível primeiro pelo uso do vocativo e acentuado pela coliteração recorrente na repetição das consoantes bilabiais /d/ e /t/ presentes nos pares: ‘mudança’, ‘luta’, assim como na assonância da vogal /o/ em ‘nós’ e ‘sós’:

Ei, você!  
A mudança está em cada um de nós.  
Essa luta não venceremos sós!  
(...)  
Rap Nacional manda ideia, você decide. (*op. cit.*, p. 75)

Em “Periferia segue sangrando” temos a personificação da periferia comprovada pela aliteração e a sinestesia presentes no nome da canção. A sensação é de sangue se esvaindo ininterruptamente, sem estagnar, o que revela toda a desumanidade e violência (ainda presentes) nas comunidades suburbanas brasileiras. Nela, o locutor, após ouvir o noticiário sobre a costumeira onda de selvageria na periferia, vislumbra a paisagem aterradora ao seu redor: barracos derrubados pela chuva da noite anterior, a imagem de um pai ao reconhecer o filho morto por uma sessão de tiros, a visão do irmão agindo contra o próprio irmão, a favela contra a favela, mães chorando, jovens se matando, diante disso, o locutor resolve chamar todos à responsabilidade pelos acontecimentos violentos, a fim de que o som dos disparos das armas deixe de ser música da subalternidade e o sangue seja estancado, por isso apela incisivamente com o uso de várias formas nominais para que seu irmão desista do crime:

- Ei, véi,  
Moleque de atitude!  
Chegado!  
Mano!  
Sangue do meu sangue  
Sangue bom.  
Vamos!  
Aposente o cano!  
Periferia segue sangrando! (*Op. cit.*, p.91).

O locutor age como um conselheiro, um exemplo a ser seguido, explorando os significados possíveis da palavra sangue (irmão, pessoa boa,

líquido do sistema vascular) exige dos favelados a esquivada da criminalidade não aceitando também a opressão, tornando viva a oposição dos excluídos contra os opressores.

A resposta vem de outra voz que implicitamente pede para ele não desistir de aconselhar os irmãos:

GOG, pode crê!  
Já cansei de ver  
A justiça feita com as próprias mãos.  
Futuro, aqui, é fácil prever

Veja o sangue escorrer.  
- Manda ideia pro meu povo, G.O.G! (*IBIDEM*, p. 92).

Ela responde:

- Com bala na agulha, quem se mata é você! (op. cit., p. 92)

Percebemos que as mesclas de vivências afirmadas na canção tendem a formar uma consciência coletiva como tentativa de influenciar pedagogicamente uns aos outros.

Neste sentido insere-se “É demais!”. Mesmo revoltado com a situação da periferia, assim descrita:

casas, casebres, barracos,  
Vários considerados.  
Transporte precário, a qualquer horário,  
Buracos, remendos no asfalto,  
Becos mal-iluminados.  
Bêbados jogados, convívio com o vício,  
Sangue frio, de cara ou chapado:  
- Periferia é assim! (op. cit. p.97)

Os versos acima transcritos compõem o cenário descritivo das carências de uma periferia. Somos transpostos a ele a partir do primeiro verso da citação pelo tom veloz produzido pela aliteração dos sons abertos de natureza oclusiva velar surda /k/ e pelo fechamento sonoro da oclusiva bilabial /b/ que repercute barulho e emoção pelo triste cenário: “casas”, “casebres”, “barracos”. O cenário/som se prolonga nos outros versos pela repetição dos sons /c/ e /v/ das palavras “considerados”, “convívio”, “cara” e “buracos”, “becos”, “bêbados” até

culminar na definição incisiva do advérbio modal “assim”, o qual conclui a imagem desoladora da periferia.

O locutor muda o tom para acolher cada um com amizade:

- Vem cá!  
Vamos conversar...  
Tô de peito aberto, sem ferro,  
Ferido.  
Se o seu bem é a senha, pode crê, taí  
Sou seu amigo.  
Não para te falar de risos,  
O nosso dia a dia nos reserva muito pouco disso. (*op. cit.*, p.98).

A *intentio auctoris* se presentifica nos dois últimos versos e nos remetem à maneira séria da *performance* do *rapper* em que o riso não tem lugar. A voz rotunda se perfila com a música de protesto típica de um pensador de esquerda que se movimenta enfaticamente balançando as mãos, inclusive com o indicador sempre em riste (sinal de exigência ou mimetizando uma arma?), reforçando um caráter de combate sugerido pela contundência dos seus temas engajados. Entretanto, os sentimentos do eu lírico no desenrolar da canção mesclam tristeza e revolta pelo desprezo, pelo descrédito em que vivem ao ver a situação de miséria de uma família, traduzida pela anáfora: “Sem orgulho, sem respeito, sem saúde, sem paz... É demais!”. No final da canção ele pede adesão ao seu modo de pensar: “Concordem comigo, amigos!/É demais!”. (*IBIDEM*, p.99).

A dramaticidade evocada pelo título da canção “Das trevas à luz” nos aponta a tensão do claro-escuro bem ao estilo caravaggesco<sup>43</sup> nos abalizando como a religião é capaz de retirar um marginal do crime. Considerando a musicalidade da canção, ela começa com a música “Criança feliz”, tocada instrumentalmente de forma suave e infantil, o que contrasta com o conteúdo do rap e do refrão: “Criança feliz aprendeu a roubar, aprendeu a matar!/ - Seu fim vai chegar!”. (*Op. cit.*, p. 115).

Um bandido faz reminiscências dos erros que cometeu por estar envolvido com armas, drogas, sexo, sangue, além da iminência da condenação

---

<sup>43</sup> Referência ao emprego estético que o pintor italiano Michelangelo Merisi da Caravaggio utilizava em suas pinturas utilizando tons claros e escuros para torná-las mais dramáticas e reais.

pelos artigos a que responde na justiça. Em sua consciência exorciza seus demônios. Preso, recebe visita, ganha uma Bíblia e conclui:

Nem precisei ler o livro todo, pra entender que,  
Pra merecer viver,  
O homem tem que nascer dentro de si,  
De novo! (*op. cit.*, p. 116).

A atmosfera poética é a mesma em “Momento Seguinte” que, narrado em 1ª pessoa, discorre sobre a saga de um jovem sem fé, envolto pela vida marginal, com passagens pela polícia por porte de armas, assalto e vadiagem que é cravado por balas e acaba preso em uma cadeira de rodas. Em processo de recuperação, está em dúvida se volta ou não para o crime.

Minhas ideias, meu gatilho, meus motivos  
Fazem de mim, há muito tempo, um morto-vivo.  
Choros, pedidos de socorro,  
Nada disso me comoveu...  
Só que o sangue que jorra agora é o meu! (*op. cit.*, p. 230).

Novamente somos tocados pela importância da família na sociedade, pois coube a ela ficar ao lado do bandido durante a longa e dolorosa recuperação por meio de fisioterapias. O bandido, agora recuperado, busca vingança, mas é atormentado por lembranças desagradáveis da época em que se envolvia com crimes. É como se o interlocutor travasse um diálogo com a consciência do bandido e perguntasse a ela: “Papudão? Pavilhão Nove?” Ao que a consciência responde com convicção: “-Não, GOG!”. Então, resolve abandonar a ideia de vingança, apesar de o refrão martelar os dizeres: “O teste é forte é! O teste é forte é!/ O teste é forte o sangue jorra, escorre, ferve!”. Segundo Cyntrão (2004) essa:

(...) consciência individual é um fato socioideológico, já que só adquire forma a existência nos signos criados por um grupo organizado, no curso de suas relações sociais. Assim sendo, a lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica e a realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade dos signos sociais. (CYNTRÃO, p. 30).

É um rap que educa pela dor, pelo sofrimento. Este poder educativo está para o rap como a catarse está para as tragédias clássicas e busca mostrar para os envolvidos com o crime de que ele não vale a pena, porque o fim para

quem nele imerge se resume ou na morte precoce ou na paralisação em uma cadeira de rodas. Logo, deve-se buscar a paz:

Quem sabe, assim,  
Se calem os refrões antes cantados,  
Os papéis aqui interpretados  
E seja dado espaço aos sonhos  
De Roberto Carlos! (*Idem*, p. 233).

As colagens na música são feitas a partir de trechos de músicas do cantor Roberto Carlos, famoso por sonhar com a paz.

A única canção de GOG com temática amorosa é “O amor venceu a guerra”. Para não fugir à regra, o amor, assim como a religião e a família, é antídoto de resgate social. O tema amoroso é introduzido pelos versos sampleados da música “Eduardo e Mônica da Legião Urbana,”: “Quem um dia irá dizer que não existe razão nas coisas feitas pelo coração”.

Para fins de análise, constatamos que a canção é dividida em duas partes. Na primeira é relatada a guerra, metonímia da vida de um traficante que vicia o vizinho e esbanja uma vida de luxo conseguida com seu “trabalho”. Ele clinicamente rejeita o rótulo de traficante e se denomina ‘comerciante’, ‘bom profissional’, porque atende com horário na agenda. Na verdade, o traficante é um sobrevivente da miséria e da falta de estudo, um típico narcisista exemplar da “Era do vazio” de que nos fala Lipovetsky (2005) que devasta as relações sociais desses tempos hipermodernos, caracterizados por uma cultura de excesso, de urgência, de egocentrismo. O traficante é individualista, não se envolve emocionalmente, quase tudo lhe é indiferente, tudo é comércio, tudo é dinheiro.

A segunda parte começa quando ele se apaixona por uma moça favelada e é rejeitado bruscamente nas duas tentativas de aproximação. Só lhe resta buscar, em vão, consolo em baladas, nas drogas, nas bebidas.

A redenção pelo amor ocorre quando o traficante é preso. Tenta pagar para sair da cadeia e só encontra tortura. A moça o visita e o resgata com o seu amor. A partir daí uma série de ações o faz se tornar uma pessoa melhor: ao sair da prisão procura o antigo vizinho que se tratava numa casa de recuperação de drogados, conversa, chora arrependido e finalmente se sente aliviado. O final para ele é feliz, mas há o alerta de que histórias como a dele

nunca se encerram e que no seu caso: “O amor venceu a guerra”. O *sampler* com a sequência de “Eduardo e Mônica” dá o desfecho: “e quem irá dizer que não existe razão”.

GOG utiliza a simbologia da Matemática para descrever a violência nos guetos de Brasília em “Matemática na prática”, principalmente da Expansão do Setor O, da Ceilândia<sup>44</sup>, vitimados pela violência e precisando sobreviver com um mísero salário:

Subtração feita de forma trágica,  
Onde a divisão é o resultado,  
E a adição são os  
Problemas multiplicados. (*op. cit.*, p. 110)

A invisibilidade dos moradores dos guetos é revelada: “Na casa do patrão, ela é a Dona Maria./ Até hoje, esquecem o nome dela./ É Maria é como eles chamam a maioria”. (*IBIDEM*, p. 112). O locutor, então, repete o seu clamor em ritmo resfolegante dado pelo encadeamento de verbos que exige ação pedindo apoio aos seus irmãos e também criticando os que tomam atitudes alienantes:

Já disse.  
Vou repetir  
Cara, acorda, olha, é nosso povo aqui.  
Nessa UTI.

Louco pra sobreviver, precisando de você,  
Hein, cadê você!?  
Só bebe, fuma, injeta, não conversa,  
...  
Mude seu conceito do que é ser esperto. (*IBIDEM*, p. 113).

Põe-se diante do “seu povo” como uma voz forte e sincera que acredita na união e quer fazê-lo acreditar que: “a mente é a mais farta munição./ Reféns da miséria, não./ Essa sina pro meu povo, não/ Então...”. (*IBIDEM*, p. 109).

O rap destaca-se como tema na canção “É o crime!”. A fala inicial “1, 2, 1, 2, aí, ninguém se mexe” é intencionalmente ambígua e nos faz acreditar que alguém está sendo rendido em um assalto. O equívoco é rapidamente desfeito

---

<sup>44</sup> Cidade periférica do DF, cuja etimologia provém do prefixo CEI- se refere à sigla da Campanha de Erradicação das Invasões e o sufixo -lândia de origem norte-americana que significa terra, terreno, lugar. Era um assentamento de diversas favelas surgidas no início de Brasília. Expansão, como o nome indica é uma extensão de um dos bairros de Ceilândia, o Setor O.

na sequência da canção e ficamos sabendo que se trata apenas de um teste ao microfone. A canção endereça-se a quem não gosta de rap “canto mais o que o playboy odeia.”. O rap é tratado liricamente como crime. Crime por representar as favelas do Brasil cantando seus dissabores, pregando seus bons intentos. O locutor, ao frisar que seu crime é estar com o microfone propagando a ideologia da cultura de rua, mais uma vez apela aos seus ouvintes/leitores, intensificado pelo emprego do advérbio ‘então’ utilizado como operador discursivo com tom conclusivo:

**Então** reflita  
Sobre seus conceitos!  
**Então** reflita  
Sobre seus direitos!

**Então** reflita...  
Vem jogar no nosso time.  
**Então** repita:  
Mensagem positiva  
É o crime! (*Op. cit.*, p. 160).

O Rap Nacional age como locutor na canção “É o terror!” Ela é uma canção metalinguística, em que o rap se personifica como uma entidade revolucionária, a consciência de uma cultura massacrada sem qualquer tipo de resignação pelas diferenças entre as classes sociais: “Falo do crime, de um povo que sofre,/ Enquanto nas mansões da minoria/ transbordam os cofres.”. (*Op. cit.*, p. 132).

Apesar de a palavra “terror” apontar um sentido negativo, ela assume um tom positivo, pois constrange a elite ao expor a exclusão a que estão submetidos. O rap, ao falar por si em 1ª pessoa, torna-se o “eu” periférico que canta ao sistema todos os seus temas mais caros, avisando em alto som que veio para conscientizar os periféricos:

Eu sou o plebeu, a decadência, e o apogeu.  
No negro escravo, correu sangue meu.  
Meu ancestral sofreu!  
- E o seu? (*Op. cit.*, p. 133)

A ação paradoxal em “Eu luto pela paz em forma de terror” exemplifica o ideal do rap como orientador da periferia pela busca do bem através das



palavras ácidas que compõem o repertório vocabular próprio da favela.  
Segundo Bakhtin:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 1981, p. 95).

A estética do Rap então se apresenta:

Sou revolucionária,  
Sonora forma de pensar.  
Eu sou o pá-papelote, a inscrição pra receber o lote.  
A bomba que explode um batalhão inteiro.  
A esperança,  
O orgulho do povo brasileiro.  
(...)  
Nesse momento eu sou o constrangimento.  
Eu sou o detento, o mendigo ao relento! (*IBIDEM*, p, 134)

O locutor tem consciência de que suas letras não são para divertimento: “Não sou a Disneylândia./ Eu sou os becos, as quebradas escuras/ Da Ceilândia.” (*IBIDEM*, p. 135). Mais uma vez temos o rap como ideologia e seu uso como saída para preencher a ociosidade na periferia: “Eu sou o crime em pessoa./ A saída pro moleque que era à toa”. (*IBIDEM*, p. 136). É instigante a forma como o poeta insere sua forma de pensar, ou seja, o menino da periferia a um passo do crime é apresentado ao rap (considerado obra de marginal) que dá a ele uma saída porque: “É o terror! É o terror!/ Rap Nacional é o terror que chegou!”.

Em “Periferia ao vivo” a *intentio auctoris* aparece quando o locutor dirige-se ao “moleque” para alertá-lo sobre os problemas que existem na favela, mas que as coisas podem se ajustar caso ele se conserte e ouça os bons conselhos:

O álcool?  
Destruição, pior das drogas!  
O alvo?  
É você, vê se acorda! (*op. cit.*, p. 181/182)

Prega, doutrina, chama a responsabilidade para si:

Sou um rapper,  
Minha missão na oração te convencer.  
Liberte a mão, vem comigo...  
Sou abrigo, um amigo, incentivo,  
Instrumento. (*IBIDEM*, p.182)

Os questionamentos: “Famintos de quê? Por quê?/- Cê sabe?/Perrê, deprê, não lê.” (*IBIDEM*) resgatam intertextualmente os versos da música “Comida” da banda Titãs, do álbum *Jesus não tem dentes no país dos banguelas* da década de 80 que faz uma reflexão de forma divertida sobre as expectativas de qualquer pessoa: “Você tem sede de quê?/ Você tem fome de quê?”.

Os versos de GOG são retóricos porque o poeta sabe que as dificuldades, as depressões pela luta diária são causadas porque muitos periféricos não procuram mudar suas vidas buscando conhecimento através da leitura, da escolarização. Neste ponto, o locutor é enfático ao dizer que sem alfabetização, sem estudo, não se avança para uma sociedade melhor. Segundo ECO:

O funcionamento de um texto (mesmo não verbal) explica-se levando em consideração, além ou em lugar do momento gerativo, o papel desempenhado pelo destinatário na sua compreensão, atualização, interpretação, bem como o modo com que o próprio texto prevê essa participação (ECO, 2000, p. 2).

Embora Milton Santos<sup>45</sup> seja pouco conhecido fora do meio acadêmico, sua obra é citada como fonte de referência de leitura para a periferia: “Destruição da nação nos quatro cantos./ Teve aviso, tá nos livros,/ Leia Milton Santos.”. (*IBIDEM*, p. 183). O poeta resume a abordagem do estudioso nos versos: “Quanto mais milionários,/ Mais mendigos!/ Quanto mais sonhos de consumo,/Mais bandidos!” (*IBIDEM*). O tom da canção é de insatisfação com a ordem social e se expressa no refrão e, principalmente, pela repetição do

---

<sup>45</sup> Milton Almeida dos Santos (Brotas de Macaúbas, 3 de maio de 1926 – São Paulo, 24 de junho de 2001). Importante acadêmico brasileiro destacando-se como geógrafo. Sua obra *O espaço dividido*, de 1979, é considerado um clássico mundial, ele teoriza sobre o desenvolvimento urbano nos países subdesenvolvidos. *Por uma Outra Globalização*, livro escrito dois anos antes de morrer, traz uma abordagem crítica sobre o processo perverso de globalização atual na lógica do capital, apresentado como um pensamento único. Na visão dele, esse processo, da forma como está configurado, transforma o consumo em ideologia de vida, fazendo de cidadãos meros consumidores, massifica e padroniza a cultura e concentra a riqueza nas mãos de poucos.

vocábulo ‘gritos’, transmitindo uma vontade pelo erguimento forte da voz periférica sempre tão inaudível:

Periferia ao vivo, eu ouço gritos!  
A sensação é de tensão, eu ouço gritos!  
Só direitos pra eles e deveres pra nós.  
Muita fartura pra eles, migalhas pra nós! (*IBIDEM*).

Nota-se que o poeta exige uma reação, um levante dos periféricos para não aceitarem mais o status social em que vivem. No campo semântico, palavras como guerra, morte lenta, revolução, gladiador encontradas na canção contrastam com a escolha vocabular e a missão que o locutor julga ter, já que se considera abrigo, amigo, incentivo, instrumento, informação que evitará o massacre da periferia. A referência bíblica de Mateus: “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra<sup>46</sup>” é intertextualizada em “Os fracos, unidos herdarão/ A terra.”. (*IBIDEM*, p.182).

Em “Eu sou” o locutor une sua voz com o trabalho do DJ como agentes atuando pela paz. A fala se volta sobre o que escreve e como escreve, sobre as suas dificuldades e alegrias como artistas ao que o locutor proclama reflexões através de questionamentos:

- Favela eu sou você e agora você  
Grita!  
- Quem é pelo Brasil? Eu sou!  
Quem é a maioria? Eu sou!  
Sempre pelo certo? Eu sou!  
Sempre pela vida? Eu sou!  
Mais um na multidão? Eu sou!  
Por um mundo mais humano? Eu sou!  
Movidos pela paz? Eu sou! (*op. cit.*, p. 215)

Trilhando o mesmo caminho, segue a letra da emblemática faixa “Tarja preta” em que o poeta define seu poema como uma narração suburbana e faz versos em tributo aos “poetas urbanos, missionários da paz/ Que traz, no verso, compromisso com a favela./ Muito respeito e admiração por ela.”. (*Op.cit.*, p.175)

A metáfora da tarja preta é associada à vida na periferia: “Tarja Preta,/ Nada de receita médica./ Tarja Preta,/ Venda sob Prescrição Periférica.”.

---

<sup>46</sup> Mateus capítulo 5 versículo 5.

(*IBIDEM*, p.177). Como medicamento de alto risco, que não pode ser usado sem prescrição médica, porque pode matar, a Tarja Preta, na canção, é o rap e toda a sua filosofia “Embalado pelos sonhos de justiça um dia.” (*IBIDEM*, p. 178). O locutor define os periféricos como: “Sangue de Angola,/ Negro por herança.../ A fome do Nordeste/ Não matou esta criança”. (*IBIDEM*).

Tarja Preta é “Viver no gueto violento!” (*IBIDEM*). Ser alvo da ação policial “Mão na cabeça e documento”. Tarja Preta também é estar alerta e por isso “Mantenha ao alcance das crianças”. Tarja Preta é a gravadora independente Só Balanço “Salvando vidas há dez anos.” (*IBIDEM*, p. 179). O orgulho de se viver na periferia é claro em:

A palavra que define o estilo da favela  
Contagia, contamina quem tá dentro dela!  
O efeito é forte, o efeito é forte,  
O efeito é forte, o efeito é forte! Jah! (*op. cit.*, p. 180).

Há a inclusão de todos os países da América Latina sob o efeito da Tarja Preta, indicando um movimento de união entre os periféricos latinos.

Nos 125 versos de “Qual é o pó?” o diálogo entre três *rappers* começa com a invocação: “- Vem!”. Depois alertam GOG para suavizar a fala, mas este retruca contrariado: “- Cara, que nada!/ Mãe África, sacrificada!”. É hora de quem é minoria se tornar a voz, ser ouvido: “Vamos mudar a voz,/ Vamos ser a voz!/ Vamos mudar a cara!”. (*op. cit.*, p. 44).

O título é uma gíria que significa qual é o problema e a interpelação ao “mano” segue por toda a canção. O tema negritude começa a despontar nas canções que a princípio tinham temática apenas política. A certa altura um dos *rappers* fala ter orgulho de ser negro, apesar de ainda hoje estarem escravizados pela pobreza. O passado de humilhações pelas quais os negros passaram não se alterou, no presente assume uma nova roupagem na dimensão cotidiana. É perceptível nesta canção que o locutor espera um futuro diferente e para isso precisa da adesão dos periféricos.

A imagem racista “negro de alma branca” é invertida no verso “Tydoz,<sup>47</sup> um branco, com atitudes negras”, ou seja, a cor da pele não importa, mas sim o

---

<sup>47</sup> Envolvido com hip-hop e suas vertentes desde 1984, DJ TyDoZ, também conhecido como TDZ, já foi dj do rapper GOG (TyDoZ participou de vários discos do GOG fazendo scratches). Além disso, criou e apresentou com X (Câmbio Negro) o revolucionário programa Cultura Hip-Hop na Rádio Cultura

ativismo dos que buscam respeito e melhorias na qualidade de vida nas favelas.

Um verso da música “Ideologia” de Cazuza é resgatado: “Meu partido é um coração partido,/”. (*IBIDEM*, p. 46). Ao se apropriar dessa metáfora, GOG também se mostra insatisfeito com os rumos do jogo da política que engessa os mecanismos de mudança, corrompe-se e se torna uma máquina viciada, só que, ao contrário de Cazuza, seu coração ainda bate, ou seja, ainda tem força para lutar contra tudo que considera incorreto.

O substantivo “pó”, além de gíria abreviada da palavra ‘problema’, também pode ser lido como sinônimo de droga, principalmente cocaína. Essa plurissignificação da palavra auxilia o poeta a transmitir a sua mensagem: as pessoas que se deixam vencer pela merla, crack e cocaína financiam o tráfico e tornam as coisas cada vez mais graves. O eu poético se dirige a um “mano” e pede que abandone o caminho da malandragem. Ele parabeniza os que seguem o bom caminho, os que não andam armados, estudam e usam a conversa para conscientizar quem está no crime com “Um produto escasso que custa barato./ Um papo cabeça bem fundamentado.”. (*IBIDEM*).

O país não oferece condições aos jovens pobres da periferia, a família é ausente, e a própria pessoa não procura atingir os seus anseios. Mesmo assim, o poeta julga que há uma chance de todos seguirem o mesmo raciocínio. A canção opõe as atitudes de dois jovens: um que segue padrões sociais e o outro “moleque doido” que não o escuta, entretanto, o locutor continuará falando porque se sente responsável em compartilhar com ele a busca por um novo caminho.

A temática da escravidão, uma reflexão histórica da trajetória do povo espoliado de sua pátria e humanidade, passando pelos temas da miscigenação, a reserva de cotas, dificuldades sociais provindas pela “falsa abolição” emergem em “Carta à mãe África”. O passado histórico da escravidão é trazido pela metáfora materna do continente africano, ancorando essa anterioridade histórica como deslocamento causal do presente para torná-la disjuntiva socialmente para o negro. Inicialmente o locutor se dirige ao

---

FM de Brasília. Também foi o produtor dos vinis arsenal sônico, discos com efeitos para os DJs usarem em suas performance.

continente africano com sentimentos estilhaçados, como um órfão sofredor pela perda do contato materno.

Destarte, revive o passado de escravidão, humilhações pelas quais os negros passaram, e ele ressurgiu, no presente, reatualizado assumindo uma nova roupagem na dimensão cotidiana.

O locutor espera um futuro diferente e, para isso, precisa da adesão dos periféricos. Metaforizando, refere-se à escravidão de outrora: “As trancas,/ As correntes, a prisão do corpo outrora.../ Evoluíram pra prisão da mente agora.”. (*op. cit.*, p. 218). Esta visão também está presente em “Fogo no Pavio”:

A escravidão,  
As chibatadas levadas na senzala  
Se mantém vivas todo dia no quarto e sala.  
Amordaçado por horas em frente à televisão,  
Efeito bem pior que o da radiação. (*op. cit.*, p. 234).

A crítica social encaminha nossa leitura para a situação do negro na sociedade, cuja estética visual está em voga atualmente, contudo as coisas param por aí: “Ser preto é moda, concorda?/ Mas só no visual/ Continua caso raro ascensão social.”. O poeta constrói sua estrofe com versos livres, com rima interna e em posição emparelhada para contrapor antiteticamente uma falsa imagem sobre a realidade do negro, tão efêmera como a moda.

Isto significa que a situação do negro continua difícil, passando das senzalas para as “antessalas das delegacias/ Corredores lotados por seus filhos e filhas...”, (*op. cit.*, p. 219), ou seja, não houve uma verdadeira abolição para o negro. O lamento ressoa em questionamentos de quem não entende o porquê de tanta discriminação, de tanta “guetofobia”, resumida pelo refrão lacerante e verdadeiro cantado por Elza Soares na canção “A carne” do CD *Do Coccix até o Pescoço* de 2002 e aqui resgatado: “A carne mais barata do mercado é a negra./ A carne mais marcada pelo estado é a negra.”.

O eu poético não se rende e mesmo em meio à violência diz “Mas não se pode seguir, aqui, agachado./ É por instinto que levanto o sangue/ Bantu-Nagô.../ E, em meio ao bombardeio, ainda reconheço/ quem sou,/ E vou...”. (*IBIDEM*, p. 220).

Ele segue sem aceitar a democracia racial que é vendida pela mídia:

E os pretos,  
Os negros,  
Afrodescendentes...  
Passaram a ser obedientes,  
Afroconvenientes. (*IBIDEM*, p. 221).

As críticas acima são dirigidas aos negros cordiais, submissos, que contribuem para a permanência da paralisia social que não aceita, por exemplo, a inclusão dos afrodescendentes com as ações afirmativas como a destinação de cotas nas universidades públicas, discussão que ainda causa profundas desavenças a ponto de o: “Opressor ameaça(r) recalçar as botas.”. Diz claramente que disfarçam o racismo como diferença entre as classes sociais: “Sofro pela cor, pelo patrão e o padrão!”. (*IBIDEM*, p. 222).

A miscigenação causa uma confusão estética nos guetos brasileiros porque a pessoa tem o cabelo liso e o nariz achatado, então, a tristeza impera porque não é um padrão de beleza que se impõe na mídia o que faz com que a imagem do espelho reflita sonhos trazidos com força pelos versos:

O espelho na favela após a novela é o divã,  
Onde o parceiro sonha em ser galã.  
Onde a garota viaja...  
Quer ser atriz ao invés de meretriz... (*IBIDEM*).

A fortaleza do eu poético destaca-se pela sua criticidade e, embora o sistema o tenha marcado ele não é arrebanhado, antes vocifera contra o sistema que impera e os quer dóceis.

A relação “eu – nós” é intensa em “Talvez seja querer demais!”, pois traz uma mensagem para um jovem atraído pelo fama e dinheiro trazidos do crime. O locutor pede que ele visite asilos, doentes terminais, centro de reabilitação de drogados para sentir o que é vida dura.

Além disso, há uma crítica contundente aos *rappers* americanos Snoop Dog, Dre e Queen Latifah, afirmando ser maior do que eles no sentido de que o *rapper* brasileiro se preocupa com os menos afortunados, tem uma missão de resgate para com os irmãos periféricos que se bandeiam para o crime e não estão preocupados em fazer fortuna com a música. Já os artistas norte-americanos da atualidade fazem pouca ou nenhuma denúncia contra as péssimas condições de vida de quem é pobre nos EUA. Eles agora são astros

da música pop, ganham milhões de dólares e o estilo de vida que levam se tornou incompatível com a essência do movimento Hip Hop. Tornaram-se hipermodernos demais ao exibirem joias, carros de luxo, mansões, em suma, transformaram-se em meros símbolos do consumo desenfreado e da ostentação.

Visite as creches, as maternidades,  
A casa do Cantador e outras entidades.  
Conheça a ação desenvolvida pela Cooperifa.  
Somos mais que Dog Dog, Dre,  
Queen Latifah.

Porque somos terceiro mundo, sem caviar,  
Sem champanhe, neste submundo.  
Quer entrar pro crime, vai! Mas, antes,  
Respeite os argumentos desse ignorante (*op. cit.*, p. 163).

O rap aproveita para depreciar a vida superficial dos ricos, que não dormem tranquilos preocupados em manter suas vidas luxuosas e nem sequer enxergam o pobre. Não obstante, tem-se uma visão clara da sua utopia “Pobres sairiam da pobreza, os ricos do cativeiro,/ Da insegurança, escassez de paz/ Talvez isso seja querer demais.”. A canção é um brado de inconformismo contra as injustiças sociais brasileiras. (*IBIDEM*, p. 164).

Na visão de Canclini a luta entre classes sociais ou entre etnias é, “na maior parte, uma luta metafórica” em que: “Às vezes, a partir das metáforas, irrompem lenta ou inesperadamente práticas transformadoras inéditas.”. (CANCLINI, 2008, p. 349). Oxalá que essa visão vingue, mas por enquanto não é a realidade que se apresenta.

Seguindo a linha de doutrinação, ensinamento dos ouvintes/leitores somos convidados, a partir do rap “América sem reféns”, a co-participar da cartilha de boas ações propostas pelo *rapper* através dos questionamentos impostos a seu interlocutor com preceitos que devam nortear a vida como agradecer a Deus, aos pais, vigiar o comportamento, ser trabalhador, manter-se afastado de álcool e de quadrilhas.

Já orou, olhou pro céu, agradeceu a Deus?  
Já pensou se, hoje, um erro você cometeu?  
Já agradeceu seu pai, sua mãe pelo amor?  
Já eliminou do coração todo rancor?

Cumpriu sua missão?  
Criou calos nas mãos?



Já teve na marmitta só arroz, ovo e feijão?  
Daria a sua vida por seu filho, por sua filha?  
Se mantém distante do álcool, da quadrilha? (*op. cit.*, p. 195).

Em seguida, somos direcionados pelo locutor a diversas ideias que considera serem bons princípios a seguir. Aproveita para implicitamente insinuar, com razão, que a verdadeira história não foi contada nos livros de História. Conforme Benjamin (1994): “O sujeito do conhecimento histórico é a própria classe combatente e oprimida” (*op.cit.*, 228). Ainda segundo Benjamin, o oprimido clama por justiça histórica, posto que a sua história sempre foi contada e vista pela voz e pelo olhar viciado do opressor e “um e outro se alimentam da imagem dos antepassados escravizados, e não dos descendentes liberados.” (*IBIDEM*, p. 229).

O locutor também afirma que há uma falsa abolição no país, que o estudo é o caminho a seguir e ninguém deve se iludir pelo dinheiro fácil e noitadas regadas a bebidas e drogas. Entre vários questionamentos toca na questão do racismo e preconceito:

Ri do parceiro de cabelo trançado?  
Da dona com cabelo crespo, encaracolado?  
Se sente melhor que os favelados?  
Acha que eles devem ser eliminados? (*op. cit.*, p. 198).

No final surpreendentemente não acredita na:

Postura impecável! Discurso nervoso!  
Mas tem algo errado, sério e misterioso  
Entre sua fala, o que eu vejo e ouço...  
Ou tô louco,  
Ou você é mentiroso! (*IBIDEM*).

Vimos que o “eu” presente nas canções de GOG dirige-se aos irmãos, parceiros com os quais compartilha as amarguras da vida na favela e em contrapartida há o “outro” não periférico que ainda será objeto de análise neste estudo. Além do periférico, inserido no lema é “é nós por nós”, ícones de movimentos sociais como Che Guevara, Malcom X, Zumbi são abarcados nas canções. “Sonhos latinos”, por exemplo, é uma homenagem a Che Guevara, ideólogo e comandante da Revolução Cubana que sonhava estender a

revolução armada a vários países da América Latina. O poeta compartilha ideais semelhantes aos dele, pois se considera também um espírito incorruptível e luta pela justiça social.

GOG canta o mito revolucionário com uma mensagem de otimismo para o seu público: “Corra atrás, acredite!/ Seja duro, se é confronto, não evite! (...) – Sonhos ninguém pode destruir!/ E sim transformá-los,/ Nunca apagá-los/Realizá-los!/ Isso faz sorrir. (...) Cê quer o quê, cê quer o quê?/ G.O.G canta Che!”. (*op. cit.*, p. 191).

Já em “Malcom “X” foi à Meca... GOG ao Nordeste”, o poeta se coloca nominalmente em suas letras e faz uma reflexão sobre sua vida profissional, considerando-se “Um Dom Quixote, enfrentando o mundo atual.” (*op. cit.*, p. 203). Sentia-se sem respostas, com ódio, até que entra em contato com suas origens ao fazer uma viagem ao nordeste que muda sua história.

Passa a relatar a vida do ativista dos direitos negros, Malcom X, que ele chama de “O despertador da negritude periférica”, que foi à Meca a fim de conhecer melhor o islamismo, o que promoveu uma mudança em seu modo de pensar, pois antes considerava os brancos como demônios e acabou concluindo que o capitalismo forjava os problemas sociais dos pobres e negros na sociedade capitalista americana. Fundou uma organização para unir os negros americanos e acabou morto a tiros quando discursava no Harlem. O poeta busca reminiscências de sua vida: filho de nordestinos que chegou à periferia de Brasília, ele passou por dificuldades, mas melhorou de vida pouco a pouco. Sua tristeza, no entanto, é que infelizmente não foram todos que tiveram o mesmo destino. Sentiu-se desrespeitado em sua trajetória como artista, mas depois da viagem suas esperanças renasceram.

Zumbi é o “Cavalo sem dono selvagem”. Esse deslocamento do adjetivo ‘selvagem’ além de ambíguo personifica a imagem de um cavalo livre que se contrapõe à imagem de domínio quando o animal é domesticado e perde sua ferocidade ao se tornar obediente ao seu dono. Esse cavalo é a própria metáfora de Zumbi, símbolo de força, bravura e liberdade de espírito. Esta palavra também pode ser determinante do substantivo ‘dono’ indicando a animalização, o zoomorfismo dele. O vídeo clipe dessa canção mostra imagens de Zumbi e contesta à situação do negro nos dias atuais. O poeta

inclui-se como personagem: “Convidaram pro banquete, rasguei/ O convite./ Cavalo da favela, não se envolve com/ A elite. (*op. cit.*, p. 224).

A mensagem é: o negro não pode aceitar rédeas, ser conduzido, aceitar ser comandado sem criticidade. O poeta convida para a resistência:

Avante marchadores de todas chapadas,  
Afastem-se das baias, ocupem suas raias.  
O maior tesouro, o bom cavalo sabe,  
Nunca vende nem empreste  
A sua liberdade. (*IBIDEM*, p.225).

A respeito dos conteúdos dos poemas, podemos asseverar que os nomes citados, as trajetórias de suas vidas convergem para o mesmo sentido conduzindo o interlocutor a uma leitura política dos versos sob a luz do ícone da militância da esquerda, político revolucionário, defensor dos direitos dos negros e também do símbolo da resistência negra no Brasil. Nesses casos, os elementos biográficos de cada personagem são amplificados, fazendo a história de cada um pertencer a uma classe social, a cada periférico.

O hibridismo com a crônica faz os raps arrebanharem os favelados pelos temas que expõem o seu cotidiano para que divisem seu mundo com criticidade, daí a importância de valorizar a sua cultura, ter orgulho da sua cor. Ao que o poeta conclama em “Assassinato sem morte”:

Se você ouviu, gostou, botou fé  
Se você ouviu, gostou, botou fé  
Se você ouviu, gostou, botou fé  
Estamos juntos por que der e vier! (*op.cit.*, p. 39).

### **3.4 A relação de animosidade do “eu” com o “outro”**

Bakhtin diz que o discurso de uma pessoa se amplia em uma interação com os enunciados dos outros:

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de uma perceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (BAKHTIN, 2003, p. 348).

Em *A rima denuncia*, GOG capta o discurso do “outro” pelo viés político e social, traduzindo-o de maneira desfavorável nos temas que discutem igualdade social e racial sempre com uma postura à espera de um posicionamento responsivo-ativo de seu interlocutor.

De maneira geral a relação “eu” e o “outro” não é sempre maniqueísta, porque o poeta não omite em suas canções o bandido glamourizado pela periferia, considerado por muitos como o “cara forte, cara de sorte”. Em “Qual é o pó?”, o traficante e os consumidores de drogas estão no limite entre o “eu” e o “outro”, apesar de todos morarem em favelas aquele age contra os irmãos explorando suas fraquezas.

Obviamente, o eu poético combate essa opressão, o que não o impede de criticar também a polícia que age para matá-los e a imprensa sensacionalista que se vale do sangue derramado para vender jornal. Contudo, o “outro” são essencialmente o doutor que não acredita nas precárias condições das favelas, o omissos e, principalmente, o mau político.

Assim, encontramos na canção “Dia a dia da periferia” um projeto intelectual em reler o contexto de quem é oprimido, sendo objetivo da canção transformar em poesia a difícil condição dos moradores da periferia: “E só assim, todo esse mal a gente assimila,/ Transforma em poesia,/ Dia a dia da Periferia!”. (*op. cit.*, p. 55).

Sabemos que transformar o cotidiano difícil das favelas é uma missão hercúlea, e coube ao poeta nos inserir nesta realidade com maestria, a fim de que possamos refletir sobre os “problemas sociais (que) aqui minam como pragas.”. (*IBIDEM*, p.52).

A rotina dos trabalhadores começa a ser desafiada no momento em que saem para trabalhar de madrugada, retrata as dificuldades em se ter famílias desajustadas, crianças mal alimentadas, discriminadas nas escolas. O rap tem como ideal qualificar os verdadeiros brasileiros, os de faces corroídas e deprimidas pelo trabalho ao sol.

Em contrapartida, há os “outros” que vivem em belas casas, os “plays” (redução da palavra playboys), a elite que os considera marginais, a polícia que usa sua força desnecessariamente ao abordar violentamente garotos periféricos com “um tapão no meio do nariz”. É lembrado o distanciamento espacial e social com moradores do centro. Observem o curioso jogo de

imagens ao associar o adjetivo “belo” a presépio – sinônimo de estábulo, local pobre onde se concretiza a mudança de cenário – indo do luxo ao lixo:

Enquanto outros vivem em belos presépios.  
No balão um play dá coro no seu carro esperto.  
Aqui o que corre é esgoto a céu aberto.  
E as pessoas vistas sem o menor crédito. (*op. cit.*, p. 54).

Sendo que “O som é radical, Original Rap Nacional,/ Considerado pela elite som de marginal” (*IBIDEM*, p. 55), temos a visão elitista sobre os favelados e sua produção cultural enfatizada pelo poeta pela sonoridade toante de sua rima.

A fala de “um cidadão preto” em “É mesmo incrível” interpela os que instituem padrões de beleza na sociedade. Esse “outro”, apesar de indeterminado pelo locutor, pode ser adivinhado como os próprios negros que obtêm algum sucesso nas vias midiáticas: “Até nossa autoestima arrancaram./ E muitos que deviam ser a nós aliados./ São implacáveis adversários.”. (*IBIDEM*, p. 59/60).

Ao pregar um consumo consciente do seu público alvo: o pobre, o analfabeto, o preto, em “Vai GOG”, fala dos estrangeiros que visitam o Brasil e se regozijam ao ver os brasileiros usando as roupas deles. Censura-os por conhecerem pouco o Brasil: “Só Amazônia, Ipanema, Copacabana,/ O índio sem espaço, a mulata boa de cama,/ Terra do besteiro, mundo do futebol.” (*Op. cit.*, p. 67). Os “outros” também são os playboys que usam marcas importadas, só querem curtir o som da periferia sem compromisso, querem fumar e transar com as meninas. O poeta fica irado com essa situação.

A burguesia que discrimina o rap, as mulheres faveladas e apoia a chacina é considerada inimiga da periferia em “É o terror!” e também é rechaçada em “Mais uma estória”, canção que relata de forma prosaica os sonhos de uma família de retirantes nordestinos “sem garantia de final feliz”. O poeta conta a história dessa família que em cima do caminhão: “ninguém nem sabia pra onde ia./ Rio, São Paulo ou Brasília?/ E o sudeste foi decidido,/ Quando o mais novo contou do Santo Cristo/.” (*Op. cit.*, p. 137). A referência é ao anti-herói da música “Faroeste Caboclo” da banda Legião Urbana que conta

a história dramática de João de Santo Cristo morto em um duelo em plena rua da Ceilândia, periferia de Brasília.

A família sofre todo tipo de preconceito, violência, mas mantém-se unidos e os pais, mesmo com trabalhos simples, conservam os filhos na escola. A cidade é associada à divisão escravocrata: “Cidade grande, casa grande,/ Senzala/ O cheiro do preconceito/ Exala”. (*IBIDEM*, p. 138). Essa narração é entremeada por outras histórias da favela, nas quais as palavras “agressor”, “bang-bang”, “sangue do mesmo sangue dividido” dão o tom violento das histórias.

O locutor dirige a palavra à elite (“os outros”, neste caso, o barão) em tom desafiador, que pode ser confirmado pelo uso do vocativo ao indicar que pretende ser ouvido e almeja obter respostas. O sofrimento do seu povo é explicado com o auxílio da imagem do filme “Central do Brasil”:

- Hein, barão<sup>48</sup>,  
Faça as contas, multiplique por mil  
O sofrimento que você viu  
Na Central do Brasil.  
- Hein, ouviu?  
Pobreza na tela,  
Hollywood aplaudiu. (op.cit.,p.138/139).

Como um flash outra história é inserida na canção: um avô agredido pelo neto depõe contra o agressor no distrito: “Sangue do mesmo sangue dividido, / É só o início...”. (*IBIDEM*, p. 139). A história da família nordestina é retomada para dizer que, mesmo pobres, seus membros se reúnem para o almoço, oram e mantêm-se juntos.

A família é um tema caro a GOG por sua forte relação com seus pais e o valor que o poeta dá às relações familiares em suas canções. Para ele, a família é a base para a educação de qualquer um e na periferia essa situação não é diferente, mesmo que a família se restrinja a uma mãe solteira, a um pai viúvo. Em “Razão para viver” o locutor está determinado a ajudar uma mãe a retirar do crime seu filho marginal. Ela, mãe solteira, sofre com os caminhos

---

<sup>48</sup> A foto do Barão do Rio Branco estampava a nota de 1000 cruzeiros, a qual passou por metonímia a ser chamada de Barão. Então, toda pessoa com poder aquisitivo elevado era chamada na gíria de barão.

seguidos pelo filho que a agride. Ele, educado pela TV sempre ligada que oferecia um mundo distante do dele, acaba morto anos depois.

Como observa Canclini (2007, p. 213), as condições familiares (ou a sua falta) são particularmente significativas para os jovens “na integração/desintegração, na fragilidade dos laços sociais e na possibilidade de superá-la.”.

Também em “Quando o pai se vai”, canção feita em homenagem ao pai falecido, o eu poético é um menino que toma o lugar do pai que abandona a família. É humilhado ao procurar emprego; mas mantém-se otimista, apesar da vida difícil.

(...)

Fui até em lugar que não era necessário.  
Fui humilhado pelo empresário.  
E do bolso, gastei meu último troco,  
Pra ouvir ele gritar até ficar rouco:

- Sem qualificação, não tem produtividade!  
Primeiro grau é diploma de imbecilidade!  
Segundo grau perdeu a validade.  
- Tem que ter faculdade!

Esses caras falando quase me arrasa,  
Mas do jeito que dá, sustento minha casa.  
Não sei por que não respondi na mesma tonalidade:  
- Ninguém se qualifica sem primeira oportunidade!

Que o requisito principal é honestidade,  
Que chegaria a qualidade, que tenho necessidade.  
Esses caras, financiado pelo pai,  
Chama a segurança e grita: Sai!

Foi melhor eu ter me controlado...  
Já pensou eu sair de lá algemado?  
Mato minha mãe de desgosto.  
Não quero ver minha velha  
Tomando soro no posto.  
(...) (*op., cit.*, p. 209/210).

A outra situação narrada na canção é a de um pai viúvo que trabalha como vendedor de doces no sinal de trânsito e cuida afetosamente dos filhos. Sua opção de vida é verificada no recurso fônico da aliteração e metáfora nos versos: “Evitando o trágico, disse não ao tráfico/ E no tráfego, trafegou, testando seu ego/ Calça suja, camisa furada e chinelo./ Trabalhava do vermelho ao amarelo.”. (*Ibidem*, p. 211). É outro rap que tem a finalidade de ensinar pelo exemplo.

Nessa época, a partir da década de 1980 e, sobretudo, nos anos de 1990, Lipovetsky esclarece que “vemos da ampliação dos desafios desencadeados pela pobreza em grande escala, pelo desemprego em massa, pelo *working poors*, pela vulnerabilidade e desqualificação social.” (LIPOVETSKY, 2007, p. 48).

A dualidade das realidades sociais e familiares é recorrente em algumas canções de GOG: família unida e outra desestruturada, dois Brasis – um pobre e outro abastado, o pobre negro, favelado, o rico branco, opulento.

Para o poeta o sistema capitalista incentiva a violência e representa o suicídio para o favelado. Em “Tira a bala”, a metáfora formada pelo deslizamento semântico da palavra ‘tira’ ao lado de ‘a bala’, significa livrar a comunidade da violência, mas ao mesmo tempo a primeira palavra é gíria para denominar um policial que porta arma. Se a pronúncia do sintagma for feito com alguma velocidade a impressão é a de que um projétil é disparado por uma arma de fogo, indicando justamente a situação de violência a que estão submetidas as periferias: “Tira a bala, põe a bala, faz roleta russa e pá!/ São as palavras de incentivo que o sistema dá!”. (*Ibidem*, p. 239).

Esta canção se baseia em extratos de falas do apresentador Sílvio Santos, retiradas do popular *Show do Milhão*, programa de perguntas e respostas, em que a cada resposta correta o participante ganhava um valor que podia atingir o prêmio máximo de um milhão de reais. O poeta faz as seguintes interrogações e obtém as respostas do apresentador:

Por que não valorizam o favelado?  
- Mil reais!  
Por que o pobre segue mal alimentado?  
- Dez mil reais!  
(...)  
Por que o rico é cleptomaniaco e o pobre é ladrão?  
- Um milhão de reais!

A conclusão é a esperada:

E, no caso do menor, o que o governo fez?  
- Tchau pessoal, até a próxima vez! (*op. cit.*, p.241)

A figura mais ojerizada nas canções é, sem sombra de dúvidas, o político corrupto ou avesso ao pobre. Em “A voz do Brasil”, o locutor incita a



juventude alienada a reagir ao mau presidente, no caso o ex-presidente Fernando Collor de Melo. A contundência atinge limites violentos em “Assassinato sem morte”. Ao ver o povo pobre, abandonado, sem políticas públicas que o retire da miséria, o locutor revoltado endurece o discurso contra o mau político: “É sujo/ É podre!/ É lixo!”. (*IBIDEM*, p. 38). Essas palavras voltam na canção “Ei, Presidente!” direcionadas ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o qual o poeta denomina como “Sociólogo nojento!” que não é “Não é gente, não é gente, não é gente da gente!”. (*IBIDEM*, p. 128). A postura de FHC, que defendia o Socialismo em seus livros na época da Ditadura Militar e quando assumiu a presidência pediu ao povo para esquecer os seus escritos, é combatida pelo poeta: “E você se faz de esquecido./ Nega a autoria dos seus livros.” (*IBIDEM*). O clima de revolta perpassa toda a canção.

Há referências explícitas e implícitas à época da ditadura com o famoso “É proibido proibir./ - Então ouve aí...!”. Dirige-se, indignado, ao ex-presidente FHC e pede explicações por ter chamado os aposentados de vagabundos, quando ainda era presidente: “FHC ou THC?/- Pro meu povo o que é pior?” (*IBIDEM*, p. 130). Repetem-se as críticas, inclusive utilizando os mesmos versos descritos na canção “Assassinato sem morte” e assinalados acima:

Não vou mentir, omitir que  
Você não é você,  
Você é simplesmente  
Isso:  
É sujo,  
É podre!  
É lixo! (*op.cit.*, p.131).

Na letra da canção “Assassinos sociais”, os políticos são descritos como os “malditos,/ Parasitas!/ Cínicos!/ Assassinos sociais”. (*op.cit.*, p. 61). “E não são dois, nem três,/ São mais de cem ladrões!” (*IBIDEM*, p. 63) que trabalham pouco, são corruptos, esbanjam campanhas eleitorais milionárias e não se importam com o sofrimento do pobre. O locutor assim define o mau político: “É um anticristo, um cisto, a besta”. E lhe deseja: “E quero ver sua cabeça, seu oco, seu mal!” (*op.cit.*, p. 64).

Na canção “Prepare-se!”, o ataque feroz aos políticos corruptos a quem ele chama de “marginal diplomado” continua:

Ou você pensou que iria ser tão fácil, assim,  
Se livrar de mim?  
Das promessas feitas ao meu povo,  
Enfim...  
Viver às custas da nossa grana, mandar os  
Descontentes em cana!  
- Eu não fiz nada disso!  
Ora, cale sua boca profana! (*op.cit.*, p. 83/83).

O povo pede a atenção do “doutor”, mas ele se diz ocupado em suas atividades parlamentares ao que o refrão arremata: “Sei quem tem, tem/- Mas quem não tem quer ter também!”. (*Op.cit.*, p.82). A certa altura uma voz pede ao locutor para assassinar o deputado, mas ele diz que a luta contra o mau político se faz com atitude, ou seja, com as atitudes vindas do seu rap, por isso o título: “Prepare-se!”.

Esse discurso antiviolença do locutor feito na canção acima descrita desaparece em “Luto no Congresso”. Agora em nome do povo: “Surpreendente:/ - Pele escura!/ - Com fome!/ - Sem dente!” (*op.cit.*, p. 118) quer a “Morte aos parasitas da Periferia!” que aparecem quando precisam de votos, elegem-se e somem: “Chega, chega basta! Dessa palhaçada dessa farsa/ Mau político pra mim:/ - Tem que morrer! Tem que morrer!”. (*op.cit.*, p. 119).

A suspeita de superfaturamento na construção da Ponte JK sobre o Lago Paranoá, em Brasília, obra realizada na gestão do ex-governador do DF Joaquim Roriz e aprovado pelo Tribunal de Contas, é o objeto da explícita crítica da canção “Eu e Lenine (A Ponte)” sobre o antigo político do DF que em “Brasília Periferia” adivinhamos o seu nome na rima: “Cujo o nome se rima não se diz”. Cyntrão nos lembra que na leitura do texto poético é:

Na decodificação da camada semântica, serão estabelecidos os dados de realidade histórica que, selecionados e combinados, receberam o tratamento poético do autor. Sendo a literatura um componente da cultura humana e a expressão codificada dos contextos em que se insere o ser social, o profundo sentido de cada texto só aparecerá no rastreamento da sua inter-relação com os outros textos e com o contexto que o envolve. (CYNTRÃO, p. 29).

A letra é baseada na canção “A Ponte” de Lenine, cujos versos são inseridos na música de GOG, e mescla a metáfora da ponte, não como união,

mas como algo que separa dois mundos: “Condomínios luxuosos por todos os lados,/ O Congresso e o Planalto colados/ - Aqueles barracos, ali ó, vão ser retirados!”. (*op.cit.*, p. 172). Esses versos são uma nítida alusão à segregação espacial em que vivem os pobres do Distrito Federal. Os artistas travam diálogos, e o *rapper* pede para Lenine cantar a origem dele, momento em que o cantor pernambucano combina a palavra nagô (um povo africano cujo vocábulo significa caminhos) com a famosa ponte americana Golden Gate:

Ah, Lenine, te peço mais um favor!  
- Diz aí...  
Cante a origem deste preto que se apresentou  
- Nagô, nagô, na Golden Gate...  
- esse lugar é uma maravilha!  
No horizonte, no horizonte (*Idem*, p.174).

FHC, dentre outros políticos que supostamente faziam uso do caixa dois, é relembrado em “Fogo no Pavio” como traidor de um país infanticida e cujo salário mínimo incentiva o crime, enquanto o:

Congresso, Planalto assaltam,  
Dividem o lucro.  
Xadrez, de vez, para esses canalhas!  
Ou que ardam nas fornalhas,  
Pagando por suas falhas!  
O capitalismo, a burguesia. (*op.cit.*, p. 235)

Este é também um rap ácido que move a canção na junção explosiva dos vocábulos que o intitulam e assim convoca o povo a despertar e os conclama a revolução:

Revolucionários do Brasil, fogo no Pavio!  
Fogo no Pavio! Fogo no Pavio!  
Revolucionários do Brasil, Fogo no Pavio!  
Fogo no Pavio! Fogo no Pavio! (*IBIDEM*, p. 236).

O desprezo explícito ao ex-presidente FHC e a glorificação a Zumbi traz novamente a dualidade centro-periferia. O poeta conclama os periféricos a não aceitar a submissão, a ler a literatura marginal de Ferréz, Sérgio Vaz, assim como as revistas “Caros Amigos”, “Princípios”, “Pasquim”, cujos conteúdos

diferem da abordagem das grandes revistas e jornais convencionais por serem de esquerda e terem compromisso social e político.

Eco diz que “Interpretar um texto significa explicar por que essas palavras podem fazer várias coisas (e não outras) através do modo pelo qual são interpretadas” (ECO, 1993, p. 28). Isto lembra o que GOG intencionava quando escreveu “Brasil com p”<sup>49</sup>, uma de suas letras mais famosas e que será analisada aqui com mais detalhes. Diz GOG:

Nessa poesia, com sampler de Jorge Bem, utilizei como técnica de composição uma brincadeira tradicional do universo infantil brasileiro, a língua do p. Acredito que o encontro entre essa brincadeira, que guardamos na nossa memória afetiva, e um conteúdo altamente crítico-social criou a tensão necessária à expressão de mais esse canto falado que tive a felicidade de compor. (GOG, 2010, p. 123).

GOG diz que se inspirou em uma brincadeira infantil, no entanto, o objetivo dessa brincadeira é esconder a mensagem, e o poeta faz o contrário, sua mensagem é explícita, objetiva, clara. Este fato contesta a pouca importância dada a *intentio auctoris*, segundo a abordagem de Eco.

Em entrevista ao site Música Preta Brasileira em julho de 2009, o artista revela um pouco mais sobre o processo de criação desta canção:

4P (pronúncia: quatro pê): Poder Para o Povo Preto.  
– Essa frase, imortalizada no hip hop brasileiro pelo parceiro KL Jay, também me serviu de inspiração, já que a letra "o" entre as palavras para e povo me incomodava. Ouvir maestros, cantores, críticos musicais dizendo: “rap não é música, não tem poesia”. Daí pensei: “vou escrever algo sem vogais, conjunções, só com a letra "p", e mais, tem que ter sentido e expressão”. Foi desse desafio que nasceu a letra, mostrar que se sou o povo, posso ser o que quero. O processo da escrita, por mais que tenha sido trabalhoso, foi bem mais fácil do que chegar à ideia conceitual da letra, que foi escrita rapidamente e hoje conta com a continuação que é "Próxima Parte" faixa do cd Tarja Preta. Hoje percebo que a observação e a inovação são pontos imprescindíveis no verso, prosa, poesia, enfim no texto literário. Digo isso, colhendo belos frutos dessa criação.<sup>50</sup>

Tatit diz que o rap por estar tão próximo da fala é a genuína canção. Como canto falado, “Brasil com p” compõe-se em seu campo lexical formado, sobretudo por substantivos, fato que o torna uma canção conceitual que gira

<sup>49</sup> Lançado no disco CPI da Favela, em 2000. Essa música foi gravada também no DVD – Cartão Postal Bomba (2007) com a participação da cantora Maria Rita.

<sup>50</sup> <http://basicodobasico.blogspot.com.br/2009/07/gog-brasil-com-p-entrevista-exclusiva.html>. Acessado em 08 de outubro de 2013.

em torno da expressão popular dos três pês: preto, pobre e prostituta. A partir deste trio, desembocam-se os outros pês que compõem a canção.

Há também a musicalidade presente na estrutura poética baseada no som aliterado da consoante /p/ ocasionando um tom onomatopéico que nos faz associá-la à metáfora da palavra disparada como uma rajada de bala que nos metralham duas realidades.

Essa canção compõe a síntese dos outros poemas vistos até o momento tanto pela reincidência semântica evidenciada pelos grupos de palavras escolhidas quanto pelas temáticas abordadas nas estrofes irregulares:

Pesquisa publicada prova!  
Preferencialmente preto, pobre, prostituta,  
Pra polícia prender.  
Pare, pense...  
- Por quê?

Prossigo...  
Pelas periferias praticam perversidades!  
Pm's.  
Pelos palanques políticos prometem, prometem...  
Pura palhaçada,  
Proveito próprio.

Praias, programas, piscinas, palmas!  
Pra periferia?

Pânico, pólvora, pá!, pá!, pá!  
Primeira página.  
- Preço pago?  
Pescoço, peitos, pulmões perfurados.

- Parece pouco?  
Pedro Paulo, profissão pedreiro,  
Passatempo predileto...  
Pandeiro.

Preso, portando pó, passou pelos piores  
Pesadelos.  
Presídios, porões, problemas pessoais,  
Psicológicos.  
Perdeu parceiros, passado, presente, pais,  
Parentes,  
Principais pertences.

-P. C!  
Político privilegiado preso, parecia piada,  
Pagou propina pro plantão policial,  
Passou pelo porta principal.

Posso parecer psicopata, pivô pra perseguição,  
Prevejo populares portando pistolas,

Pronunciando palavrões.

Promotores públicos pedindo prisões.  
Pecado.  
Pena?  
Prisão perpétua!  
Palavras pronunciadas...  
- Pelo poeta, IRMÃO. (*op. cit.*, p.125).

A voz do poeta invoca um argumento de autoridade, uma pesquisa publicada, para validar o que já se sabe. Ou seja, vale-se de uma voz exotópica qualificada (do centro, da validade) para denunciar uma realidade de violência. A primazia pela opressão ao periférico indicado pelo advérbio ‘preferencialmente’, no segundo verso, é crucial para o entendimento do poema, pois articula engenhosamente as contradições sociais que nos indica, que dentre os que podem ser presos, a prioridade é dada aos pretos, aos pobres, às prostitutas. O eu poético nos induz a refletir sobre essa situação e nos indaga, retoricamente, sobre os motivos, as determinações que levam a polícia a prendê-los. Os versos constatam que a lei é aplicada somente para os pobres, e a serventia da polícia é agir com violência contra os fracos, os despojados.

Em contrapartida, estão os poderosos, os políticos em campanhas prometendo melhorias para todos. Com embuste, prometem para tirar vantagem do povo e atuar em causa própria. A cadência do som aliterado nos traz imagens cinematográficas produzidas pelo ritmo em: “Pânico, pólvora, pá!, pá!, pá!”, na qual o barulho gritante da situação é sentida pelo leitor. Neste sentido, observando realidades tão opostas, o homem periférico se desumaniza, ele serve a um fim em uma relação sujeito versus objeto.

A atomização desse sujeito se presentifica na modelagem de palavras enumeradas, que traz à tona elementos que o reduz às partes do seu corpo vitimadas pela violência: “pescoço, peito, pulmões perfurados”. Ele não é uno, visto em sua inteireza como um ser humano, mas alguém destinado a sofrer violência, estar à mercê da morte. O eu poético critica esta normalidade em se estampar nas primeiras páginas de tabloides sensacionalistas imagens que exploram com avidez crimes violentos cometidos nas periferias.

A interrogação é emblemática em “parece pouco?”. Essa pergunta retórica nos remete à necessidade do exemplo concreto, nominal. Então é citado Pedro Paulo, o pedreiro, que podia ser qualquer um da periferia. Ele é

descrito com pequenos traços que se intensificam em nossa visão e fica clara esta simbolização. Ele é determinado socialmente por seu caráter exterior substantivado: trabalhador braçal (pedreiro), que se entretém em rodas de samba (pandeiro).

O fator de subjetividade da sua prisão é latente, tanto que o eu poético não o identifica nem como usuário nem como traficante de drogas. Apenas foi preso “portando pó”, não sabemos em que condição se deu a prisão, mas esse fato condicionou as suas determinações exteriores anunciadas pelo confinamento observáveis pelas palavras “presídios, porões” que condensam o seu interior abaulado por perdas pessoais, psicológicas. Tudo lhe foi retirado.

Pedro Paulo, pedreiro da canção de GOG, é a continuidade do “Pedro pedreiro<sup>51</sup>” de Chico Buarque com poucas alterações. Os índices sociais continuam os mesmos, o pobre está fadado a continuar pobre e conformado com a falta de oportunidades de ascensão social e a desigualdade social que se perpetua de geração a geração como nos indica a letra buarquiana: “esperando um filho pra esperar também”. A diferença é que o Pedro de Chico Buarque espera algo que nunca vem e “quer voltar atrás, quer ser pedreiro pobre e nada mais”. Já o de GOG também sofre por ser pobre e periférico, mas não há indicação de conformação com a vida. Ele é o reflexo da realidade saturada de determinações sociais ao que busca diminuir suas frustrações com as drogas e padece ao ser preso.

O espaço temporal entre a letra de Chico Buarque e de GOG nos impõe a sensação de que a situação social da periferia é imutável e a classe operária continua passiva, incapaz de ajudar a si mesma, está acomodada, sem tentativa de revolução. O eu poético da canção de GOG nos indaga se devemos ficar inertes perante tudo isso.

O mundo é visto do ponto de vista da ideologia capitalista, do povo explorado, inerme, enganado por políticos corruptos. Discute-se na canção a prevalência de uma classe sobre outra, sobre os tratamentos desiguais dados aos ricos e aos pobres, ao que o eu poético nos convida a reagir, a ter atenção ao que diz. Mas também matizes dialéticos ganham sentido na medida em que

---

<sup>51</sup> Canção composta em 1965 e lançada em 1966 no disco *Chico Buarque de Hollanda* e regravação pelo próprio Chico, em italiano. Foi uma das primeiras músicas compostas pelo cantor e fala de um operário que espera o transporte público para chegar ao trabalho, a sua vida é descrita utilizando diversas vezes a palavra "esperando", no total, repetida 36 vezes.

tanto o operário quanto o político assumem atitudes antissociais, criminosas, e, se ambos erraram, a cadeia deve ser o destino deles.

O que a canção discute é que apesar das leis serem promulgadas para proteger a sociedade de quem descumpra as normas civis, somente quem é pobre resta preso. Os criminosos são distinguidos a partir de sua classe social, indicando a absolvição aos endinheirados (não importando se a gênese desse dinheiro provenha do desvio de recursos da própria sociedade) e perpetuando o preconceito contra a população das favelas, resumidos nos três pês, tidos sempre como bandidos, marginais.

A palavra seleção nos lembra de Charles Darwin. Este ao passar pelo Rio de Janeiro em 1832 e dentre muitas críticas aos hábitos dos brasileiros disse: “Se um crime, não importa quão grave seja, é cometido por um homem rico. Ele logo estará em liberdade.”<sup>52</sup>. O que nos faz crer que a elite econômica sempre teve mais direitos aquinhoados pelo dinheiro.

A intensidade lírica da canção suspende o aspecto histórico e factual do personagem político citado e símbolo da corrupção no Brasil no final da década de 80 (hoje nos é tão fácil citar outros). PC<sup>53</sup> é um símbolo que atinge uma espécie de universalização e perpetuação da experiência relatada por Darwin e “passou pela porta principal” para ganhar a liberdade.

O poeta se imiscui e prevê uma rebelião das massas populares portando armas, aos berros, injustiçados pela situação em que se encontram na sociedade. Os Promotores de Justiça, considerando o ato, logicamente, crime, decretam suas prisões. E a história há de se repetir perpetuamente para o pobre: “Pena?! Prisão perpétua!”.

No final, o locutor se revela fraterno, da mesma linhagem do povo o que pode ser acentuado pelo emprego da letra maiúscula e pela imagem solidária do último verso: “Palavras pronunciadas.../ – Pelo poeta, IRMÃO.”.

---

<sup>52</sup>Disponível em:

<[http://www.casadaciencia.ufrj.br/caminhosdedarwin/downloads/diario\\_darwin\\_rio.pdf](http://www.casadaciencia.ufrj.br/caminhosdedarwin/downloads/diario_darwin_rio.pdf)>. Acessado em: 31 de maio de 2013.

<sup>53</sup> Paulo César Farias, mais conhecido por P.C. Farias, foi o tesoureiro de campanha de Fernando Collor de Mello nas eleições presidenciais brasileiras de 1989 e a peça chave que causou o primeiro processo de impeachment da América Latina. Condenado a sete anos por falsidade ideológica ficou apenas 18 meses na prisão. Ele foi encontrado morto, junto com sua amante, em 1996. Até hoje, especula-se que a sua morte foi uma queima de arquivo.



O poeta parte de uma fundamentação social, constata, sente na pele que seus irmãos sofrem por serem determinados socialmente. Lipovetsky nos esclarece que:

(...) a tomada de responsabilidade individual é apenas uma faceta da hipermodernidade, e também não se deve esquecer que a dissolução da forma de enquadramento dos indivíduos pode produzir o efeito inverso. Com o desmoronamento dos grandes discursos normativos acerca da moral, assiste-se a fenômenos inéditos que participam de um individualismo irresponsável: cinismo generalizado, recusa do esforço e do sacrifício individuais, comportamentos compulsivos, tráfico de drogas e toxicomania, violência gratuita, particularmente em relação às mulheres nas periferias urbanas. O reino do hedonismo coincide apenas em parte com a era da tomada de responsabilidade. (LIPOVETSKY, 2004, p 39).

A poética dessa canção de caráter político das questões sociais brasileiras nos faz penetrar (n)“a alma sensível do artista, mergulhando-o nas ambiguidades e contradições de sua experiência como homem, trazendo às obras, forte e constante, uma consciência do seu ser político e cultural.” (CYNTRÃO, 2004, p. 31). Percebemos, ainda conforme Cyntrão “que a realidade se dá sempre enquanto história humana; e cultural, há que a história humana se dá como destino comum, socialmente definido.”. (*IDEM*, p. 31).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Affonso Romano de Sant'Anna constata que:

(...) as pessoas mais comuns, carecem também de poesia, que a poesia modifica a existência dos indivíduos e que os poetas podem exercer um delicado e perigoso poder sobre os leitores [eu diria também ouvintes]. Temos todos experiências tocantes de como pessoas descobriram o amor, tomaram decisões cruciais em suas vidas ou mesmo como interferimos na vida política e social do país, através da poesia. Assim, desenvolve-se um paradoxo: a poesia que dizem não servir para nada está na essência da vida e descobrimos que a poesia corrige a física, pois, como disse num poema<sup>54</sup>, “na poesia nada se perde, o nada se cria e o nada se transforma”. (SANT’ANNA, 2009, p. 15).

O mesmo poeta, em entrevista ao jornal *Tribuna de Minas*,<sup>55</sup> disse ocorrer ainda um mistério com a poesia: por ela ser considerada um gênero de primeira necessidade, as pessoas procuram-na por toda parte, seja na música popular, seja na publicidade; meios em que o consumo e o entendimento se tornam mais fáceis para o grande público.

As reflexões acima concluem este trabalho, apesar de o rap ser avaliado ainda para muitos como música de gente pobre, sem qualidade e chamar um *rapper* de poeta ser ainda considerado um absurdo ímpar. Pelo exposto neste trabalho, vimos que GOG, poeta popular urbano, não se afasta de suas origens, ao contrário, fala ao mesmo tempo sendo observador e refletor das pessoas que moram no gueto como ele. Como um Hermes mitológico se põe entre os seus pares e com eles dialoga, fala sem autismo e se impõe sem máscaras, com um discurso direto, sem alegorias através de rimas que “ora rica, ora pobre, ora vibra, ora sofre (...) a rima transforma o homem por inteiro”. (*op. cit.*, p.153). É uma poesia pedagógica, que ensina que é mais fácil falar de dor do que de amor.

Através de seus raps chama o seu interlocutor a se engajar na luta pela transformação social, a mudar a realidade das favelas. Seu discurso didático

---

<sup>54</sup> O poema em questão se chama “Sou um dos 999.999 poetas do país”.

<sup>55</sup> LOURDES, MARIA. Meio século de poesia. Disponível em < <http://www.tribunademinas.com.br/cultura/entrevista-affonso-romano-de-sant-anna-escritor-1.1136265>>. Acessado em 01 de junho de 2013.

chega mesmo a ser ressentido, feito de fragmentos de vidas marginalizadas, partindo de um passado que não passou. Endossando Sant'Anna, concluímos que fazer rap, marca de identidade suburbana, não é algo inútil porque há ouvidos que precisam ouvir: "Rimas fortes em prol dos fracos (...) Distante do planalto, o Rap aqui causa abalo. De tanto o peso bater o concreto já tá rachado". ("Aviso ao Sistema". In: *op.cit.*, p. 104).

O rap, como criação estética híbrida de origem negra além-atlântico, disseminada em todo o mundo, faz-nos compreender melhor as tensões sociais. Pelas letras de cada um dos raps analisados neste trabalho, pudemos observá-las e constatar que, em nosso país, o pobre favelado é visto como marginal e, não só na acepção jurídica do termo, mas como alguém sem valor, sem visibilidade, sem poder.

Em *A rima denuncia* observamos uma unidade discursiva que indica caminhos para se mudar essa visão, que almeja elevar a autoestima dos jovens da periferia, para que ergam a cabeça, não tenham vergonha do local em que moram e contribuam com a sua comunidade agindo de forma digna e exemplar. O discurso engajado das letras expõe por inteiro o cotidiano dos periféricos que convivem com casos concretos de extrema agressão policial, de convivência com traficantes, desajustes familiares e com falta de perspectivas de melhoria social. Ele traz para a esfera pública o debate sobre o lugar do pobre, do direito a ser ouvido, do acesso à cidadania.

Parafraseando Canclini (2007), entendemos que GOG busca entender e nomear os lugares nos quais a vida cotidiana dos periféricos entra em conflito com a vida dos outros, aqui entendidos como elite econômica e social. Ele vê o mundo pelos olhos de e do periférico que se vê como desigual e discriminado. Com a pretensão de ensinar, ampliar a capacidade crítica do público, a obra de GOG coloca a interação com o outro na esfera pessoal e social como central no processo de constituição da consciência do indivíduo.

Por meio da alteridade, todas as atividades e papéis nas diferentes esferas sociais se encontram em um palco de embates ideológicos, visões de mundo e identidades conflitantes, visando engajar discursivamente os periféricos em um processo de reflexão sobre a própria ação. O texto é um pretexto do autor para que o leitor, seja do centro, seja da periferia, consiga enxergar um sistema político e social que empurra pretos e pobres para a

margem, numa espécie de coisificação do povo menos assistido pelo Estado. Sua escrita é um ato político que visa a ampliar a criticidade das populações periféricas pela tensão constante entre o centro e a periferia através de recursos que constroem o ritmo poético, principalmente, com seu estilo forte tanto nas letras como no timbre da voz, através das aliteraões, dos jogos consonantais, das enumeraões. Os raps de GOG exigem uma postura de protesto porque “(...) várias formas de cultura contribuem para o progresso de uma sociedade, que não pode bastar-se apenas dos padrões da elite dominante, em termos de moral, de comportamento e modelo.” (CYNTRÃO, 2004, p. 32).

A força da enunciaão dos raps analisados reside precisamente naquilo que sua inviabilidade deixa patente, tendo em vista que é uma arte para o protesto, o desabafo e põe em evidência as fraturas e fragmentaões de nossa sociedade assentando quem os canta e quem os escuta em um panorama que faz fluir cenários de revolta e dor.

Buscamos respaldo interpretativo na teoria de Eco (2000) e vimos que ele relativiza as possibilidades de interpretaões de um texto dependendo da intenção interpretativa que se dá a ele. Apesar da refutaão que fizemos a sua teoria sobre o papel do autor na interpretaão de uma obra, insistimos que essa avaliação não serve para todo e qualquer texto, pelo menos não para o poeta analisado. GOG tem uma intenção unívoca e certo didatismo ao fazer uma leitura metalinguística do país, partindo de todos os signos presentes em um ponto: o periférico. Esse foi o efeito provocado pelo todo orgânico e coerente da obra lida à minha *intentio lectoris*.

Suas letras sintetizam o ritmo e a poesia das cidades da periferia do Distrito Federal, falam do cotidiano dos jovens sem a utilização de palavrões:

Se você ouve em casa um rap agressivo, cheio de xingamentos, sua mãe certamente vai ficar contra você, vai achar aquela música indecente. Daí o hip hop vai ganhar um inimigo em seu próprio lar. Por outro lado, se o rap for bonito, consciente, sua mãe ouve e pode se tornar mais uma aliada. (GOG, 1998 p. 22).

GOG se questiona: “- O que é ser *rapper*? Cantar de que forma para o povo? Acompanhá-lo ou guiá-lo?” E conclui: “(...) todas essas questões têm

respostas relativas, nunca teremos uma verdade completa ou apenas uma forma única de ação, uma só resposta.” (GOG, 2010, p. 202).

Percebemos, pelas leituras realizadas que o rap como discurso nunca é um monólogo, antes é um enunciado prenhe de diálogo (Bakhtin, 2011) exatamente porque um poeta pós-moderno como o posto em análise, apesar de saber do individualismo da sociedade, quer como no poema drummondiano fazer uma canção “que faça acordar os homens”. (ANDRADE, 2002, p. 231) e pô-los em interação. Conforme Zumthor (1983), de forma resumida a partir de livre tradução: uma palavra poética oralmente transmitida é capaz de favorecer a migração de mitos, de temas narrativos sobre áreas às vezes imensas, afetando profundamente a sensibilidade e as capacidades inventivas de populações. Assim sendo, o ideal do poeta analisado é construir um texto capaz de despertar a consciência dos suburbanos e para isso ele não se cala, faz raps.

Segundo Spivak (2010), que define o sujeito subalterno como aquele pertencente “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” ( p.12), não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar contra a subalternidade. Nessa linha de pensamento e muito mais do que falar pelo outro, de ter sentimento de coletividade pelas comunidades periféricas, GOG incita a reação dos periféricos diante da transparência a que estão sujeitos de forma que falem por si mesmos e essa fala seja audível em toda a sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES DE REFERÊNCIAS CIENTÍFICAS

(Livros, ensaios acadêmicos, dissertações e teses)

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

\_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato responsável**. TR. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BUZO, Alessandro. **Hip-hop: dentro do movimento** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques, 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

\_\_\_\_\_. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4º ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.

CANDIDO, Antonio [et. al.]. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações**

**no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui

Barbosa, 1992.

CONTADOR, António Concorde & FERREIRA, Emanuel Lemos. **Ritmo & Poesia – Os Caminhos do Rap**. Lisboa, Assírio & Alvim, 1997.

CYNTRÃO, Sylvia Helena. **Como ler o texto poético: caminhos contemporâneos**. Brasília: Plano Editora, 2004.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 303 p. (Humanitas (Ed. UFMG))

DJ RAFFA. **Trajatória de um guerreiro: história do Dj Raffa**. - Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

ECO, Umberto. **Limites da Interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto (orgs). **Diálogos com Bakhtin**. Paraná: Editora UFPR, 2001.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

HOBBSAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX : 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

\_\_\_\_\_. **A era do vazio – ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Tradução Therezinha Monteiro Deutsch. São Paulo:Manole, 2005.

\_\_\_\_\_. **A sociedade da decepção**. Barueri, São Paulo: Manole, 2007.

LYOTARD, Jean-François. **Condição pós-moderna**. 5. ed. Rio de Janeiro: J Olympio, 1998.

MATTOSO, Glauco. **O que é poesia marginal**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. rev. e ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NASCIMENTO, Érica Peçanha, 2006. **Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena.** Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo. Brasil.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PONGE, Robert. Literatura marginal: tentativa de definição e exemplos franceses. In: **Crítica literária em nossos dias e literatura marginal.** Coordenação de João Francisco Ferreira. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1981.

RIGHI, Volnei José. **Rap: ritmo e poesia= Rap: rythme et poesie.** 2011. 515 p. ; Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2011.

ROSA, Waldemir. **Homem preto do gueto: um estudo sobre a masculinidade no rap brasileiro.** 2006. 90 p. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2006.

SÁ, Jorge de. **A Crônica.** São Paulo: Ática. Col. Princípios, 1985

SALLES, Écio. **Poesia revoltada.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Parodia, parafrase & cia.** 3. ed. São paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. As muitas mortes e muitas vidas da poesia. In: **Poesia: o lugar do contemporâneo.** Sylvia Helena Cyntrão (Org.). Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2009.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa.** Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Ática, 2000.

TATIT, Luiz. **O cancionista: composição de canções no Brasil .** 2. ed. São Paulo, SP: EDUSP, 2002

\_\_\_\_\_. **O século da canção.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **A semiótica da canção: melodia e letra.** São Paulo: Escuta, 2007.

WISNIK, José Miguel. **O Som e o Sentido.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.



ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a literatura medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **Introduction a la poesie orale**. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

\_\_\_\_\_. **Tradição e Esquecimento**. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich São Paulo: Cosac Naify, 2007.

## OBRAS POÉTICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BRITO, Antônio Carlos de, **Beijo na boca e outros poemas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CHACAL. **Drops de abril**. 2. ed. São paulo: Brasiliense, 1984.

GOG. **A rima denuncia**. São Paulo: Global, 2010.

LEMINSKI, Paulo. **Distraídos venceremos**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Poesia sobre poesia**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

## TEXTOS DE PERIÓDICOS

Caros Amigos Especial. **Literatura Marginal: a cultura da periferia**: ato I. São Paulo, agosto de 2001.

CARVALHO, Luiz Maklouf. Soco, sufoco e fogo no gogó de GOG. In: **Revista Piauí**. Ed. 41, fev., 2010. Disponível em: < <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-41/vozes-do-rap/soco-sufoco-e-fogo-no-gogo-de-gog>>. Acessado em: 12 de setembro de 2012.

GESSA, Marília. Por uma poética do rap. In: **Língua, Literatura e Ensino**, Rio de Janeiro, Unicamp, maio, 2007, vol. II. Disponível em: < <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/ile/article/view/18/14>>. Acessado em 09 de julho de 2012.

GOG. Movimento hip hop: a periferia mostra seu magnífico novo rosto. Revista Caros Amigos Especial, São Paulo: Casa Amarela, set.1998. In: **Caros Amigos. Especial Hip Hop**. São Paulo/ Editora Casa Amarela, n.3, p.22-23, set. 1998.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. O Hip Hop brasileiro assume a paternidade – Entrevista com GOG. In: **Cultura e Pensamento**, São Paulo, Brasiliana, USP, n.03, dezembro 2007.

SÁ, Sérgio de. A solidão dividida em blocos. In: **Revista Veja. “Especial Brasília 50 Anos”**. São Paulo: Abril, Novembro de 2009.

TATIT, Luiz. **Cancionistas invisíveis**. In: Revista Cult, São Paulo: Bregantini, nº 105, agosto de 2006. Disponível em:

< <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/cancionistas-invisiveis/>>.

(Acessado em 31 de julho de 2012).

## SITES DA INTERNET

ARRUDA, Clodoaldo. **A história do sound-system**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.doladodeca.com.br/2011/06/30/a-historia-do-sound-systems/>>. Acesso em 08 de agosto de 2012.

AZEVEDO, Amailton Magno. No ritmo do rap: música, oralidade e sociabilidade dos rappers. Revista Projeto História. São Paulo: PUC-SP, 22 de jun., 2001. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10746/7978>>. Acessado em 22 de outubro de 2012.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. **O livro vermelho do hip hop**. São Paulo, USP, 1997. Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.literarua.com.br/morto/gratuito/OLivroVermelhodoHipHop.PDF>>.

Acesso em 08 de agosto de 2012.

PRÊMIO HIP HOP 2010 – Edição Preto Ghóez, 2010. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2010/12/13/premio-hip-hop-3/>>. Acessado em: 30 de setembro de 2012.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Rap, nas quebradas das tradições**. Disponível em: < [http://pages.udesc.br/~poeticasdourbano/texto\\_rap.htm](http://pages.udesc.br/~poeticasdourbano/texto_rap.htm)>. Acessado em 06 de agosto de 2012.

TATIT, Luiz. **Semiótica da canção e tensividade**. Palestra ocorrida no LIS/UFF (Laboratório de Imagem e Som) RJ, 27.05.10, promovido pelo Grupo de Pesquisa em Semiótica e Discurso. Disponível em: < <http://lisuff.wordpress.com/>>. Acessado em 15 de agosto de 2012.

VAZ, Sérgio. **Manifesto da antropofagia periférica**. Disponível em: <http://coleccionadordepedras.blogspot.com/2007/10/manifesto-da-antropofagia-perifrica.html>. Acessado em 01 de agosto de 2012.

## SITES DE INTERESSE E PESQUISA

<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0115-1.pdf>

<http://coleccionadordepedras1.blogspot.com.br/>

<http://www.ferrez.blogspot.com>

<http://gramaticadaira.blogspot.com.br/>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rap>

<http://tvcultura.cmais.com.br/provocacoes/provocacoes-recebe-o-maestro-julio-medaglia-bloco-2->

<http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2006/not20060506p4091.htm>

<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-61/entrevista-rs-chico-buarque>

<http://www.noticiario-periferico.com/2009/09/arnaldo-antunes-fala-sobre-rap-ao.html>

[http://www.youtube.com/watch?v=vabp\\_gkK3d8](http://www.youtube.com/watch?v=vabp_gkK3d8)

<http://www.youtube.com/watch?v=wntlqmvEzls>

<http://www.acaoeducativa.org.br/index.php/cultura/43-ponto-de->

[cultura/10004338-o-caminho-do-hip-hop-e-a-autogestao-defende-o-rapper-gog](http://www.acaoeducativa.org.br/index.php/cultura/10004338-o-caminho-do-hip-hop-e-a-autogestao-defende-o-rapper-gog)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/James\\_Brown](http://pt.wikipedia.org/wiki/James_Brown).

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo\\_Diniz](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Diniz).

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Tony\\_Tornado](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tony_Tornado).

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Gerson\\_King\\_Combo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gerson_King_Combo)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Punk\\_rock](http://pt.wikipedia.org/wiki/Punk_rock).

<http://www.producaocultural.org.br/slider/gog/>

<http://www2.cultura.gov.br/site/2010/12/13/premio-hip-hop-2010-%E2%80%93-edicao-preto-ghoez>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Voz\\_do\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Voz_do_Brasil)

<http://www.rapnacional.com.br/portal/bro-mc%C2%B4s-1%C2%BA-grupo-de-rap-indigena/>

<http://basicodobasico.blogspot.com.br/2009/07/gog-brasil-com-p-entrevista-exclusiva.html>.

[http://www.casadaciencia.ufrj.br/caminhosdedarwin/downloads/diario\\_darwin\\_rio.pdf](http://www.casadaciencia.ufrj.br/caminhosdedarwin/downloads/diario_darwin_rio.pdf)>.

<http://www.tribunademinas.com.br/cultura/entrevista-affonso-romano-de-santanna-escritor-1.1136265>

## ANEXOS

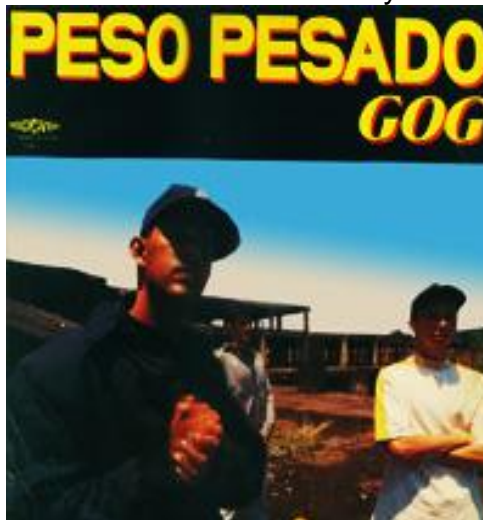
### DISCOGRAFIA DE GOG:

RAP ATACA – 1990  
Gravadora Kaskata's



Música “A vida” (primeira gravação oficial)

PESO PESADO – 1992  
Gravadora Discovery



#### Papo Cabeça

Dizem  
Que a responsabilidade chega com a  
idade...  
Que nada, meu cumpadi!  
Vejo jovens rappers pela cidade.  
Pregando a moralidade.

Por outro lado, vejo o quadro inverso:  
Velhos gagás à toa, no Congresso.

Alguém se vira e me pergunta:  
- Por que tanta ira?

Vivo entre a mira do mala e do tira.

Que sempre andam com um ferro

A tira colo.

Você vacila, aí complica.  
Eles atiram,  
Te esfolam,  
Te estouram os miolos.  
Isso acontece aqui dentro, lá fora, a toda  
hora.  
Peso pesado, sempre carregado,  
Suportamos sempre calados,

Estamos cansados...

Mas esteja convencido:  
Quem fere com ferro, é sério,  
Um dia com ferro será ferido.

A culpa é de quem?  
Hein, responde?  
De quem se esconde?  
De quem se cala?

Vai, fala, desentala, desencanta  
Cara!  
Jogue, de uma vez, sobre a mesa  
As cartas!

Peso pesado sempre carregado!

- Dizer  
Que a responsabilidade chega com a  
idade,  
Isso é vacilar, é falar apenas um lado da  
realidade.  
Com muita falsidade, é omitir a verdade,  
Realçar safadagens, como sempre se faz  
Neste país.

Eu sou Marcão, um rapper,  
E falo com a razão, então,  
Vamos colocar alguns pingos nos is:

Os da terceira idade tentaram,  
Falharam...  
Zombaram com muita miguelagem...  
Malandragem dando Pelé,  
Um grande bonde num irmão de fé.

Queremos nossa chance...  
Isso não é revanche!  
Estamos bem ligados, baseados no lance.  
Sabemos da consequência,  
Então, DF na sequência.

- Convivemos com a miséria, temos nossas  
ideias.  
Conceitos formados!  
Responsabilidade,  
Com poucos anos de idade.  
Junto com a necessidade de ter o que  
comer  
Pra sobreviver.

E não, após anos de estudo,  
Como manda a cartilha de um certo  
poder...  
- Aí, GOG!, manda ver!

- Se você ouviu, gostou, botou fé,  
Estamos juntos pro que der e vier!

Mas, se você, meu camarada, chega como  
quem,  
Quem não quer nada,  
E, simplesmente, critica o que eu digo,  
Sem saber onde vivo,  
Pegue um jornal, leia um artigo.  
Defina fome, inimigo, bandido, medo,  
violência,  
Perigo...  
Amigo, matilha, poder,  
Família!

É, você terá definido o Brasil.  
- E sabe o que mais?  
A resposta está na cara dos caras  
Que sempre falham,  
Nunca encaram com seriedade.

Quase sempre, ninguém nada sabe viu ou  
ouviu.  
- E aí?  
Vamos mudar a voz do Brasil?

#### Jogo Bruto

Polícia troca tiros, apaga delinquente,  
Imprensa sensacionalista chega, pega  
sangue  
Ainda quente,  
O choro daquela mãe ninguém entende,  
Ainda se sente no ar o cheiro da agonia

Daquele mala que um dia se dizia:  
Cara forte, cara de sorte. Vê se pode?  
Presídio, se safou da ciranda da morte  
Que nada, foto estampada, face  
esfacelada,  
Frases falsas  
Criadas em bancas de jornais foi o que  
sobrou.  
Com licença, seu doutor, ou o que for.

Quem? Quem foi que disse que o que eu  
falo são tolices?  
Hein, quem? Quem foi que disse que o que  
eu falo são  
Tolices?

Falo sério, com tédio, sem mistério,  
Seu império, o sistema que o sustenta está  
falido,

É fábrica em série de bandido.  
O final, nosso velho conhecido, queima de  
Arquivo, deram sumiço.  
Será que eu corro risco?

Sim, nós venceremos!  
Não, não perdoaremos.  
Com licença, seu doutor, ou o que for.

A rede de intrigas se formou e o derrotou

E, ao contrário do que você pensa,  
Sua sentença não será cumprida na cela,  
E sim numa favela igual àquela  
Que aparecia na tela  
Da TV, e você, de camarote, ousava dizer:  
- Nada disso existe! Só vendo pra crer!  
Quem? Quem foi que disse que o que eu  
falo são tolices?  
Hein, quem? Quem foi que disse que o que  
eu falo são  
Tolices?

É, você está em maus lençóis, viverá um  
tempo  
Como nós,  
Sentirá à flor da pele a força do sistema  
que  
Repele,  
Descobrirá que a delinquência tem duas  
faces,  
Uns aprontam porque querem,  
Outros por necessidade.  
É, fim de semana sem grana,  
De segunda à sexta a geladeira está vazia  
Sábado domingo a mesma agonia.

O barraco só tem quarto e sala,  
Uma senzala onde dorme um sobre o  
outro,  
Não tem esgoto.  
E o que dizem de nós aumenta o desgosto:  
- Pau que nasce errado permanece torto!

Quem? Quem foi que disse que o que eu  
falo são tolices?  
Hein, quem? Quem foi que disse que o que  
eu falo são  
Tolices?

E no último dos lances,  
Na derradeira das chances,  
Você pedirá perdão, será em vão,  
Pois é isso que acontece hoje.  
São gritos aflitos que poucos, muito  
poucos,  
Ouvem.

Todo dia a esperança cai por terra,  
Todo dia tombam inocentes nessa guerra,  
O final, nosso velho conhecido,  
Chega a turma do deixa disso,  
Gente influente sem compromisso,  
Miami no toca disco,  
E o Brasil continua nisso...

Quem? Quem foi que disse que o que eu  
falo são tolices?

Hein, quem? Quem foi que disse que o que  
eu falo são  
Tolices?

### A Matança Continua

Vamos falar agora, cara  
Em detalhes propostas, verdades, que  
precisam ser ditas  
Somos das ruas e trazemos a você nosso  
cartão de visitas.

A matança continua e ninguém nada faz  
A matança continua e ninguém nada faz  
Aquela vez, você virou de costas, nada fez  
igual toda vez  
Ato por ato foi só foi só se complicando  
Agora escute:  
saiba que o medo e a omissão destroem  
um homem  
Você não vê, não crê, mas muitos passam  
fome  
A crise existe, insiste e persiste  
Às escuras nas ruas não é armação  
Será que você nunca vai entender  
Que o sistema, cara, cobra muito caro de  
você

E dar pra trás na hora H, pode crer,  
Cedo ou tarde você vai sentir na flor da  
pele  
O sistema q requer, prepare-se, pois é mau  
cara,  
Você tentar e descobrir que a vida é isso aí  
Não temos forças pra prosseguir  
Não adianta insistir, não, e você grita em  
um momento de aflição  
Maldição, maldição, maldição. Ok.  
Explodam-se os que insistem em se omitir  
Por causa de vocês o mundo está assim...  
Próximo ao fim.

A matança continua e ninguém nada faz  
A matança continua e ninguém nada faz

Você não vai além de suas obrigações  
Que tal saber, cara, você está marcado pra  
morrer.

A minha vida, a sua vida e a de nossos  
filhos está por um fio  
Você ignora, pensa que é 'safo', mas não ta  
salvo  
Eu bem que te avisei, falei, cansei, de te  
chamar  
Pra bater um plá... Deixa pra lá...  
Realidade aí está

Bala na agulha, insegurança nas ruas, cara

Agora segura, cuide-se, coloque grades,  
cadeados no portão  
Para deter sua criação, vacilão tinha tudo  
nas mãos e não soube armar  
Viver não é só aprontar  
Ouça nossa voz, ela vem das ruas, ela  
pede uma vida mais justa  
Para por fim numa triste melodia que se  
alastra noite e dia  
Numa proporção que arrepia e nos obriga a  
viver...

Viver numa vida passiva na mira de um  
ferro  
Essa vida eu não quero, eu não quero, me  
diga,  
Me seja sincero se isso é o que você quer,  
diz...

A matança continua e ninguém nada faz  
A matança continua e ninguém nada faz  
A matança continua e ninguém nada faz  
A matança continua e ninguém nada faz

## VAMOS APAGÁ-LOS... COM O NOSSO RACIOCÍNIO – 1993 Gravadora Só Balanço



### Assassinato sem morte

Trocando ideias, já perdemos altas horas  
de sono,  
Tentando encontrar uma saída pacífica,  
Pra uma das maiores injustiças:  
O abandono!

Vai, me diz: como se pode exigir algo  
Desses peregrinos?  
Verdadeiros inquilinos das ruas,  
Que pagam um preço muito alto por esse  
aluguel!  
Que conheceram ali, e confusos, esses  
marujos  
Se descobrem em um barco furado,  
E, cansados de sofrer, sem saber o porquê,  
Se perguntam:

- Me diz, me diz, o que foi que eu fiz?  
Por que estou aqui?  
Eu sei, sou prisioneiro, mas que crime  
Que eu cometi?  
Querem me eliminar...  
Por todos os lados, vejo estampada a  
indiferença,  
A compaixão.  
Por que será?  
E suas perguntas seguem sem resposta...  
Descobrem, com o tempo,

Que as mesmas punhaladas que, hoje,  
recebem,  
Também foram dadas sem piedade em  
seus país.  
É demais!

Carregando a cruz sempre pesada,  
E, mesmo sem cometer falhas, são  
considerados  
Suspeitos!  
Suspeitos, que nada,  
Culpados!  
A pobreza, a indignância são carmas com os  
quais  
O sistema psicopata, que queima, que  
aniquila,  
Que mata,  
Não sabe conviver.  
Não nos peça calma, ironia, você jogou  
todos nessa,  
Sua mente fraca, diabólica, só não contava  
com  
Nossa revolta,  
Nossa volta por cima,  
- Não nos peça perdão, não vamos  
perdoar.

Pegou pesado, meu caro, pegou pesado  
Pegou pesado, meu caro, pegou pesado  
Se liga, o clima agora é tensão.



Vamos engavetar o mandachua, o pistolão.  
Traíras estão na mira, e nossa ira não é só  
pressão.  
Só que por sorte desses capachos será  
Assassinato sem morte!

Vamos apagá-los... com o nosso raciocínio.  
Quem diria tamanho atrevimento de uma  
raça  
Que eles sempre consideraram de símios!

- Sub-raça!  
Subalternos, eternos otários, pode crê,  
Sempre foi um escracho

A maneira pela qual nossos valores foram  
Roubados,  
Deturpados!  
Os livros raramente contam os verdadeiros  
fatos.  
A história é maquiada e maldosamente  
criada,  
Para nos incriminar, denegrir nossa  
imagem.

É assim que trabalha o capitalismo  
selvagem.  
Direitos elementares, alimentares,  
Pasmem!  
Na cara dura, negados, o pão de cada dia,  
na sarjeta,  
Uma gorjeta dada com a pior das  
intenções.  
Não para matar a fome,  
Mas, sim, na dose exata. Para nos manter  
esfomeados,  
Dependentes dos barões, dos poderosos  
chefões,  
Pelegos!  
Vamos devolver-lhes o presente de grego  
Se liga, agora, véi, sai de baixo!  
Você não se tocou, se ferrou, seu campo tá  
todo minado!  
Francamente, não somos fracos.  
Seu erro foi desprezar o adversário

Somos francos atiradores,  
Perturbando suas últimas horas!

O ataque maciço prossegue!  
Uma página na história se escreve!  
Sobre o mau político:

- Por que você não some daqui?  
Acho bom você abrir.  
Ninguém mais quer te ouvir.  
Vá!  
Antes que alguém te apague.  
Evite seu próprio massacre.  
Você nunca foi a cura,

Pelo contrário, eterna doença.  
A causa de toda essa encrenca.  
Vá!  
Nos deixe em paz!  
Falo em nome dos pobres, mendigos,  
Prostitutas do cais do porto,  
Onde prolifera o aborto.  
Não! Não!  
O Brasil não está morto!  
Se manda com a grana roubada.  
Eu falo de alma lavada.  
Você não é você...  
Você é simplesmente isso:  
É sujo  
É podre!  
É lixo!

E suas perguntas seguem sem respostas!  
- É demais! É demais!  
Subalternos, eternos otários!  
- É demais! É demais!  
O pão de cada dia, na sarjeta,  
Uma gorjeta dada com a pior das  
intenções!  
- É demais! É demais!

Se você ouviu, gostou, botou fé  
Se você ouviu, gostou, botou fé  
Se você ouviu, gostou, botou fé  
Estamos juntos pro que der e vier!

### Entrei No Ar

Cheguei pra ficar entrei no ar o meu lema é  
expressar  
O meu modo de agir, de pensar sem me  
deixar levar  
Sou rapper, sou forte, sou GOG  
Então, vamos lá!

Para os da lei não passamos de estúpidos  
As minas dos seus olhos os cofres públicos  
E sabe o que mais  
Golpeiam por trás com habilidade incrível  
Será possível, que por mais horrível  
que o quadro se transforme,  
Milhares morrem e ninguém se toca  
Acorde, senão a corda e sufoca  
Não seja idiota  
Além do mais não seja carrasco de si  
próprio  
Não deixe o óbito se tornar lógico

Cheguei pra ficar entrei no ar o meu lema  
é expressar  
O som negro do gueto que bate forte no  
peito  
Que traz a revolta.  
Vamos colocar os caras lá  
Onde sempre deveriam estar

Onde os porcos devem ficar,  
Na lama!

Sou rapper,sou forte,sou rapper  
Sou forte,sou forte,sou GOG

Me desculpe se acaso falei  
Coisas perigosas que incomodam a lei  
Sinta-se liberto isso é o principal  
No coração dos homens é que flora o mal

Falando agora sério,brincadeiras à parte  
Meu lema é a verdade,cheguei pra ficar  
pra incomodar,  
Brasil anos 60 eles diziam bola pra frente,  
Não desista não,não  
mas mataram estudantes proibiram acesso  
às estantes  
Nas ruas tanques,ignorantes  
A cabeça do povo murchou  
Bomba de efeito retardado,petardo,pesado  
só agora estourou.  
E quem lucrou? um bando comandado por  
um safo,safado  
Do qual meu mano Baseado com  
autoridade falou

Então eu vou...  
vou seguir em frente tô de cabeça quente  
Violência arma incompetente que pega,  
atropela,bate  
abate a face do próximo sem dó, mas não  
é só.  
agora chega mais. Me diz se tanto faz se  
tanto faz. me diz  
viver num país,onde você sempre finge  
Finge ser feliz?  
mas há antídoto capaz de eliminar esses  
otários:  
Consciência,educação,objetivos claros!  
É isso aí, não abandone-me...  
Nossa responsabilidade é grande...  
Sou rapper,sou forte,sou rapper  
Sou forte,sou forte,sou GOG.  
Cheguei pra ficar entrei no ar  
O meu lema é expressar  
O meu modo de agir fazer você refletir  
O meu papo não é fachada  
bumbo,caixa,teclado  
Encaixam com minha fala o produto a  
rajada  
TDZ anjo da guarda segura a parada  
Conscientização do povo será alcançada.  
Favelas,miséria,tragédias três tristes  
comédias  
que se fundem e confundem a cabeça de  
quem quer que seja,  
Veja!  
O que enfrentamos é mais forte que nós

Do escuro de cima do muro ecoa uma voz  
sombria  
que anuncia

- Aí, meu irmão, a parada é o seguinte:  
Fica quietinho na manha,sem olhar pra trás  
e  
Sai voado,se não você está arriscado a  
perder tua vida,tá ligado véio?  
Hein!? Qual a saída?

Consiste em admitir que o mal existe sim  
enraizado entre nós  
Pronto pra ficar nos dizimar,ser nossa sina  
temos que ter forças nos unir,  
Para impedir para distinguir o certo do  
errado  
Do contrário meu caro seremos eternos  
manipulados  
É isso aí não abandone-me !  
Nossa responsabilidade é grande...

#### Qual é o pó

Vem chega mais cumpadi  
Está russo o jogo é bruto esse é o nosso  
teste  
O impossível é possível  
Tudo acontece

Dizem:  
- GOG manera na fala...  
- Cara, que nada!  
Mãe África, sacrificada!

América Latina,  
Chacina de negros, índios, maias, incas.  
Eu vejo eu ouço o que eu não queria

Vamos mudar a voz  
Vamos ser a voz  
Vamos mudar a cara!

Nos matem sem dó.  
Peraí...  
Qual é o pó, Dino!?

- Se liga na fita:  
Sou Dino Black!  
Tenho orgulho de ser negro,  
A raça negra ainda hoje é escravizada.

Tydoz, um branco com atitudes negras,  
Estamos aqui com GOG  
Pra levar nossa mensagem  
Todos nós sabemos dessa puta  
sacanagem!

Lavagem cerebral,  
Temos que acordar nossos irmão

É isso mesmo,  
Temos que lutar até a morte!

Chega de omissão,  
Chega de covardia.  
Nossa história totalmente manipulada,  
Precisamos de aliados  
De mentes de mentes afiadas

Devemos respeitar nossos irmão de cor  
Os racistas querem que nos matem!

Qual é o pó, mano? Vai logo falando!  
Qual é o pó, mano? Vai logo falando!

- Vem!  
Chega mais cumpadi...  
Meu partido coração partido,  
só que ainda bate.

Eu sei o pó que rola é a merla o crack  
O mesmo pó que financia a malandragem  
Um consumo um caso cada vez mais grave

Começa sempre assim:  
Um papo aqui, umas bolas ali  
Até o mal te possuir...

Vai, sai fora, véi!  
Dispense o cano, pegue o livro certo.  
Um abraço pra esses espertos...  
Se te criticam por isso pode crê, estão  
vacilando

Mas não de as costas pros caras,  
Eles podem estar armando.  
Venda seu produto na manha...  
Um produto escasso que custa barato.  
Um papo cabeça bem fundamentado.

Se mesmo assim te alugam.  
Deixa quieto...  
os cara pra projeto  
Já tão agendado  
Brigas de gangues no morro  
Só rola arsenal pesado...

Os home  
E esses que se dizem seus chegados,  
Na hora h,  
Quando o bicho pegá,  
Vão sair voado...  
Ninguém tem corpo fechado

E se você não se virar  
Por si só,

Vai acabar na pior.  
- Perai, qual é o pó mano

Qual é o pó, mano? Vai logo falando!  
Qual é o pó, mano? Vai logo falando!

- Chega mais, véi,  
Vamos bater um plá.  
No som, no soul,  
Você se criou.

Seu país, seus pais mantiveram-se  
distantes,  
Nem você próprio se deu chances,  
Mas, mesmo com esses agravantes,  
Você pode ser um cara atuante.

Lutar por um tema que é tanto meu quando  
seu,  
Mas ai mora o problema  
O problema é que eu fico de um lado você  
fica de outro.  
O bicho não pegou,  
Já tão dizendo que ta solto.  
Você me chama de careta,  
Eu te rotulo de moleque doido.  
E tem mais:  
- Às vezes, você procura nas biras  
Uma saída pro que te grila  
Só que de maneira excessiva.

Chegado da um toque com a melhor das  
intenções  
Você pira quer meter ficha,  
Arruma rixa!  
- Perai, véi,  
- Não estou dando alguma lição de moral,  
- Apenas "mostrando meu ideal.  
Nas ruas a rapaziada comenta,  
Rapaziada nojenta  
Não faz nada por ninguém  
Fica no vácuo azarando  
Quando alguém tenta!

- Vai, sai fora véi!  
Dispense o cano pegue o livro certo  
Um abraço pra esses espertos  
Se te criticam por isso  
Pode crê estão vacilando,  
Mas não dê as costas pros caras,  
Eles podem tá armando.  
Somos seus amigos aqui reunidos.

- Perai, véi!  
Vai continuar vacilando?  
- Perai,  
Qual é o pó, mano?

## DIA A DIA DA PERIFERIA -1994

### Gravadora Só Balanço



#### Dia a dia da periferia

Eu ligo o som lá em casa, é inevitável,  
A molecada vem de todos os lados,  
E já, na porta, altos cumprimentos,  
Comentários sobre o dia no Plano.

E, nesse entra e sai, vai e vem,  
Todos se divertem  
E alguns até esquecem que  
Às quatro e meia da matina,  
A rotina se inicia: arroz, feijão na marmitta  
fria

Mas fazer o quê? Se a lei aqui é  
sobreviver.  
Todo dia é mais um dia d.  
Será que um iida isso vai se inverter?  
Só se alguém se envolver – Deus nos  
ajude!

- As chances de sobrevivência, é verdade,  
aqui, são poucas  
E infelizmente grande parte das garotas  
Com apenas 10, 12 anos estarão  
engravidando.  
Famílias desajustadas, crianças são  
exterminadas,  
Crescem mal alimentadas.  
Problemas sociais aqui minam como  
pragas.

Nas escolas, são discriminadas pela  
dificuldade  
Na assimilação,  
Estão a um passo de reprovação, que ano  
a ano  
Se tornará uma tradição.  
De barriga vazia, ninguém se segura, não  
E pra Rodoviária vão, em vão.

À procura de trabalho, ou trabalho  
escravo?

Qual a melhor definição?

Pois os métodos praticados são bem  
claros:

Trabalho, trabalho, por um mísero salário!  
Ralam o dia inteiro por uma merreca de  
grana

Que mal dá pro pastel com caldo de cana,  
Alimentação com a qual logo estarão de  
cama,  
Logo mais em coma!

E nossas crianças, que já não tiveram  
infância,  
Descobrem, como herança, um país que,  
como vai,  
Não vai a lugar nenhum,  
Pode crê, Thaíde e DJ Hum!  
Irmãos da rua, da vida  
Morte ao capitalismo genocida,  
Viva Deus que nos guia.

Quanto mais de nós matam, mais nossa  
raça procria.  
E todo esse mal a agente assimila,  
Transforma em poesia,  
Dia a dia da Periferia!

Dia a dia, dia a dia, dia a dia da Periferia!  
Dia a dia, dia a dia, dia a dia da Periferia!

Eu ligo o som lá em casa logo muda o  
astral,  
A molecada chega e esquece o medo do  
mundo brutal,  
Viajando na ideia do bom som nacional  
Que aponta um ideal e nos qualifica.

Ao entrar na ativa por uma paz coletiva,  
Descobrir a resposta para uma pá de  
perguntas  
A princípio até absurdas

Como o porquê sobreviver num verdadeiro inferno

Enquanto outros vivem em belos presépios.  
No balão um play dá coro no seu carro esperto.

Aqui o que corre é o esgoto a céu aberto  
E as pessoas vistas sem o menor crédito.  
Sinceramente vem na mente a violência,  
Mas nosso som não prega essa essência.  
E, nesse exato momento, coincidência ou não,  
Meu irmão, Luizão, que havia chegado,  
Eu nem tinha notado,  
Diz que tem uma surpresa, e avisa:

- Aí, rapaziada, vai rolar pra vocês,  
Nada mais nada menos  
Que o mestre dos mestres:  
Bezerra da Silva.

- E em seguida se ouviu:  
- Alô, alô todas as favelas do meu Brasil!

E em cada rosto um sorriso verdadeiro, dá pra ver.

Venham ver o verdadeiro brasileiro,  
Escondido em faces corroídas, deprimidas  
Pelo sol a sol da lida.

Um povo que apanha, apanha  
E se levanta com a certeza  
Que na vida se ganha  
Com trabalho, e não com artimanhas.

Sonha todo dia com melhores dias,  
Nem que seja por um dia só  
É nota 10 no baralho, no palito, no boteco,  
No jogo de dominó  
E no batuque que rola, que fala da vida,  
Ele se identifica.  
Graças a Deus, ritmos íntimos negros  
dominando, enfim.  
E só assim, todo esse mal a gente assimila,  
Transforma em poesia,  
Dia a dia da periferia!

Dia a dia, dia a dia, dia a dia da Periferia!  
Dia a dia, dia a dia, dia a dia da Periferia!

Desligo o som de madrugada, a molecada abre.  
Daí pra frente, até amanhã à tarde,  
Só mesmo meu Deus que sabe o que vai acontecer.  
A gente pode até nem mais se ver,  
Mas fazer o quê?  
Já disse: a lei aqui é sobreviver!  
Todo dia é mai um dia d!  
E, como se fosse a vez derradeira,

Ninguém vai embora, já acenderam a fogueira.

E as duas e tarará, o som volta rolar  
No box emprestado de um chegado.

O som é radical, Original Rap Nacional,  
Considerado pela elite som de marginal,  
Mas quer saber?  
Ninguém daqui tá nem aí pro que a elite disser!

Chega, chega, basta!  
Desta palhaça, desta farsa!  
Não espere pelo outro, faça!  
A desgraça que rola  
Não pintou de graça.

E nesse exato momento,  
Coincidência ou não,  
Vejo vir um camburão.  
E, numa simples investida, numa ronda de rotina,  
A calma que imperava foi por água abaixo...

A molecada, agora tensa  
- Não, não vou ficar calado!  
Batida rotineira, abriram minha carteira,  
Apagaram a fogueira, esquentam de bobeira.  
- Diz: que foi que eu fiz?  
E a resposta foi um tapão no meio do nariz.

O sangue sobe e a cabeça vai à lua,  
Me lembro de um chegado, velado, no meio da rua.  
E o palavrão na mente no momento é a melhor ajuda.  
Tudo tem a hora certa, e nessa,  
Melhor ficar na sua.

Estamos dispensados, felizmente são e salvos.  
Coisa rara hoje em dia  
E só a certeza que o meu Brasil um dia muda,  
A ira alivia e todo esse mal a gente assimila,  
Transforma em poesia!  
Eu falei de quê?  
Dia a dia da periferia!

É Mesmo Incrível!

É mesmo incrível,  
estamos num quebra cabeça terrível!  
Nos jogaram na sarjeta, nos tomaram as muletas.  
Prosseguir parece impossível.  
Agora saca só essa história sei de cor

A coisa é muito séria!  
De repente pei,pum,pum mais um...  
Já era! Já era!

Mas de que vale a vida oprimida sem perspectiva?  
Hein!? Me explica.  
Aos 20 e pouco de idade larguei a faculdade,  
Pra meus pai um baque  
Pra mim nenhuma novidade.  
Sei que erreí...  
Mas que lição tirar?  
O importante é que consegui chegar onde muitos  
da minha cor querem chegar  
E não conseguem chegar.  
- Ah! não seja ingênuo a ponto de imaginar  
que eu sou melhor que você  
ou você é um incompetente.  
Pare,analise,raciocine friamente...  
Quantos de nós ocupam hoje altas patentes?  
A pergunta é uma só novamente,  
a resposta infelizmente não seria diferente.  
Estamos, assustadoramente, presentes

Exemplos citados,  
Já deu pra perceber de cara algo de errado.  
Pra ser mais claro, reflexos do passado.  
É,é mesmo incrível!

1-8-8-8, de um momento pra outro a abolição  
Sem nos dar condição com uma só intenção:  
Criar um novo consumidor interno!  
E o negro era o estereótipo certo.  
Carente de educação louco pela sua liberdade, irmão!  
Cenário completo para a mais nova,suja e nojenta armação

Já aos 12 de idade, conheci a faculdade de verdade  
Era com a rua minha identidade.  
Com ela e suas personalidades.  
A maioria ancestrais daqueles a quem deram  
uma falsa liberdade.  
A prova viva do maior dos crimes da humanidade.  
Aos 29, uma força me move,essa força é você.  
Que não tem o que comer e nem sabe o porquê,  
Ó irmão!  
Cada vez que te humilham me arrancam um pedaço

E isso é o que pensa a molecada do Riacho,  
Minha área,meu espaço conquistado com suor não por acaso,  
Mas vamos aos fatos:

Nos tiraram a certeza,  
nos lançaram contra a correnteza.  
Instituíram padrões de beleza,  
isso não se faz não, não.  
Não vai ficar assim, e se depender de mim,vamos até o fim  
Vamos fazer nosso presente o melhor possível.  
É!  
É mesmo incrível!

É mesmo incrível! a maneira como nos escravizaram...  
Até nossa autoestima arrancaram.  
E muito que deviam ser a nós aliados,  
São implacáveis adversários  
Pura desinformação,  
Maldição! Não!não!  
Não olhem assim pra mim, não sou diferente e te encaro de frente,  
Sou um cidadão preto exigindo o direito de ser considerado gente!  
E o argumento que sustento pra manter a fé,  
E partir com todo gás pra cima, vou te dizer qual é...

- Somos a maioria da população ativa,  
Sem nós essa terra não teria vida  
E não há preço para essa sua dívida  
Estamos, há anos, entricheirados nos morros,  
Nas cidades do entorno. São inúmeros nossos gritos de socorro  
Diante da incerteza, somos habitantes dos bolsões de pobreza  
Onde, quando cai a chuva, a catástrofe também  
cai como uma luva,  
Sobreviver, pra ver a situação se inverter,  
A gente, há mais de quatrocentos anos, tenta...

- A conhecida e sofrida morte lenta.  
É! E mesmo incrível!

### Assassinos Sociais

A lição, meu irmão, esta ai:  
Nos ataques à bomba, no genocídio em Ruanda...  
Na pobreza no Haiti  
É triste, mas eu vi

O clamor materno, rogando logo o céu, o inferno,  
Ao seu filho subnutrido,  
Que, aos dezoito, não pesava mais que vinte e poucos quilos.

Mas de nada adiantava isso.  
Do outro lado do mundo, seu futuro era decidido  
Num café matinal  
Entre políticos malditos,  
Parasitas! Cínicos  
Assassinos sociais,

- É!  
Os poderosos são demais...  
Derramam pela boca seus venenos mortais,  
Poluindo a mente dos que são de paz  
A gente segura, atura estas criaturas como pode,  
Mas um dia explode  
E a ideia sai.  
- Então vai!

Eu vou, eu vou de vez.  
Vejam só, vocês:  
No meu Brasil, em ano de eleição  
O que se vê pela periferia são  
Palanques, panfletos, carros de som,  
Promessas em alto e bom tom de que as coisas vão melhorar  
Mas como acreditar?  
Se os que prometem sempre estiveram lá  
Prontos para nos trucidar  
E, pra complicar, não são humildes,

Morrem de preguiça,  
Só rogam o bem pra bem estar pra Deus na missa  
E, mesmo assim, não fazem jus.  
Não fazem o sinal da cruz!  
Desses, eu, GOG sempre quer estar a anos-luz,  
Acreditando no que creio, ah!  
E o que é mais feio:  
Pra eles o caminho do sucesso, não importa os meios  
Desses caras já estou cheio!

- Então vai!

Assassinos sociais! É, os poderosos são demais!

Você tem todo o direito de não acreditar no que estou dizendo,  
Mas tem o dever de conferir, pra ver a zona que está aí, no parlamento!  
Metem a mão na cara dura no orçamento,

Interferindo na vida de milhões.  
E não são dois nem três, são mais de cem ladrões!  
Vou repetir: quero mais adesões.

Nos palanques, seguem antigos padrões,  
Dizendo que são ricos que poderiam estar cuidando da família,  
Dos próprios negócios e que por amor à nação,  
Adotaram a política como opção!  
Que ajudar os pobres é a missão,

Mas quem são eles pra falar de amor?  
E preciso ter antes de mais nada, ter noção do horror.  
Que é ver velhos vagando na madrugada das ruas  
Com frio nas rugas.  
É preciso ver crianças, pezinhos pequenos desde cedo na estrada  
Esse é o preço pago vendendo dim dim, picolé, amendoim, cocada!  
Pra sobreviver toda a iniciativa é válida.

Mas é essencial, sim!  
Ter escrúpulos, honrar a palavra dada.  
E o que dói mais é ver muitos de meu povo Caindo na cilada,  
Trabalhando em campanhas milionárias por migalhas.  
Empunhando bandeira no sol a sol.  
O corpo suado, o coração está do outro lado,  
Mas infelizmente, a necessidade fala alto.

A ideia é:  
Trabalhando contra nós mesmo sempre sairemos derrotados!

- E, enquanto isso, o que eles fazem:  
Começam em Brasília a semana na quarta  
E encerram na quinta  
Matam a segunda, a terça, a sexta!

Mau político em qualquer canto do planeta,  
É um Anticristo, um cisto, a besta!  
A atração principal do telejornal.  
Á procura de status investe no visual,  
Realmente eu sou um marginal,  
E quero ver sua cabeça, seu oco, seu mal!  
Bicho mesquinho  
Vejo em seus olhos tochas de fogo luzindo  
Nas suas costas asas vermelhas se abrindo.  
É só olhar pra eles e verá que não estou mentindo.  
Que não é vacilo, delírio, nem sonho,  
Mau político, pra mim, o pior dos demônios  
Junta logo suas malas e vai!

## Vai GOG!

Pode crer vou falar  
coisas que você pode até não  
gostar, estranhar, se perguntar?  
Quem é esse GOG? Vê se pode?  
Qual é a desse cara?  
- Mas não estou para agradar,  
Realidade como está, tá difícil aguentar...

Altos pano massa!  
Eu não vejo graça, chegado. Tudo  
importado.  
Meu Brasil é mesmo uma colônia  
americana,  
Andando pelas ruas não entendo nada,  
É raro ler um nome em português nas  
fachadas.  
E o inglês barato, chegado muitas vezes  
errado.

Bem lembrado, uma mal que necessita ser  
curado.  
Continua nas camisetas, nas jaquetas, nas  
calças.  
Eu podia citar até mais, mas já basta.  
É a morte cerebral tomando conta da  
rapaziada!  
É a morte cerebral tomando conta da  
rapaziada!

- Pode crer vou falar. Vou, vou, vou dizer  
verdades.  
Falo disso com autoridade, é verdade.  
Tenho culpa nisso.  
Prova disso, meu primeiro disco traz na  
capa estampado.  
- Quem?  
Eu e meu boné importado.

A galera pirou, elogios de todos os lados.  
E pouca gente lembrou:  
- E o nosso público alvo?  
É! o pobre, o analfabeto, o preto  
com ancestral escravo,  
Que junta um troco, dando um duro  
danado,  
Centavo, por centavo durante meses.

Mal sabe ler, não quer nem saber.  
Quando pinta a intera não pensa duas  
vezes  
Vai na loja, leva o play, e diz pro vendedor:  
- Quero um boné igual a esse.

Pouco importa o que está escrito,  
É igual ao do artista favorito,  
Um cara que fala pela periferia, exige  
melhorias.

Tudo perfeito, tudo bonito mas... presentiu  
o perigo?  
Trabalhamos por uma revolução de  
brasileiros  
E formamos, a meu ver, um batalhão de  
gringos.

Pode crer vou falar. Vou, vou, vou dizer  
verdades.

Os caras devem rir nos chamar até de  
idiotas pelas costas  
Quando pisam aqui e nos veem usando  
suas roupas, não as nossas.  
Pouco conhecem daqui,  
Só Amazônia, Ipanema, Copacabana,  
O índio sem espaço a mulata boa de cama,  
Terra do besteirol, mundo do futebol,  
E pra jogar os falsos argumentos pelos  
ares.  
- Prepare-se!  
Sabia? Pra eles a capital do Brasil é Buenos  
Aires.

E de todas essas frases vou te dizer a mais  
grave,  
E que me provoca uma ira louca,  
É ver a playboyzada curtindo Ice Cube,  
usando nossas roupas,  
Efeito exatamente contrário do há anos  
temos pregado.

Não somos donos de nada,  
Não quero ser o rei da parada,  
Mas pergunte a 10 deles a origem de tudo,  
Todos 10 ficaram mudos!

Pois não estão nem aí,  
só querem curtir nosso som,  
zonear, fumar, transar com as mina .  
Aí fico tão p que não encontro rima,  
Aí fico tão p que não encontro rima.

Pode crer vou falar. Vou, vou, vou dizer  
verdades.

É preciso dizer o que ninguém nunca disse,  
E quem parar pra pensar vai sacar:  
GOG não fala tolices.  
Temos que valorizar o que é nosso,  
Não ter remorso de mudar, enfim.

Ninguém é o dono da verdade.  
Não falei por maldade,  
Temos produtos nacionais, eu sei,  
com relativa qualidade,  
Mas, se a gente começar a usar,  
Os caras vão sacar, e isso tende a  
melhorar.



Jogar seus pano importado no mato,  
Perder de bobeira um troco adoidado!  
- Peraí chegado!  
Eu poderia até dizer que sim  
Mas com tanta gente sem nada,  
isso iria ser ruim.  
Claro que você pode usar mas daí a  
massificar  
é mais complicado.  
Os caras se julgam os donos do mundo.  
Será o Brasil mais um território anexado?

Vê se entende!  
E quando comprar, daqui pra frente,  
consuma como um cara consciente.  
Em cada 10 que levar, leve 10 produzidos  
aqui pela gente,

Vamos fazer como zumbi e acrescentar  
alguns ingredientes,  
Vamos ser reconhecidos como retrato fiel  
da nossa gente,  
Cartão postal de um povo,  
Aí, sim,  
Olha o negro criando, inventando, inovando  
de novo...

#### Brasília Periferia

Aqui a visão já não é tão bela...  
Brasília periferia Santa Maria é o nome  
dela.  
Estupros, assaltos, fatos corriqueiros  
Desempregados se embriagam o dia  
inteiro.  
A boca mais famosa é o puteiro  
Onde que só rola, me desculpem os  
roqueiros, os metalheiros  
É só rap, forró e samba os verdadeiros  
sons do gueto.

O divertimento são altas donas chamadas  
vadias  
Donas que de alguém são filhas.  
Mais uma vez caímos na armadilha  
Primeiro mandamento da cartilha que diz:  
- Destrua o povo começando pela família.

No Gama a fama é o gama sensacionalista  
Jornais, revistas. Segunda sai a próxima  
lista  
Pânico na população!  
Mas esqueceram a Escolinha de Futebol  
do Bezerrão,  
Do samba no salão, que já é tradição.  
E de repente, nem tudo anda mal.  
Cursos de alfabetização no lixão da  
Estrutural.  
- Iniciativa não governamental!

Lago Azul, Céu azul, Pacaembu, Cruzeiro  
do Sul  
Val, Pedregal, Cidade Ocidental,  
Na divisa do estado, crescem a passos  
largos,  
Vários bairros amontoados.

Nova Esperança, Boa Vista, Parque  
Andorinhas, Alagados.  
E não é só. Parque Esperança,  
Núcleo Residencial D.V.O.  
Isso sem falar no Parque Estrela D'alva,  
Novo Gama no Ipê, no Jardim Ingá, em  
Corumbá.

Aqui lembra o Paranoá  
As pessoas, as ruas, sei lá...  
pode crê, mas só pra te lembrar:  
- Periferia é periferia em qualquer lugar!

É só observar:  
Baú sempre lotado vida dura, cheia de  
sonhos  
Não importa seja no Varjão,  
Na Agrovila ou em Santo Antonio

Periferia cresce noite e dia.  
Já se perdeu de vista.  
Cidade Osfaya Queiroz, Morro Santa Rita,  
Parque Nápoles, Beatriz, Vargem Bonita.

Verdade seja dita:  
- Mãos ao alto! É um assalto!  
Ninguém é recebido assim  
Na Vila Planalto no Jardim Planalto  
Não conhecem não frequentam, levantam  
suspeita...  
Gente nota dez!  
Ponte Alta, Saia Velha, Jardim Zuleica  
E, de repente, o pessoal do Sol Nascente  
Nova Friburgo, Novo Oriente surpreende  
Com idéias inteligentes!

- Detalhe:  
Surpreende a quem nunca botou nenhuma  
fé na gente  
Santos Dumont, Vila Gusmão,  
- Vamos em frente...

Cidade Jardins, Mesquita, Parque Mingone  
Abuso de autoridade dos home.  
No Agreste, na Estância, apesar da  
distância  
É...  
São quase 100 quilômetros rodados pra  
chegar no trabalho  
Nem sonhar em atraso.  
Rotina do seu João desde criança  
Para bater o ponto no horário  
Brasília Periferia! Brasília periferia!

- Brasília, a nossa Periferia!

Prepare-se!

Pois, daqui pra frente, vão ser forte as cenas!

O quebra é o Recanto das Emas,  
Muita poeira, sobra decência,  
Muita pobreza, estoura a violência.  
Zilda e as crianças, que Deus os tenha

Num comício, prometiam a população mundos e fundos

Eu vi ali a rede globo através de aliados imundos

Só faltava tela Cid Moreira e Chapelin ao fundo

E na real, a área é considerada  
Ainda hoje, pela elite, o fim do mundo

- Tá vendo ali ao lado?

- Claro!

- É o Riacho Fundo...

É... minha casa evoluiu muito.

Anda lado a lado com a Telebrasil

Onde tenho vários considerados.

Acampamento transformado em bairro

Um povo que nasceu e conviveu junto

Hoje vive separado.

O erro fatal foi terem construídos suas casas

Próximo aos barões do Lago.

Juventude de atitude deram um ponto final

Na falta de diversão que era geral

No Forrozão do Vavá,

A parada da hora é só som radical.

Iniciativa não governamental.

Daqui, tô vendo luzes acesas,

- É Samambaia!

Vários botecos abertos, várias escolas vazias.

Coisas inacreditáveis acontecem á luz do dia.

La o vibrião da cólera seria epidemia.

Reduto eleitoral bastante disputado

Hoje dominado por um infeliz

Cujo o nome, se rima, não se diz!

Mas nem tudo, em Samambaia, é ruim.

Mix Mania, quando rola, rapaziada curte até o fim

Altos grupos preza, gente de atitude

Gente honesta que o poder ilude

Com sua ambição mesquinha.

Brasília Periferia também tem sua Rocinha,

E muita gente que pra ter o que comer em casa,

Tem que pegar o que sobrou pelo chão no feirão da Ceasa.

É, em Taguatinga a coisa anda séria.

Brigas, tiros, no Cit e no Primavera.

O clima tá tenso, os bailes foram até suspensos.

Será rixa entre gangues?

Será o maldito Miami?

Em todo show derramamento de sangue.

Da Praça do Relógio, vamos...

- Adivinhem pra onde?

Pegando sempre à direita ta no Areal,

Se a gente for em frente, tá na Chaparral.

A Le a M fazem divisa com a CEÍ.

O Centro de Erradicação de Invasões

criado no governo Médici,

- Prepare-se!

Pois a área não tem nada haver com a Disneylândia

CEÍ, pra quem não sabe, é a Ceilândia!

- Tô em casa!

Aqui os chegados sempre respeitaram as cara.

No Quarentão, no Santana, no Primão, Paradão

No Sol e Água, Bernardo Sayão

Altos bailes blacks

Se o Riacho tem GOG, Ceilândia tem X.

E atitude não para por ai...

Os 3S, DF Zulu, Sociedade Anônima, Dona Nadir

E muitos outros que não citei aqui.

Mas lamento dizer que A ou B não são o x da questão,

A saída pro que ocorre no P. Norte, no P.Sul,

Setor O, Expansão está na nossa união!

Basta um momento de reflexão pra perceber

Que o pessoal do Privê, dos setores O, P, Q.

- Já, já, ta no Z!

Sozinhos não vão se manter.

Saneamento básico cadê?

- Ei, você!

A mudança está em cada um de nós.

Essa luta não venceremos sós!

Em frente 15ª, dei asas à imaginação.

O povo viajando de avião...

Político corrupto descendo pra Papuda,

Engaiolado, de camburão...

Isso depois de sentir qual é,

Passar uns dias no Núcleo de Custódia e na Cpe.

Brasília Periférica! Brasília periférica!  
- Brasília, a nossa Periférica!

Bola pra frente, há muito chão ainda.  
Vamos passar no Parque da Barragem,  
Almécegas Girassol, Águas Lindas.  
Lá a Roger, minha mina, tem até um tia.

Todo dia tenho que estar as 3 em ponto no SIA

Um campo de futebol...

Uma bola...

A molecada brinca!

Rodeador, São José e o Incra

- Que tal curtir em Brasilinha?

É só quebrar por Brazlândia Sobradinho,  
Passar por Planaltina, dar um t...

Na casa de uns chegados, no Vale do Amanhecer.

Trocar ideia com o pessoal lá do Pombal, do Caveral.

Vida longa Thales Código Penal.

O suficiente para haver melhorias... mudança de clima

Na Vila Arapoangas, Rio Preto, Vila Vicentina

Buraco Fundo, 11 A, Tabatinga.

Vila de Fátima, Setor Sul, Garrancho,

Onde os problemas nunca foram tantos!

Mãe chorando, ir mãos se matando.

- Até quando!?

- GOG, vamô nessa?

É só o tempo de me despedir

Com um abraço ao Mestre D'Armas,  
Sarandi, Vila Buritys.

- Já tamo na estrada, vamos passar, então

No Rio, lá no Sansão, do Mutirão,

No R9, Vila do Bode

Um povo sofrido que esbanja arte!

- Exemplos?

Índio e Lelei,

Dois engraxates.

Realmente eu tava a fim de roletar por lá,

Mas, infelizmente, não vai dar,

Marquei às dez horas no Guará.

Onde tenho muita gente amiga.

Pode crê, Gariba, o quarto irmão da família

Obrigado, dona Anísia, pai e mãe

Da Mayara, minha filha!

- Um beijo pra você.

É tão bom lembrar a igreja, o Cave,

Os Magrello's, Os Bira, criatividade palavra chave.

- Quem é das antigas sabe!

Na fita veio o Cruzeiro com o tempo do Pandiá,

Depois bater um rango na Fonte do Bom Paladar,

Curtindo com Sandrão e Tanião,

Ouvindo de longe o batuque

Que na madrugada, rolava no galpão da Aruc.

A Candanga e o Bambam sempre tiveram de tempo bom.

Queen, Fumaça, no salão, soul ao som da Dizzy Som.

Na Metro, na Divinéa altos lazer,

Balanço com a equipe do Léo até o amanhecer.

Rap nacional manda ideia, você decide,

Nascia entre nós a favela do Thaíde,

Um grande irmão!

Casa Grande, Arniqueira, Só Frango,

Bernardo Sayão.

- Sobreviver, nossa missão!

O que falta na elite na periferia tem de sobra:

Solidariedade e humildade a toda hora.

O bê-a-ba da vida é a nossa escola,

E, pode crê, disposição temos de sobra.

Se não passamos pela sua cidade,

Com certeza, ela estará na próxima viagem.

- Periferia, esta foi nossa mensagem!

PREPARE-SE! -1996  
Gravadoras Só Balanço e New Generation



Prepare-se!

Tem mais,tem mais!  
Muito mais pra ouvir.  
Muita coisa louca, pra sua cabeça oca que,  
Por omissão merece a forca.  
O nosso bate-boca é mesmo inevitável.  
Assassinos Sociais, Assassinato sem  
morte Mostram a imundície dos seus atos.

Brasileiros verdadeiros estão do lado  
contrário. Eu, também me declaro  
adversário,  
Falo,falo sério cumpadi:  
- Prepare-se!

Sei quem tem, tem.  
Mas quem não tem quer ter também

Ou você pensou que iria ser tão fácil assim,  
Se livrar de mim?  
Das promessas feitas ao meu povo,  
Enfim... viver às custas da nossa grana,  
mandar os descontentes em canal!  
-Eu não fiz nada disso!  
Ora cale sua boca profana!

Sua moral não resiste a uma fita gravada.  
Seu forte, verbas desviadas, contas  
fantasmas, Acordo na calada!  
Paga alto por acusações abafadas!  
Sua única intenção?  
Aumentar seu império,  
Acesso a privilégios,  
Matricular seus filhos nos melhores  
colégios!

Ponte-aérea com o 1ª mundo,  
Conferências, reuniões,  
Muito papo,  
Muito agito,  
Não se vê soluções.

Assassino em potencial, não usa cano ou  
punhal,  
Nunca deu coronhadas.  
Matou, matou...

Mas nunca estive no local do crime!  
Usou a mao de vários irmãos,  
Manipulados,  
Desinformados,  
Prejudicados por seu cérebro maniaco,  
Marginal diplomado,  
Muito bem, deputado,  
Seu passaporte pro inferno está carimbado  
Aprovado...  
Por aquele que no céu é rejeitado  
- E cujo nome não será citado.

Sei quem tem, tem.  
Mas quem não tem quer ter também  
É... o povo está sempre distante  
das discussões mais importantes.  
Essa poderia ser uma das conversas  
que sempre rolam por aí:  
- Doutor! Doutor! Um minutinho da sua  
atenção,  
Eu poderia falar com o senhor?  
- Oh! Sinto muito,tô muito ocupado agora,  
viu,  
Tô indo pro Congresso. Não dá, não!  
-Tô entendendo! Papo com o povo você  
não quer, né, meu irmão!  
-GOG vamo logo com isso!Apaga logo  
esse bacana!  
- Cabeça fria, Japão, essa luta com atitude,  
a gente ganha!  
Já conseguimos nosso espaço.  
Só nós sabemos como foram difíceis  
os primeiros passos,  
Por nossos traços,  
Por nossas frases,  
Denúncias graves!  
Da periferia vem a força que dará fim a  
esses trastes  
  
Falo,falo sério cumpadi,  
- Pprepare-se!

Razão Para Viver

Mãe! Escuta isso:  
Em todo som que faço, mando ideia pro  
seu filho.  
Brasil pra frente, nosso povo unido.

Digo  
Que atitude não é dedo no gatilho  
E ele insiste em praticar, exatamente, o  
contrário disso.

Ah! Já são 1,2,3,4... discos.  
São 4 anos seguidos,  
E o problema só tem evoluído  
Rixa com antigos amigos, que já avisaram  
Vão correr atrás do prejuízo.

Pintou envolvimento em homicídio  
No depoimento, fala:  
- Disparo acidental...  
Foram 5 tiros!  
Que o indivíduo tinha antecedente criminal  
Até aí, nada consigo ver  
- Hein, cadê motivo?  
É, mãe, o caso do moleque parece missão  
impossível  
Meta inatingível,  
Mas eu não desisto,  
Precisamos dele ao nosso lado  
reintegrado!  
Impressionante como as coisas tem dado  
errado.  
Ele se ligou na lei da rua:  
- Apagar, para não ser apagado!

Se esqueceu que valor de mãe é  
indecifrável  
Usa, abusa,  
Trata como algo descartável  
O coração de mãe suporta, mas sai  
bastante machucado

É, tenho notado...  
Você, volta e meia, está com rosto inchado,  
Corpo arranhado...  
Não precisa nem dizer, eu sei, tem  
apanhado.  
Tentou argumentar, ele não quer diálogo,  
Um estranho no ninho, quer ficar sozinho,  
O tema preferido da fofoca dos vizinhos,  
Papo mesquinho, que, de concreto,  
Não traz nenhuma ajuda.

Mãe,! Oh mãe! Escuta...  
Talvez seja pedir muito, mas vamos juntos  
Eu e você,  
Sem medo da reação,  
Com determinação,  
Independente do que possa acontecer  
Chegar pra ele e dizer  
- Falta em você...  
Razão para viver.

Mãe vem me ajudar! Oh mãe, vem me  
ajudar!  
É, mas, dando certo ou não,

Não vá ficar se culpando.  
Se você errou, não foi tanto  
Ele cresceu sem conhecer o pai, também  
sei,  
Mas você sempre foi um paizão em tanto

Desde o início, gravidez, um sufoco.  
O pai dele só queria seu corpo.  
Correria todo dia pro posto, enjôos,  
ameaças de aborto,  
Uma cesariana que a deixou vários dias de  
cama

E você superou todos esses dramas  
Na mente, um único objetivo:  
Criar seu filho.  
Dar a ele tudo que você nunca havia tido.

Mãe! Ô mãe!  
Isso é amor! Eu tô errado?  
Com sete anos, ele estava matriculado.  
O material escolar, todo ano, era comprado

Tudo bem, bicicleta ele não tinha,  
privilégio de poucos.  
Quando via uma, ficava louco.  
Também a TV, ligada o dia todo,  
oferecendo tudo.  
Gira,gira,gira,gira,gira mundo.

Chegou, então, a adolescência,  
com ela lemas:  
Família tá por fora; amizades, o esquema.  
Por qualquer motivo, esquentá.  
Ficar pra trás é ser prego, problemas!

Barra pesada em casa, coragem pra azarar  
as minas  
Um chegado indica fumo, diz que o que  
vicia é cocaína,  
Lá se vai autoestima,  
E, assim, mais um entrava sem saber  
Que logo não iria ter:  
- Razão para viver!

Mãe, vem me ajudar!Oh mãe, vem me  
ajudar!  
Mãe! A partir daí, ficou complicado.  
Surra, como corretivo, não surtia o efeito  
esperado.  
É com ele o papo fica aí comprovado.  
Índole é algo transmitido, claro.

Mas o toque final é decisão pessoal,  
Ele é o proprietário.  
Deu até mais, adeus á ficha limpa, objetos  
furtados.  
No início, eram canetas, bicicletas; hoje,  
altos carros.

Deu até mais, adeus à ficha limpa, cigarro,  
pigarro.  
No início, dois maços diários, hoje crack,  
dias contados,  
Marca-passo embutido  
Tudo pela vida, a vida por um vício,  
A ambição de ter o mundo nas mãos,  
reduzida a isso!

Mãe! Ô mãe!  
Olhando pro seu filho, nem você acredita  
Que seu fruto se tornou esse produto.  
E, por alguns minutos, vem o desespero.  
Futuro significa, agora, enterro

Você viaja, tenta parar, voltar no tempo,  
corrigir os erros,  
Até hoje, você guarda as roupas,o  
travesseiro,berço,  
Reza todo o terço,  
Roga não perdê-lo em vão,  
Mas resta opção!

Pratique o perdão,  
Transmita a lição.  
Talvez seja pedir muito, mas vamos juntos,  
eu e você,  
Sem medo da reação,  
Com determinação.  
Independente do que possa acontecer,  
Chegar pra quem tá nessa e dizer:  
Mano, falta em você:  
- Razão para viver!

#### Periferia Segue Sangrando

Sete horas em ponto,  
tá no horário do encontro.  
Ligo o rádio e pronto, as notícias não são  
nada boas.  
- Ponto final na vida de várias pessoas!

E o que seria um fim de semana, foi um  
banho de sangue.  
O rabeção não parou um instante.  
A cada depoimento, um arrepio,  
Um pai confirma, ao vivo, é mesmo do seu  
filho,  
Um corpo quase irreconhecível,  
Vítima de uma sessão de tiros  
- Só quem perde sabe!

E eu concluo mano:  
Periferia segue sangrando!  
Hemorragia interna, irmão, matando irmão,  
Favela contra favela,  
- Não acredita? Confira!  
Rap nacional realidade dura! click! clack!  
bum!  
Infelizmente o som das ruas

Mano, periferia segue sangrando,  
Mães chorando, irmãos se matando!  
Mano, periferia segue sangrando,  
E eu pergunto: até quando?

O rádio já tá desligado.  
É dia ensolarado no Riacho  
Eu vou par rua.  
A noite toda foi chuva,  
O vento forte arrancou telhados,  
Derrubou barracos,  
Muita gente não crê no que vê.  
Outros pegam a bíblia pra ler.  
Perdas materiais,  
Incalculáveis reais,  
A enurrada leva a capa de um LP dos  
Racionais!

É hora de reagir, reconstruir, começar de  
novo!  
É onde mora a força do meu povo  
- Ei, véi!  
Moleque de atitude! Chegado! Mano!  
Sangue do meu sangue,  
Sangue bom. Vamos!  
Aposente o cano!  
Periferia segue sangrando!  
GOG pode crê!  
Já cansei de ver a justiça feita com as  
próprias mãos.  
No coração da expansão, lesão,  
Arregaços com pt e oitão!

Futuro aqui é fácil prever,  
Veja o sangue escorrer.  
- Manda ideia pro meu povo G.O.G!  
- Com bala na agulha, quem se mata é  
você!

Mano periferia segue sangrando  
Mãe chorando, irmãoS se matando!  
Mano, periferia segue sangrando,  
E eu pergunto: até quando?

O jogo é jogado, Japão.  
Os inimigos da periferia são  
A burguesia e o alto escalão.  
Só que o nosso time treme na decisão e aí:  
A semente do ódio plantaram aqui.  
Nos impedem de evoluir,  
E o que se colhe são frutos imundos  
- Periferia, pare! respire por alguns  
segundos...

Nosso dia a dia pode ser melhorado.  
Há várias formas de ser respeitado.  
Perdão, para quem quer se perdoado.  
Conviver com adversários, conquistar  
espaços.

Vida longa na periferia  
Responsabilidade...  
Minha...  
Sua...  
Click! clack! click! clack! click! clack! bum!  
Pode deixar de ser o som das ruas!

### É Demais!

E, de repente, o mundo cai sobre minha  
cabeça.  
Arremessando, bem longe várias teorias.  
A tristeza toma conta do espaço da alegria.  
- É, como dói!

Querer sair voado, aposentar o microfone.  
Arregaçar as mangas,  
Agir,  
Passar a ser de fato um homem!

Vinte e dois do oito de noventa e cinco,  
Nasce um novo GOG!  
Enquanto, entre um gole e outro,  
Muitos vão se escondendo  
Tô aprendendo!

Começo a me descobrir.  
Não, meu mundo não é esse aqui.  
O meu é um sonho ainda a construir  
Preciso trabalhar...  
Vem cá!  
Vamos conversar...  
Tô de peito aberto, sem ferro, ferido.  
Se o seu bem é a senha, pode crê, taí  
Sou seu amigo, não para te falar de risos,  
O nosso dia a dia nos reserva muito pouco  
disso.  
Alguns avisos: sobra miséria,  
situação tá séria,  
Canto pro meu povo, e não pra plateia!  
Overdose de atitude na classe média,  
Ou a dose certa para fazê-la enxergar  
Um palmo além da matéria.

Competência, pra subir sem pensar só em  
si,  
E deixar os outros na merda.

- É Japão, tô puto!  
Meu coração de luto  
Não porque alguém morreu,  
Mas porque alguém nasceu, e nunca viveu  
Um ser humano como você e eu.  
Desprezado,  
Desacreditado  
Em tudo aquilo que pensa e faz.  
Condenado pelos ratos que rodam.  
A não ter uma só noite de sono em paz.

É demais! É demais!

Sem orgulho sem respeito sem saúde sem  
paz. É demais!

Ainda tô estranho,  
A cena foi um baque e tanto  
Golpe duro aplicado, o pai desempregado,  
A mãe, aos trinta e três, derrame cerebral.  
Um lado paralisado,  
Meio de locomoção,  
Um carrinho de mão.  
Um dos filhos, cego,  
Erro médico irreversível.  
- Dá pra imaginar?

Meu Deus, tudo junto numa só família!  
Será que existe situação pior?  
Estraçalhados pela vida sem dó,  
Lá vão eles!  
Não sei pra onde!  
Não vivem, não moram, se escondem!

Eles também são brasileiros,  
Só que renegados por inteiro,  
Pra benefícios os últimos  
pra se dar mal os primeiros.

Não falam o português direito  
Assinatura?  
O polegar, sem graça, sem jeito.  
Caneta pra quê?  
Respeito o quê?  
Suas súplicas não surtem efeito,  
Crime sem fiança, olha a criança!  
Cega!  
Sentada no meio fio.  
Podia ser seu filho!

É quase meio dia,  
E o caneco ainda está vazio.  
Se você tem uma moeda você dá,  
É claro!  
Cuidado!

A decisão entre a maior ou menor valor  
Não vem ao caso,  
Mas, com certeza,  
O sentimento do seu ato está sendo  
observado.  
Sem orgulho sem respeito sem saúde sem  
paz. É demais!

Casas, casebres, barracos,  
Vários considerados.  
Transporte precário, a qualquer horário,  
Buracos, remendos no asfalto,  
becos mal iluminados.  
Bêbados jogados, convívio com o vício,  
Sangue frio de cara, ou chapado:  
- Periferia é assim!  
Assim é o Riacho! Quer mais motivos?

Falta de incentivo.  
Esse é o mundo que será herdado pelo  
nosso filhos!  
Eu tô legal, eu tô a pampa,  
Sigo os ensinamentos de seu Genésio  
e dona Sebastiana.  
Valeu pai! valeu mãe!

O telefone toca toda hora  
Piauí, Ceará, Maranhão...  
Brasilzão afora.  
Caras que acreditam na proposta.

Dia a dia da periferia, milhares de cópias  
O que os adversários vão dizer agora?  
Já sei!  
Dão um dez porque não                   conhecem  
você.  
- Chega de tolices!

O maior dos homens disse  
É bom não esquecer:  
Felizes aqueles que não precisam ver  
Para crer.

- É Japão, tô puto!  
Meu coração de luto  
Não porque alguém morreu,  
Mas porque nasceu, e nunca viveu.  
Um ser humano como você e eu.  
Desprezado,  
Desacreditado  
Em tudo aquilo que pensa e faz.  
Condenado,  
Pelos ratos que rodam,  
A não ter uma só noite de sono  
Em paz.  
Concordem comigo amigos!  
É demais!

### DAS TREVAS À LUZ -1998 Gravadora Zâmbia



Matemática na prática  
Do fundão Ceilândia,  
Mais precisamente da Expansão do Setor  
O,  
Onde tiros, tiras, pó,  
Misturados, dão um problema só.  
É de onde veio seu irmão, Japão.

Acreditando que a mente é a mais farta  
munição.  
Reféns da miséria, não.  
Essa sina pro meu povo, não  
Então...

Injustiças, ira, meu sangue sobe.  
Dia a dia esse jogo, não há quem não  
jogue.  
Dino Black, Manomix, toca discos,  
Completando o time meu chegado GOG.

- Haha!  
Acionaram de novo o gatilho,

E o barulho ouvido deixou um pai sem seu  
filho.  
Ou um filho sem pai...  
A ordem dos fatores, aqui tanto faz!

Matemática na prática.  
Subtração feita de forma trágica.  
Onde a divisão é o resultado,  
E a adição são os  
Problemas multiplicados

Conduzindo rumo ao cemitério  
o outro ao submundo,  
Minha voz é forte, sincera.  
Minha casa, minha quebra, considerada  
Riacho Fundo

- GOG, chega aí,  
Sou da CEÍ.,  
- E eu, Riacho Fundo, enfim...  
Todos da periferia juntos  
Moleque, eu disse  
Juntos!



- É sério!  
Todas as noite  
Quando acordo, olho o telhado do barraco,  
E junto as orações que faço,  
Imagino se o futuro fosse hoje, seria  
complicado,  
Muito complicado.

Minha mulher, na beira do fogão, só  
cansaço.  
Meu filho, um moleque sem espaço.  
Eu, a um passo do fracasso,  
Com um salário que,  
Se colocado no papel, ladrão,  
Mal daria a cesta básica e o aluguel  
Causa arrepios.  
Tudo isto é uma cadeia, uma grande teia,  
preparo a fuga  
Sou meu próprio carcereiro e a chave  
Minha conduta!

Caneta e papel na mão, sai o rascunho.  
O raciocínio comanda meu punho.  
Cenas fortes, sem cortes, sou testemunho:  
A matemática na prática  
É sádica!

Reduziu meu povo a um zero á esquerda  
Mais nada.  
Uma equação complicada.  
Onde a igualdade é desprezada!  
A seguir cenas que nada tem haver com  
conto de fadas.

Seu pai faxineiro, lava banheiros.  
Salário mais gorjeta de terceiros.  
De quebra faz um bico, revendendo jogos  
Feito numa lotérica.

Sua mãe, com mais de sessenta,  
Ainda trabalha de doméstica.  
E assim se completa a renda da família  
Dois salários mais gorjeta, bico,  
aposentadoria.  
Somando tudo dá a certeza de lutar por  
melhores dias  
É, sua velha anda cansada,  
A perna inchada, cheia de varizes  
Que dificultam a circulação sanguínea.  
Um braço forte lava, passa

Há mais de quinze anos  
Sem carteira assinada!  
Alegria da criança.  
Cozinha que é uma maravilha  
Na casa do patrão ela é a dona Maria.

Até hoje, esquecem o nome dela.  
E Maria é como eles chamam a maioria.

Uma velha que traz no coração duas  
feridas:  
Um filho aprontão e uma filha trabalhando  
Em um puteiro de quinta categoria.

Periferia é periferia!  
Relatos dramáticos, desejos trágicos,  
Meios violentos, os mais usados.  
E o sonhado cem por cento  
Longe de se atingido.

- Traduzindo. Eu disse traduzindo:  
Ontem, pipocaram seu vizinho,  
Poupavam sua mãe.  
Cena digna de cinema, desafio á lógica,  
O corpo ali, há!

Sua velha sem poder reagir,  
Parecia querer desistir,  
Mas filhos, netos a fizeram prosseguir.  
Já disse.  
V ou repetir:  
Cara, acorda, olha, nosso povo aqui,  
Nessa UTI.

Louco pra sobreviver, precisando de você,  
Hein, cadê você?  
Só bebe, fuma, injeta, não conversa,  
- Qualquer engrisia aperta,  
Apertô, jogô, fechô.  
Pra você tudo certo

A vida do outro na sua mão, um objeto,  
- E aí?  
Mude seu conceito do que é ser  
Esperto.

#### Das trevas à luz

Daqui de onde estou  
Dá pra ver os erros que cometi pra descer.  
Armas... Drogas... Sexo... Sangue...  
Efeito bumerangue.

Vários artigos. Sei que não me livro.  
O meu tempo é pouco, o promotor trabalha  
Todo dia... Dia e noite... Feito louco.  
Contra mim, graças a mim.

Já não tenho apoio. Graças a mim, sim.  
O tempo fechou, eu nunca fiz favor,  
O promotor, na minha vida.  
O bote... O trote... O inverso da sorte.  
O corte que não cicatriza.  
O ferrão que inferniza.

O cadeado no presídio.  
A pilha na hora do homicídio.  
- Click, cleck,  
Aperta!  
Click, cleck,

Acerta!

Falsos artifícios... Baixo meretrício...  
Covardia...  
Para mim sempre foram motios de alegria!

Ouro, carro, mulheres, prazeres, poderes,  
O mal de terceiros, pura e simplesmente  
Por dinheiro.  
E, agora,  
De fora de tudo que é bom,  
De dentro, só ouço o som que implora,  
É! Sou eu no desespero quem chora!

Criança feliz aprendeu a roubar, aprendeu  
a matar!  
- Seu fim vai chegar!

Daqui de dentro, calado,  
Pareço o rei dos derrotados.

O bem traz prazer,  
E o mal me jogou nesse estado.  
Meu veneno destilado  
Foi fel.  
Cada dia, mais longe  
Do céu.

Ouçó, dentro de mim, uma voz estridente  
falar:  
- Há, há! De onde veio, nunca mais vai  
voltar!

No corredor da morte, o primeiro da fila,  
O terror foi meu esporte e agora me  
aniquila

Convulsões... Delírios... Visões de um  
martírio.  
Se o julgamento fosse hoje, prevejo o  
veredicto,  
E, na batida do martelo, o rompimento dos  
elos  
Que sustenta a esperança.

Restariam tristes lembranças.  
Já nasci preso, mas só pela metade...  
A detenção completou-se  
Atrás das grades!

Minha visão, a munição,  
Evoluíram para um prédio frio  
Em construção.

Criança feliz aprendeu a roubar, aprendeu  
a matar!  
- Seu fim vai chegar!

Ontem foi dia de visita.  
Recebi de presente uma bíblia.

Lendo, sem perceber, descobria  
Porque minha vida piorava  
A cada dia.

Respostas tão próximas,  
E eu não enxergava,  
- Não via.  
Nem precisei ler o livro todo, pra entender  
que,  
Pra merecer viver,  
O homem tem que nascer dentro de si,  
De novo!

#### Luto no Congresso

Eram três pretos de favela, agora quatro,  
Cada um uma escola, vê?  
Quatro caras uma proposta,  
- Você entende?

Preste atenção, eu já tô cheio até a tampa.  
O mesmo aluguel, discursos no papel,  
Aparecem, somem, merecem corretivo

Daqui pra frente?  
- Bum!  
- Recesso!  
- Luto no congresso!  
- O povo réu confesso!

Absolvido pela mesa, agiu em legítima  
defesa.  
- Bombardeio!  
- Terrorismo!  
- Rebeldia!  
- Morte aos parasitas da periferia!

Chega, chega basta! Dessa palhaçada  
dessa farsa.  
Mau político pra mim:  
- Tem que morrer! Tem que morrer!

Sou rancoroso e tô nervoso,  
Cheio de razão e de cabeça quente  
Me acalmar  
Não tente.  
Vejo o futuro do Brasil na minha frente.

Surpreendente:  
- Pele escura!  
- Com fome!  
- Sem dente!  
É mesmo O cúmulo!  
Vivo ou morto, morto ou vivo, segue seu  
rumo,  
Rumo ao túmulo.

A trajetória do cortejo foi interrompida:  
Um abraço!  
Um carinho!

Um prato de comida!

Os moleques agora estão nas ruas  
Desafiando cães!  
Sistema!  
Viaturas!  
O revide se aproxima aos poucos,  
Escoriações e hematomas  
Pelo corpo dos traidores será pouco,  
- Pareço um louco?

Chega, chega basta! Dessa palhaçada  
dessa farsa.  
Mau político pra mim:  
- Tem que morrer! Tem que morrer!

GOG saiu na pole,  
Dino Black não aliviou  
E eu também não vou dar mole.

Se você não tem, pode crê, alguém tirou.  
É mentira o papo que você falhou,  
Não foi só isso!

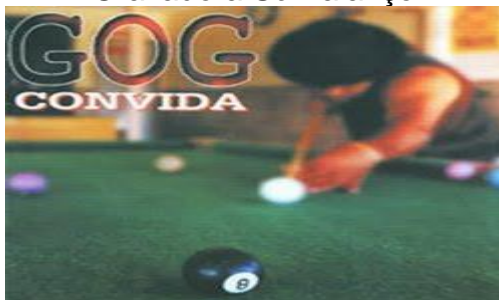
E o incentivo!  
Acesso aos livros!  
Salário digno?  
Hein?

Veja bem, tudo isso eles tem,  
Cavam nossas covas, dizendo amém.

Brasília, Brasil!  
A dois anos do ano 2000,  
Explode a revolta, reviravolta!  
O moleque cheira cola, se recupera  
E lidera a virada do jogo e,  
Num golpe de mestre,  
Decreta o extermínio da peste.

- É!  
Pedidos de desculpas ao povo são  
formalizados,  
Que se vê indenizado e o local de ação  
Dos corruptos, estúpidos...  
É transformado por decreto  
Num banheiro público.

### GOG CONVIDA -1999 Gravadora Só Balanço



### CPI DA FAVELA – 2000 Gravadora Zâmbia



#### Ei, Presidente

Ei presidente,  
Li um dos seus livros,  
Um best seller do socialismo.  
Confissões, relatos sinceros,  
Um defensor da foice e do martelo,

Parecia, só parecia...  
Deixou pra tras a rebeldia,  
Pra assumir de vez, a bandeira  
Da covardia!  
- Não?  
Então, vejamos:

Mal faz trinta anos

Que nos afastam da farda, dos soldados,  
Dos companheiros mortos,  
Dos exilados,  
Dos exumados,  
Queimados vivos  
Queimas de arquivo.  
Dos cemitérios clandestinos.

De um cidadão de nome Honestino.  
Dos atos institucionais, do Brasil nunca  
mais.  
Tortura!  
E você se faz de esquecido.  
Nega a autoria dos seus livros,  
Se alia aos antigos inimigos por  
comodidade.  
Ato cometido na quebrada só,  
Pelos caguetas mais covardes.

Agora é tarde pra você...  
O povo não quer mais te ver.  
Caiu na real, depois do conto do real.  
Tem até alta patente querendo  
antecipar seu funeral,  
Reagir...  
É proibido proibir.  
- Então ouvi aí...

Terra seca, falta d'água  
Talvez por isso guardo tanta mágoa.  
Dia de missa, Deus nos ajude  
E na fazenda ha dos amigos do congresso  
Tem açude.  
Construída com a verba municipio  
destinada

A dor, o sofrimento juntos são uma  
porrada.  
Civis, já foram três.  
Do Jet-ski ao vinho francês.

A nossa diferença vai dar cor  
Ao pensamento,  
Sociólogo nojentol!

Isso acontece porque o presidente,  
Não é gente, não é gente não é gente da  
gente!

Um senhor pediu um troco,  
convidei pra sentar à mesa.  
Disse:  
Pago tudo, menos álcool, cigarro,  
Assim seja.  
Sentou.  
Contou como ingressou no vicio...  
Se emocionou.

Deixou mulher, filhos, veio em busca de  
Emprego digno.

Levantando cedo, e nada, bateu de frente  
Com a cachaça,  
Tem mais de ano que não manda carta.  
Dinheiro nem se fala...

Horário eleitoral anuncia:  
Trabalho, cidadania, crescimento,  
mortalidade em baixa,  
- Eu não tô vendo.  
Tem alto escalão e alta escala  
Se vendendo.  
Ei, presidente,  
Sua popularidade não para de cair.  
Sua assessoria diz que é fase  
Inverte a situação com publicidade.  
Cria alternativas,  
Monta um disfarce.  
- É! Será que dá?

Seu João só conhece o Faustão  
Nunca ouviu falar de rap.  
Pegou a fila do Ratinho pra produção sua  
história  
Era leve. Não comovia.  
- Volta outro dia.

Perto de casa, tem o que o programa  
queria:  
Um velho com oitenta anos,  
Vivendo fora de seus planos.  
Sonhava com aposentadoria,  
O fundo de garantia.  
Governo Collor, tudo retido, menos da  
metade  
Devolvido.

Vive o pesadelo:  
Plaquinha compra ouro,  
Plaquinha de emprego.  
Ele é um dos que você em frente a todo  
mundo  
Chamou de vagabundo.  
- Me explica!?

Na inauguração da globo em São Paulo,  
Você na primeira fila.  
Heliópolis queimou de ponta a ponta,  
Não consolou nenhuma família  
Não se comovou com os prantos  
E socorreu os bancos!

FHC ou THC?  
- Pro meu povo o que é pior?  
Sem você, ano 2000 melhor.

Entregou o que, com suor, se construiu  
aqui  
Aos grupos internacionais  
Ao FMI.  
Não vou mentir, omitir que

Você não é você,  
Você é simplesmente isso:  
É sujo,  
É podre!  
É lixo!

E continua o bombardeio...  
Bela gravata, várias viagens com dinheiro  
alheio,  
Terno engomado,  
Pra agradar aos estrangeiros.

Esposa ao lado, filhos, família,  
Esquema essencial a sua quadrilha,  
Caviar, champagne, jantar de negócios...  
Os traidores da nação  
São quem são seus sócios!  
Aviso aos desavisados  
Estamos bem organizados!

#### É o Terror

É o terror! É o terror!  
Rap Nacional é o terror que chegou!

É o terror!  
Meu estilo,  
Meus planos de guerra!  
Comunidade do morro que não se rende  
À lei da selva.  
Eu sou mais um parceiro desse submundo  
Trazendo à tona notícias,  
Ouçam por alguns segundos!  
Falo do crime, de um povo que sofre,  
Enquanto nas mansões da minoria  
transbordam os cofres.

O burguês discrimina,  
Fala mal de mim, de você, da sua mina,  
Apoia a chacina.  
Desmerece o artista, o ativista,  
Deturpa a entrevista.  
Eu sou plebeu, a decadência e o apogeu.  
No negro escravo, correu sangue meu.  
Meu ancestral sofreu!  
- E o seu?

Aí, político, eu sou a faca,  
Que arranca a sua pele,  
A gaveta gelada, o rabeção do IML,  
A CPI da favela,  
A luta do vinil contra a alienação da novela.

Eu sou o povo, então posso ser o que  
quero.  
Eu sou o baixo salário, o incendiário  
Ou a foice e o martelo.  
Eu sou o barraco de madeira,

A criança que chora por falta da  
mamadeira,

O catador no final da feira,  
O sequestrador sem resgate,  
O tumulto, a discussão e o debate.

O pitbull que devora,  
Era a atração principal do aqui agora.  
Eu sou o trator, o rolo compressor,  
Eu luto pela paz em forma de terror.

Eu vim pra mudar o clima,  
O talento na rima!  
Sai da reta, maluco, eu vou passar por  
cima!

É o terror! É o terror!  
Rap nacional é o terror que chegou!

Aí, sistema,  
- Sou Rap Nacional!  
Linha de frente,  
Trema!

Minha mente, talvez algum mano  
Não entenda.  
Será que algum cientista desvenda esse  
mistério.  
Eu quero urgentemente,  
Eu quero o raio x do meu cérebro.

Eu quero saber por que eu penso  
diferente?  
Quem morre no dia a dia, ladrão,  
É gente dagente!  
O desespero, o sonho, o pesadelo,  
Sangue A!  
O crime está no ar e você é mais um  
herdeiro.

Vou, novamente, me apresentar!  
Sou revolucionária,  
Sonora forma de pensar.  
Eu sou a papelote, a inscrição pra receber  
o lote.  
A bomba que explode um batalhão inteiro,  
A esperança,  
O orgulho do povo brasileiro.

O sangue frio, se pan, o prato vazio,  
O fato verídico,  
A letra que acelera seu batimento cardíaco!

A sede de justiça, o ladrão que não deixa  
pista,  
Aquele que chega...  
E aterroriza!  
Nesse momento eu sou o constrangimento  
Eu sou o detento, mendigo ao relento!  
Eu sou o júri,  
O réu,  
O julgamento!

A absolvição, o fim do seu tormento,  
ladrão.  
E u sou o povo, então posso ser o que  
quero,  
O verme que corrói a madame no  
cemitério,  
Até o osso.  
Trabalhador sem nenhum real no bolso.  
O louco, o normal, revolução mental.  
É o terror,  
Linha de frente,  
Eu sou o Rap Nacional!

É o terror! É o terror!  
Rap nacional é o terror que chegou!

- Eu sei...  
Não sou a Disneylândia.  
Eu sou os becos, as quebradas escuras  
Da Ceilândia.

As ruas, as famílias sem o básico  
O fim, dos fins de semana trágicos.  
Eu sou favela, sou viela.  
- GOG, flagrante, Japão...  
Agora quem manda ideia

Eu sou a cartilha que ensina, o livro que  
liberta  
Ou contamina  
O cadeado aliado, a corrente, o analfabeto  
Que surpreende.  
Trabalhador sem emprego, cidadão que  
levanta  
Todo dia cedo.

Eu sou o crime em pessoa,  
A saída pro moleque que era à toa.  
Eu sou um fruto, descubra meu valor,  
Meu real teor...  
Eu sou o som que apavora  
O Planalto  
Um invasor!  
Mãos ao alto!

Se reagir, você está contra a maioria.  
Periferia, meu compadi, é a maioria.  
Se está do nosso lado, será um vencedor.,  
Mas se for adversário., ladrão, se liga na  
fita.

Com certeza na virada do novo milênio,  
Futuro dos tolos eu aviso.  
Porque serão horas de terror!

#### Mais Uma Estória

Mais uma história será contada,  
G.O.G. quem diz,  
Sem garantia de final feliz,

- Fazer o quê?  
Acreditar em que? Em quem?  
O sol nasce, a lua também.  
Só a chuva não vem.

Sem saída, sem trabalho, sem pão,  
A única opção, rezar pra sobrar vagas no  
caminhão  
Era dia de sorte o sonho divertido,  
Emprego pra ele, pra ela,  
Escola pros quatoze filhos.  
Mas ninguém nem sabia pra onde ia.  
- Rio, São Paulo ou Brasília?  
E o sudeste foi decidido,  
Quando o mais novo contou do Santo  
Cristo.  
Três dias de viagem, nada de chegar,  
O dinheiro, pouco, pra acabar.

E na chegada a decepção, no momento  
Só inscrição.  
Vaga, só de peão ou de chofer ou de  
fogão,  
Depois de rigorosa seleção,

Brutal humilhação,  
Com o que sobrou alugou na favela  
Um barracão.  
Dois meses pagou adiantado, temia o  
futuro  
Reservado.

Analfabeto,  
Primeiras palavras na sala de aula.  
Se falhar lhe aguarda ansiosa uma jaula.  
Cidade grande, casa grande senzala.  
O cheiro do preconceito exala.

Do jeito que o presidente conduz.  
Norte, Nordeste,  
Quem sair por último apague a luz.

Sou revoltado, a burguesia faz jus.  
Droga, policia, revólver,  
Sinal da cruz.

Nasce um homem pobre, seu destino é  
sofrer!  
Nasce um homem pobre, seu destino é  
sofrer!

Hein, barão.  
Faça as contas, multiplique por mil  
O sofrimento que você viu  
No Central do Brasil.  
- Hein, ouviu?  
Pobreza na tela,  
Hollywood aplaudiu.

É, na era do computador,

internauta tem nome e endereço.  
Aqui, moleque é perseguido pela fome  
Desde o berço.

Não suportou... traz o terço.  
O moleque saía, saía, não ouvia  
conselho...  
Só ele e o espelho, faz tempo que não  
vejo.

Na ânsia de realizar seu desejo,  
Vacilou na fit.  
Historia escrita, realidade cruel no dia de  
visita.

Um senhor chega no distrito pra depor  
A queixa contra o seu neto, o agressor.  
Quebrou o barraco inteiro,  
Bang-bang...  
Sangue do mesmo sangue dividido,  
É só o inicio...

É bom começar a rezar, olhar,  
Pro lado, ver, sentir, como o outro está.

Eu sei ,é difícil no luxuoso edifício,  
Uma cadeira de chefe, seu objetivo.  
Mas se eu disser:  
Que não foi feito pra você  
Por melhor que você fizer!

- Não acredita?  
Maldita praga capitalista!  
Ter poder, estar, manter-se  
Em primeiro lugar,  
Já prevejo onde vai terminar...  
É hora de acordar!

Nasce um homem pobre seu destino é  
sofrer!  
Nasce um homem pobre seu destino é  
sofrer!

Faz doze anos que Seu Zé chegou.  
Dois trampos: porteiro, cobrador.  
Treze filhos na escola, o outro se formou.  
Dona Maria boa cozinheira, rainha do  
mocotó na feira.

Criação pra ela melhor maneira  
Meio dia, um alvoroço, todos reunidos pro  
almoço  
A oração, a devoção,  
Ali são reforçados os laços de união.  
Aos presentes diz sorrindo:  
Vai trazer uma irmã, um tio, um primo.

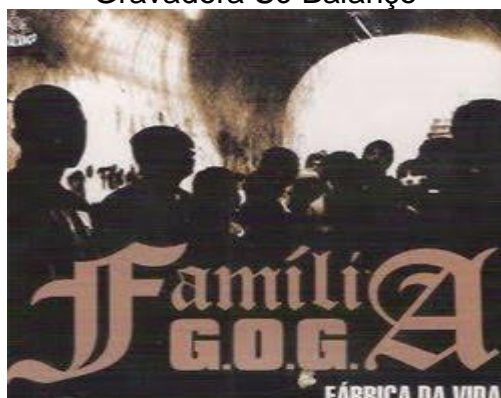
É, meu povo continua resistindo ao destino  
traçado.  
Troféu pra capitão do mato.  
Que bom seria, se cessasse a covardia,  
Mas não,  
O Brasil completa 500 anos de exploração.

Marcas profundas que irrigam o agreste, o  
sertão.  
- Mil reis, soldados, coronéis, Padin Pade  
Cição  
Ilumine seu fiéis.  
Eu sei, tem energia elétrica na ilha do  
Sarney,  
É lei

Mas, no caminho, nas cidades vizinhas,  
Luz, só de lamparina.  
Saga cega nordestina.  
Altas patentes desfrutando dos prazeres,  
Apesar dos pesares...  
Ser enterrado vivo  
Não é novidade!

De fome, sede e cansaço,  
O moleque desmaia!  
Norte, nordeste, dois Brasis  
O da pobreza e o das praias!

## COLETÂNEA FÁBRICA DA VIDA – 2001 Gravadora Só Balanço



TARJAPRETA – 2004  
Gravadora Só Balanço



Tarja preta

Só os marginais, de mentes criminais,  
Poetas urbanos, missionários da paz,  
Que traz no verso compromisso com a  
favela.

Muito respeito e admiração por ela.

Vem comigo,  
Quem é sangue bom, destemido,  
Trabalhador, senhora de idade  
Que procura abrigo.  
Te digo,  
Te digo, só quem é  
Vem comigo.  
Perigo é se desiludir ser depressivo.

Ao vivo,  
Profissão perigo é viver!  
Sinistro,  
Pra não morrer e é ter que correr,  
Polícia versus violência  
É o crime!

Notícia, realidade triste  
Não é filme.

A bíblia nos ensina que Deus purifica a  
alama  
Tenho fé, preciso me livrar do trauma,  
Das vezes  
Que fiquei sem fala, só remorso.  
Das vezes  
Que o empresário me chamou de sócio.

Do boy que me ignora e me aplaude.  
Sem personalidade, capital é fraude,  
Ganância, pra cada óbito um veneno,  
Dinheiro sujo é gás lacrimogênio

É bang, bang!  
Ratatata entre as gangues  
Miséria, degradação escorre sangue,

No meu poema,  
A narração suburbana  
Problema,  
América Latina vive um drama!

Na lama,  
Crianças brincam de superman.  
Às vezes ninguém ama, Deus é mais,  
Amém!  
Largados, abandonados,  
Jogados às traças  
Meninos de rua assassinados, alguém  
Ergue a taça.  
Ah, sai da frente do trator que atropela!  
Na base, na capela!

Tarja preta,  
Nada de receita médica.  
Tarja preta,  
Venda sob prescrição periférica

Bem, bem,  
Político maldito vai também...  
Também tem  
Pra quem desacredita, digo amém  
Vai além,  
A mente humana sem paradeiro  
Um salve,  
América Latina sem paradeiro  
Um salve,  
América Latina e seus guerreiros!

- Só quem é de lá sabe o que acontece.

Direto do centro do Brasil  
Do epicentro!  
Onde o covil se reúne  
Há tempos!  
Distribuindo amarguras, torturas,  
Eis que surgem novos ventos,  
Não é loucura!

Sobrevivente das armadilhas de Brasília,  
Blindado, forjado nas ruas da periferia.



Diplomado nos becos, na selvageria.  
Embalado pelos sonhos de justiça um dia.

- Quem é?

Eu sou Riacho, Candanga,  
Cada quebrada um pouco!  
Quem não é sentiu seis vezes  
O poder do soco!  
Sangue de Angola,  
Negro por herança...  
A fome do Nordeste  
Não matou esta criança

- Sétimo round!  
O sistema beija de novo  
A lona.  
Mesmo destino do boy que tenta ser daqui  
e clona!

Tarja preta!  
Viver no gueto violento!  
Tarja preta!  
Mão na cabeça e documento

A bula da favela mostra a  
Contradição  
Cuidado, precaução com a  
Conservação.  
Princípio ativo, composição de cada  
elemento,  
A ação esperada do  
Medicamento.  
Tarja preta!  
Mantenha ao alcance das crianças.  
Tarja preta!  
Avisos para a sua segurança.

Tarja preta!  
Marca registrada  
Só Balanço.  
Tarja preta!  
Salvando vidas há dez anos

A UTI em vinil resistiu está aí  
Como um açude que insiste em resistir.  
Aborta, aborta, aborta logo este projeto!  
Essas palavras eu ouvia direto

Fui mais forte que a desconfiança.  
Selei um compromisso com a aliança.  
Eu sou cria parida de mãe nordestina...  
Se é Hip Hop, carinho com a  
Forma que rima.

Bem, bem,  
Político maldito vai também...  
Também tem  
Pra quem desacredita, digo amém  
Vai além,

A mente humana sem paradeiro  
Um salve,  
América Latina sem paradeiro  
Um salve,  
América Latina e seus guerreiros!

A palavra que define o estilo da favela  
Contagia, contamina quem tá dentro dela!  
O efeito é forte, o efeito é forte,  
O efeito é forte, o efeito é forte! Jah!

Caribenhos, mexicanos, guatemaltecos,  
Cubanos, hondurenhos, jamaicanos,  
Salvadorenhos, chilenos, colombianos,  
Costa-riquenhos, panamenhos, porto-  
riquenhos.

Nicaraguenses, guianeses, uruguaios,  
paraguaios,  
Equatorianos, venezuelanos, argentinos,  
Peruanos,  
Bolivianos, ei! Todos manos!  
América Latina até La vitória siempre!

É o Crime!  
É o Crime,  
O som batendo forte nos falantes,  
É o Crime!  
Ser consciente na voz arrogante.

Amante das causas das canções que me  
comovem.  
Do rap,  
Do gueto,  
Dos pretos que promovem.  
O crime  
Do raciocínio lógico pro bem.  
O crime  
Da identidade própria também.  
Não sou refém,  
Sou rolo compressor.  
- Sou G. O. G., o gladiador!

Dou mó valor na questão da postura  
Dou mó valor  
Pra quem suporta vida dura.

Quem me conhece sabe o que eu penso,  
O que eu quero.  
Corro atrás, sempre mais,  
Não espero.

Meu nome,  
Meu retrato  
Estampados nas camisas  
Jamais  
Foram relacionados ao mundinho  
Da brisa.

Frisam

As frases de um poeta contundente.  
Reprisam:  
R ap Nacional constantemente.

Na frente,  
Minhas regras, meus conceitos sobre a  
paz.  
Ranjam os dentes,  
Masoquistas, intelectuais.

- Quer mais!?  
Canto o que o playboy mais odeia.  
- Quer mais!?  
Não multiplico o pão na santa ceia

Mas é o crime!  
Viver sobre pressão da repressão.  
É o Crime!  
Saber que não filme esse mundo.

Brutalidade  
É o pior do Supercine.  
Representar as quebradas do Brasil,  
É o crime!

Na disposição. De shure na mão! É o  
crime!  
Na disposição. De shure na mão! É o  
crime!

Buscar sabedoria no poema fortalece.  
Som alucinante até rejuvenesce.  
Rezo a prece,  
Que leva o coração já quase morto.

Alegria  
E alguns momentos de puro conforto.  
Por mais que eu fale, citando momentos do  
dia-a-dia,  
Muitos ainda preferem viver na orgia.  
- Quem diria,  
Três letras que já dizem tudo.  
Quem diria,  
Que o vinil do GOG é um escudo.

Absurdo,  
Pra quem não sabe o limite da potência.  
Ficou surdo,  
Ergueu no máximo, paciência.  
Eu sou remédio  
Que abala a estrutura.  
Eu sou remédio, sem mistério,  
Meus filhos, minha mulher , meu império!

Protesto!  
Justiça lenta, cega, surda e muda...  
Manifesto!  
Nota dez pro mano que estuda.

Criminosos da comunicação...

Minha família segue a trilha,  
Só louco consciente  
Na guerrilha e no combate.

A febre criminosa, eu sou receita,  
Me respeita.  
Meu verso, minha canção, minha seita.  
Credo,  
Hipocrisia, sistema nojento...  
Prego,  
Sem medo, no alta, o pensamento.

Que reflete  
O imenso poder das palavras.  
Que pra burguesia são malditas  
E macabras.

Brutalidade  
É o pior do Supercine  
Representar as quebradas do Brasil,  
Esse é meu crime.

Então reflita,  
Sobre seus conceitos!  
Então reflita  
Sobre seus direitos!

Então reflita...  
Vem jogar no nosso time.  
Então repita:  
Mensagem positiva  
É o crime!

O amor Venceu a Guerra  
É bem mais fácil, falar da dor.  
É bem mais fácil que falar do Amor.  
Da mais ibope, chama atenção!  
Dos parceiros do mundo, né não?

Meu vizinho vacilou, se entregou, não tive  
pena,  
Na sequencia, dependência, choro,  
algemas.  
- Seu refugio?  
O canto do banheiro,  
Na porta, gritaria, mãe, civil, 6 bombeiros.

Nessa hora, realmente, o que se faz mais  
ausente,  
Nessa hora, o melhor se livrar do presente,  
E mirar no futuro, pra se sentir mais  
seguro.  
Procurar uma luz que clareie esse escuro.

Na saída de casa começa o desafio,  
Olhares que condenam, inquisidores no  
cio.  
Eu, de cá, do meu sobrado, ganhando a  
cena.  
Amizade é amizade, esquema é esquema.

Tava aqui em casa, ele quem pediu, quem quis.  
Não fui oferecer, ele colocou o nariz.  
Agora vou dizer, não tenho o mínimo remorso.  
Se ele fosse cabeça, podia até ser sócio.

Veja só o que eu consegui com meu trabalho:  
Casas, joias, conta corrente, carros,  
Nacionais e importados, todos caros,  
Altos sapatos, casacos raros.

O que cansa é o entra e sai constante...  
Cliente que conversa expressa bastante.  
Futrica, pergunta o que não deve.  
Não aguarda, ali mesmo se serve.

Me apresento, sou comerciante,  
Membro da comunidade atuante,  
Homem que amarra dinheiro com barbante,  
Sem receio, odeio o nome traficante.

Pega mal, parece mercado informal,  
Me esforço pra ser um bom profissional.  
Fornecedores, compradores com horário  
na agenda.  
Amizade é amizade, esquema é esquema.

Consegui fugir da fome, saí da miséria.  
Sem precisar usar um caderno 10 matérias.  
E você com esse olhar estranho.  
Pergunta o que é que eu ganho.

- O que é que eu ganho?  
Prestígio, muito fama, sobre a cama mulher  
dama,  
muitos trutas, muita grana, sai do pó, sai  
da lama.  
Nunca perde sempre ganha, sempre bate,  
nunca apanha.

Ninguém chama pro combate,  
Ameaça te estranha.  
Seu nome corre trecho, na quebrada só  
respeito,  
Até seus erros são certos, mandou, falou  
ta feito!

É pouco pra você?  
Parar por quê?  
Quer me convencer?  
O que é que você tem pra oferecer?  
Sou fruto aqui dessa terra...  
O amor versus a guerra!

O amor, o amor versus a guerra!  
O amor, versus a guerra!

É bem mais fácil, guardar rancor.

É bem mais fácil que dizer que perdoou.  
Dá mais ibope, chama a atenção,  
Mas faz mal pro coração, né não?

Esses dias, numa festa na favela, aqui em  
cima.  
Uma dona me olhou, com ódio, tipo quem  
intima.  
A moleca era linda, dormi e acordei com  
aquele olhar.  
Bem cedinho subi o morro, fui me informar.

Uma convidada. mora ali ao lado, vamos  
lá...  
Chegando lá, aquele mesmo olhar.  
Me apresentei, não disse uma palavra.  
Sabe quando parece que você não  
agrada?

Mas que nada, a noite tem balada...  
Varias baladas todas, virando a  
madrugada...  
T em pra fumar, pra cheirar nunca falta.  
Tem quente, tem gelada. segurança, muita  
arma.  
Mas aquela mulher não me saia da  
cabeça...  
vou lá, na casa dela, aconteça o que  
aconteça.  
Bati palmas, ela saiu,  
Na sequência, só acredita, quem viu.

Me tratou mal, me chamou de dito cujo,  
Disse que não se renderia ao meu dinheiro  
sujo.  
Que não estava nos seus planos,  
Um homem que não viveria ate os 30 anos.

Sem pausa, despejou toda sua ira!  
Perguntou se algo como eu respira!  
Fúria no olhar, desprezo, palavras  
cortantes,  
O pior, adiante, me chamou de traficante.  
Sai arrasado, quase bati o carro.  
Bebida, bebida, cigarro, cigarro.

- Eu?  
Apaixonado por uma moradora da favela?  
- Não  
- Além de petulante, vendedora de panela?  
- Que é isso!

A gente constrói os castelos de areia,  
E descobre os erros no frio da cadeia.  
Ate acreditava que fosse sujar e eu cair,  
Mas calculava, tem acerto, eu pago pra  
sair.

Agora aqui, lençol fino, chão gelado,  
Sem dentes, com o rosto deformado.

Todo dolorido, por fora e por dentro,  
Aqui tortura tem o nome de depoimento.

Adivinhe quem me visita no fim de  
semana?  
Quem eu amo sem ter levado pra cama?  
- Quem?  
Domingo passado realizou meu desejo...  
Nosso primeiro beijo.  
Paguei o que devia pra justiça do homem...  
Pro verdadeiro juiz, meu pecado foi ontem.  
Uma geração de dependentes  
foram meus clientes,  
presos, mortos, agonia pros parentes.

Lembrei na hora do meu antigo vizinho.  
Sem contato, 11 anos fora, mas sei o  
caminho.  
Trêmulo, bati palma: - Dona Felicidade!  
Entre, tomei café, me emocionei com  
humildade.

Morei anos aqui e nunca notei isso.  
Vegetei anos aqui, eu era um morto vivo.  
Demorei, mas perguntei pelo Fabio.  
Internado em uma casa de recuperação de  
drogados.

Só não desmoronei. pois já estava  
preparado.  
Diferente, agora me sinto culpado...

A semana toda passei agoniado...  
Lá estava eu, madrugada de sábado.

O encontrei no jardim aguando as plantas.  
Ali mesmo, ensopei minha camisa branca.  
Me senti aliviado, tirei um nó da garganta,

A violência com atitude impensada gera.  
Não sou mais um entre a ganância e a  
capela.

- Ah, o Fabio?  
É gerente, hoje, na fábrica de panela,  
Também e padrinho da minha filha mais  
nova, a Gabriela.

Escapei, estou aqui, e, só pra concluir,  
Relatos como o meu são milhares ai...  
Faço parte de uma historia que nunca se  
encerra.  
E até aqui...

O amor venceu a guerra.

#### Eu e Lenine (A Ponte)

- Eu canto pro rei da levada, na lei da  
embolada,

na língua da percussão...  
- Lenine, mestre e inspiração

Eu já atravessei a ponte do Paraguai.  
Um filme inspirou a Ponte do rio que cai.  
É sucesso em campinas e na voz dos  
Racionais.  
Mas a ponte da capital é demais!

Projetada pra aproximar  
Do centro o São Sebastião, o Lago e o  
Paranoá.  
Desafogaram o tráfego na região  
Visitantes de chegada, nova opção.

Fique ligado, acompanhe passo a passo,  
Condomínios luxuosos de todos os lados.  
O congresso e o planalto colados  
- Aqueles barracos, ali ó, vão ser retirados!

A ponte é luxo, nada é mono, só estéreo,  
Mil e duzentos metros, louco visual aéreo.  
Quem sobe, só pra regular a antena,  
Reforce as pontes-safena.

A ponte começou depois, mas terminou  
Bem antes que as obras do metrô.  
Quem mora fora do avião  
Bate palma, aplaude, apoia, pede diversão.

A ponte é muito, muito iluminada,  
O pôr do sol numa visão privilegiada.  
O povo quer passar, vê nela algo místico...  
A ponte virou ponto turístico!

- Esse lugar é uma maravilha!  
No horizonte, no horizonte

A ponte é um vai e vem de doutor.  
Tem ambulante, tem camelô...  
Olha pra baixo, vê jet-ski e altos barcos;  
Olha pra cima, lá estão os três arcos.

A ponte saiu do papel, virou realidade,  
Novo cartão postal da cidade.  
Um quer transformar ela em patrimônio  
mundial -  
Um outro num inquérito policial.

Então, então, então, na sua opinião,  
Lenine,  
Tá normal ou existe crime?  
Se souber o caminho de rocha, me aponte.  
- Vai na fonte, vai na fonte.

É...a ponte simboliza união...  
No nosso caso, Brasília e o sertão.  
- A ponte não é de concreto,  
Não é de ferro, não é de cimento...  
- É do vermelho, é do azul,

É de cada elemento

Leva o nome de JK,  
Que transferiu a capital do litoral pra cá.  
Ah, Lenine, te peço mais um favor!

- Diz aí...

Cante a origem deste preto que se  
apresentou

- Nagô, nagô, na Golden Gate...

- Esse lugar é uma maravilha!

No horizonte, no horizonte

- Quem foi?

O projeto é do arquiteto Alexandre Chan.

- Comprasse, pagasse?

Todas as contas foram aprovadas pelo  
TCU.

- Me diz quanto foi?

164 milhões de reais!

É...bota fé...

#### Periferia ao vivo

Moleque um momento, ainda há tempo,  
Se conserta.

Moleque um momento, fique atento ouça  
O alerta.

As notícias da favela não são nada  
animadoras.

A guerra todo dia mais cruel  
Devastadora.

Moleque problemático ameaça a  
professora

Neguinho de cavaco tira a preta,  
Paga pau pra loura.

De vassoura e avental, lá vai ela,  
Um ser humano, não um animal com sela!

Cancela o contrato assinado com o boy.  
Um empregado desprezado, um  
espantalho.

Dói!

A morte lenta a duzentos e quarenta  
A morte lenta abafada pelo penta.

Só direitos pra eles e deveres pra nós.  
Muita fartura pra eles, migalhas pra nós.

- o álcool?

Destruição, pior das drogas!

- O alvo?

É você, vê se acorda!

A favela, a quebrada, a pátria amada quer  
você.

Sou um rapper,  
Minha missão na oração te convencer.

Liberte a mão, vem comigo...

Sou abrigo, um amigo, incentivo,  
Instrumento.

Periferias do Brasil, por que não cem por  
cento?

Somos redutos do talento.

Periferia, ao vivo,

Eu ouço gritos!

Periferia vive um amontoado

De aflitos!

Famintos de quê? Por quê

- Cê sabe?

Perrê, deprê, não lê.

Se salve!

Sem tela, sem cela, sem grade.

A consciência se aproxima da realidade

Só direitos pra eles e deveres pra nós

Muita fartura pra eles, migalhas pra nós.

Faustão...

Televisão também é droga.

Ação

Senão revolução acaba em moda.

Perifeira, ao vivo, eu ouço gritos!

A sensação é de tensão, eu ouço gritos!

Só direitos pra eles e deveres pra nós,

Muita fartura pra eles, migalhas pra nós!

Viúva negra, BID, FMI

Faz aliança.

Depois da tempestade,

A bonança.

Na sequência da bonança,

Tempestade.

Multas, juro, sangue da sociedade.

Destruição da nação nos quatro cantos.

Teve aviso, tá nos livros,

Leia Milton Santos.

Quanto mais milionários,

Mais mendigos!

Quanto mais sonhos de consumo,

Mais bandidos!

Mulheres estéreis, sem ovários

Contaminadas nos aterros sanitários.

As sementes do amanhã não vão

Ser colhidas.

As sementes do amanhã

São vidas!

Só direitos pra eles e deveres pra nós.

Muita fartura pra eles, migalhas pra nós.

Vulcão em erupção é o

Hip Hop.

Ladrão!

Vem se alistar no nosso

Choque.

- Extra! Extra!  
Sou comparsa do DJ e vice-versa.  
Com o sistema sem acerto sem conversa.  
- Testa, testa,  
Manda o convite,  
Adoro tratar mal esta elite.

Que se saboreia e escandaliza  
Enquanto a humanidade agoniza.  
Periferia, ao vivo,  
Eu ouço gritos!  
Periferia, mais que nunca,  
Estamos vivos!

Sou G.O.G., QG, revolução,  
Cê sabe!  
Informação, irmão, evitará  
O massacre!  
Quero o brulho agudo ensurdecador  
Vem comigo só quem é  
Gladiador

Só direitos pra eles e deveres pra nós.  
Muita fartura pra eles, migalhas pra nós.  
Os fracos, unidos herdarão  
A terra.  
Os falsos, punidos, não farão  
Mais guerra.

#### Sonhos Latinos

Cego é quem pensa que o protesto  
acabou,  
Que a voz se calou, que o pilar desabou.  
Os alicerces foram sequer abalados,  
Mais de trinta passados, estão mais  
reforçados.

Vejam só, instalaram minas  
Na intenção de reduzir o mito a ruínas.  
Entre achados e perdidos escritos, livros,  
Glórias!  
A foto mais reproduzida da história

Sonhos, divinos, latinos, união,  
Astecas, incas, maias, civilização  
Criatividade, berço da humanidade  
Cria, leia, é verdade!

Um conteúdo louco, de tudo um pouco,  
Ódio, amor,  
Um desembarque no sufoco.  
A África tem por ele grande respeito.  
O rio Congo o recebeu em seu leito.

Então, grite bem alto pra você ouvir:  
Sonhos ninguém pode destruir!  
E sim transformá-los, nunca apagá-los,  
Realizá-los!  
Isso faz sorrir.  
A voz se eterniza aos trinta e nove.

Quem mata não te cala, te promove.  
- Hein, cê quer o quê? cê quer o quê?  
G.O.G canta Che!

Soy loco por ti, América! Loco por ti, amore  
Soy loco por ti, América! Loco por ti, amoré

Visual extravagante, nunca imaginavam  
Que ele encarnaria o que muitos  
buscavam.  
Uma América Latina pros latinos,  
Que não se curvasse diante dos cretinos.

A camiseta estampa um olhar no horizonte  
Como se ao longe avistasse a ponte  
Que nos levaria a essa outra vida  
Por avistá-la sangrou na Bolívia

Esconderam seu corpo, mas não seus  
ideais, jamais!  
Uma forma diferente de buscar a paz  
Corra atrás, acredite!  
Seja duro se é confronto, não evite!

Então, grite bem alto pra você ouvir:  
- Sonhos ninguém pode destruir!  
E sim transformá-los, nunca apagá-los,  
Realizá-los!  
Isso faz sorrir.

Viagens de motocicleta,  
Pablo Neruda, a leitura predileta.  
Um ministro com um jeito antes nunca  
visto,  
E as diferenças não se resumiram a isso.

Deixou mulher, filhas, foi ensinar a viver,  
Difícil descrever, entender o por quê?  
Cê quer o quê, cê quer o quê?  
G.O.G canta Che!

Soy loco por ti, América! Loco por ti, amore !  
Soy loco por ti, América! Loco por ti, amoré!

Em sessenta e dois estive aqui  
Aquele que teria lutado ao lado de Zumbi.  
Um gigante, admirador de Ghandi,  
De Mandela, de Madre Tereza e Dante.

A pobreza do espírito humano quer o poder  
Só pelo poder, pra se sentir o ser.  
Age com desconfiança quando surge uma  
liderança,  
Que põe o povo na balança e jura  
vingança.

Não se cansa e só descansa quando  
alcança  
A certeza que mais um corpo cai.  
O choro incontrolável da criança

Que chama em vão a nome do pai, aí vai.

Ditaduras torturam com artefatos...  
Mães impunham o futuro em seus braços.  
Passam seus traços a diante.  
Isso acontece neste instante.

Grite bem alto pra você ouvir:  
- Sonhos ninguém pode destruir!  
E sim transformá-los, nunca apagá-los  
Realizá-los!  
Isso faz sorrir.

Essa letra, me orgulho de dizer, eu fiz,  
Mistura de tristeza com final feliz...  
Cê quer o quê, cê quer o quê?  
G.O. cantou Che

### América Sem Reféns

Já orou, olhou pro céu, agradeceu a Deus?  
já pensou se, hoje, um erro você cometeu?  
Já agradeceu seu pai, sua mãe pelo amor?  
Já eliminou do coração todo rancor?

Cumpriu sua missão!  
Criou calo nas mãos?  
Já teve na marmita só arroz, ovo e feijão?  
Daria a sua vida por seu filho, por sua  
filha?  
Se mantém distante do álcool, da  
quadrilha?

Então você tem tudo pra vencer!  
Ser alguém na vida, um discípulo de Che!  
Exemplo vivo de rocha de atitude!  
Vei, você anima quem se desilude!

Traz inspiração, mostra o caminho.  
A diferença entre a rosa e o espinho!  
Latinos como você,  
America sem reféns...  
Vei, você está de parabéns!

Tem a consciência que pouca imagina  
Que a America de cima tira e abomina?  
Sabe que Quito é a capital do Equador?  
Que, para nós, a ditadura não passou?

Que muita gente de valor luto, sangrou!  
Sabia que o livro de história não contou?  
Que isso se passou, você era menor de  
idade,  
Ou ainda nem era nascido  
E já pensavam em sua felicidade!  
ir , vir. andar pela cidade...  
Isso é liberdade!  
O mínimo direito de um cidadão  
Que tudo isso não é brincadeira não.

Que o caos atual

Desequilíbrio da nação.  
Tudo isso é em razão da falsa abolição?  
Então você sabe que o estudo é o escudo?  
Contra o opressor,  
Vei, isso é tudo!

Então você tem tudo pra vencer!  
Ser alguém na vida, um discípulo de Che!  
Exemplo vivo de rocha e de atitude!  
Vei, você anima quem se desiludi!

Traz inspiração, mostra o caminho!  
A diferença entre a rosa e o espinho!  
Latinos como você América sem reféns!  
Vei, você está de parabéns!

- Tem que saber curtir, tem que saber  
lidar...

- Seja sincero, quando eu perguntar.  
Já deixou algum irmão falando, deu  
mancada?  
Se iludiu com dinheiro fácil e com balada?  
Já sumiu da quebra e deixou conta sem  
pagar?  
Já pediu cigarro na porta do bar?

Já jogou no palco altas latinhas de cerveja?  
Já levou moeda recolhida na igreja?  
Já vaiou alguém que a maioria aplaude?  
Despreza, joga fora as verdadeiras  
amizades?

Já perdeu a postura?já mexeu com droga?  
Se encantou com moda?Lá pro meio dia,  
acorda?  
Concorda com o ditado achado não é  
roubado?  
Tá com razão ficar calado?  
Ri do parceiro de cabelo trançado?  
Da dona com o cabelo crespo e  
encaracolado?  
Se sente melhor que os favelados?  
Acha que eles devem ser eliminados?

Respeita quem trabalha com rodo e  
vassoura?  
Já reprovou por falta?Tiro a professora?  
Então você sabe que o estudo é o escudo,  
Contra o opressor isso é tudo!

Então você tem tudo pra vencer!  
Ser alguém na vida, um discípulo de Che!  
Exemplo vivo de rocha e de atitude!  
Vei, você anima quem se desiludi!

Traz inspiração, mostra o caminho!  
A diferença entre a rosa e o espinho!  
Latinos como você América sem reféns!  
Vei, você está de parabéns!  
Postura impecável! Discurso nervoso!

Mais tem algo errado, sério e misterioso  
Entre a sua fala, o que eu vejo e ouço!  
Ou eu tô louco, ou você é mentiroso!

#### Talvez Seja Querer Demais

Tem saúde, pai e mãe, uma vida boa, e  
vive reclamando... Diz que vai entrar pro  
crime,,,  
Talvez seja querer demais...

Mas antes vem comigo, visite os asilos...  
Conheça mães que jorram veneno pelos  
mamilos.  
Na cama, o drama dos parceiros  
paraplégicos,  
Demora, operação, erros médicos...

Visite as crianças portadoras de leucemia,  
Pacientes com a dor corroendo os ossos  
dia a dia.  
Seja útil, não fuja, aceite o desafio,  
Profissão, tensão, a vida por um fio.

Esteja presente aos enterros, aos  
velórios...  
A aflição dos irmãos, da mãe, dos órfãos.  
Vá ao IML assistir um corpo ser  
autopsiado.  
Veja o rosto, preste atenção na feição,  
conte os buracos.

Esteja presente a alguém sendo  
reanimado.  
Descargas elétricas, choques, familiar  
desesperado.  
veja quanto sangue, um coração sendo  
operado.  
Pense sem maldade, quanto disso evitad?.

Visite um centro de reabilitação de  
drogados:  
Crises de abstinência, tremor, maus tratos.  
Quer mudar, abandonar essa nau, o mal  
persegue,  
Quer lutar, mas não dá, o adversário é  
forte,  
Não consegue.

Veja o quanto não somos nada, e muito  
ingênuos.  
Veja o mal, lesão cerebral, segundos sem  
oxigênio.  
Visite os renais crônicos, não funcionam os  
rins,  
pergunte se querem viver, vão dizer que  
sim!

Acompanhe pacientes terminais no último  
suspiro,

E diga, eu posso, vou batalhar, ainda  
respiro.  
Entreviste médicos, enfermeiros, legistas...  
Chegue adiantado na hora das visitas

Várias histórias, coisas pra aprender:  
Um recebeu alta, o outro não vai  
sobreviver.  
Um vai reagir, vai se levantar,  
o outro consumido pela infecção hospitalar.

Visite as creches, as maternidades,  
a Casa do Cantador e outras entidades,  
conheça a ação desenvolvida pela  
Cooperifa.  
Somos mais que Dogg Dog, Dre, Queen  
Latifa.

Porque somos terceiro mundo, sem caviar,  
Sem champanhe, neste submundo.  
Quer entrar pro crime? Vai! Mas, antes,  
Respeite os argumentos desse ignorante.

Olha a América Latina, esse imenso  
arquipélago,  
Sua grande ilha chama-se Brasil  
Onde pequenas porções de riqueza,  
São cercadas por porções de pobreza por  
todos os lados,  
Veja a prova.

Muita gente sonha viver só de glória,  
Carros, luxúria, status, só vitória!  
Olhar pro céu, ver tudo azul sem  
problemas,  
Viver a vida intensamente, sem dilemas

Os ricos são tão pobres que não percebem  
a frieza,  
A triste pobreza em que usufruem  
Suas malditas riquezas.  
Pagam fortunas pra construir modernas  
mansões,  
se divertem em frente aos telões.

Forçados a comer em restaurantes  
fechados,  
Cercados, protegidos por policiais privados,  
Terminam de jantar são obrigados a ir aos  
palácios,  
Sem o prazer de ir ao cinema, ao teatro...

Presenteiam belos carros aos seus filhos,  
Mas não dormem, não dormem tranquilos!  
Portão automático, invento prático dos dias  
atuais,  
pontes elevadiças dos castelos medievais.

No exterior vestindo etiquetas,



E a maior concentração de renda do planeta.  
Chamados de assassinos da candelária,  
Portadores de malária, dengue, verminose e outras pragas!

Porém a maior pobreza dos ricos brasileiros  
Encontra-se em sua incapacidade...  
Primeiro: só pensar em encher seus cofres!  
Segundo: não enxergar a riqueza que há nos pobres.

Se tivessem percebido essa riqueza e libertado  
A terra junto com os escravos,  
Os ricos brasileiros teriam abolido a pobreza,  
Que os acompanha ao redor da riqueza.

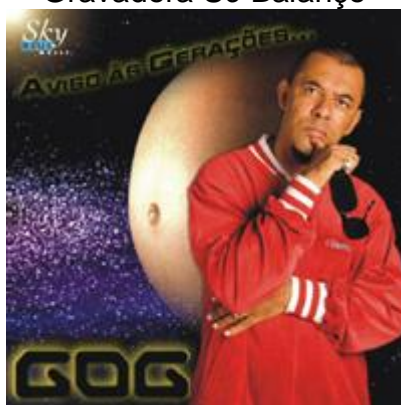
A pobreza de visão dos ricos os fez incapacitados  
De enxergar a riqueza que há nos braços

E no cérebro dos pobres.  
Essa sim, seria uma causa nobre.  
Ganharia, então, o Brasil por inteiro.  
Pobres sairiam da pobreza, os ricos do cativoiro,  
Da insegurança, escassez de paz.  
Talvez Isso seja querer demais.

Que que tem, se outro tem, sem desdém,  
Com trabalho.  
Mas pra elite brasileira, dedo médio apontado.  
As mãos que menos abrem, mais festejam;  
As mãos que menos cultivam, mais apedrejam.

Parados, imobilizados, não daremos  
Um passo a frente,  
Presas fáceis, vítimas do veneno da serpente.  
A vida mostra, sim, facilidades,  
Mas cuidado, melhor viver a realidade!

## AVISO ÀS GERAÇÕES – 2006 Gravadora Só Balanço



Malcolm X Foi à Meca...GOG ao Nordeste  
Eu era um paciente em crise, em fase terminal,  
Um Dom Quixote enfrentando o mundo atual.  
Tinha forças, mas resistiria quanto tempo?  
Parecia acelerado, meu redor andava lento.

Minhas crenças, minhas loucuras,  
minha forma de pensar:  
- GOG é humano, mas nessa não posso falhar!  
E via a festa fúnebre televisiva promovida  
Que dia a dia adia a minha, a sua vida.

Tudo parecia uma carta sem resposta.  
Cada cena que eu gravava.  
- Não! Essa cena corta.  
- Este grupo, aquele grupo, qual que eu lanço?

Tem que ter moral e garra, para entrar na Só Balanço!

Recorri aos livros, artigos, aos textos, á leitura,  
Procurando uma palavra, sinceridade na gravura.

Andei, conversei com vários moradores,  
Artista, ativistas, autores, grandes atores.

Acesso às cadeias, o crime e suas veias,  
O sistema podre impune, tecendo suas teias.  
E prossegui a minha triste caminhada...  
Tudo vejo, não entendo, logo eu não sei de nada!

Golpeado, alienado, furioso e sem resposta...

Descrição do cobrador que bate à sua porta.  
Ele tem! Eu tenho a cor da pelo definida.  
Ele trás, na sua mente, o trauma da mordida

O ódio como herança, embaça o pensamento.

O punho violento, imã que atrai o sofrimento.

Mas esse cobertor não evitava o frio...  
Tudo e todos... mexiam com o meu brio.

Até que uma viagem mudou a minha história  
Relembrada, musicada, o que ficou na memória.  
Cada qual seu teor, seu valor, seu teste:  
Malcolm X foi à Meca e GOG ao Nordeste!

Malcolm X Foi à Meca...GOG ao Nordeste!  
Malcolm X Foi à Meca...GOG ao Nordeste!

Vagou por subempregos, drogas,  
morou na prisão,  
A trajetória que queriam os comandantes da nação  
Mas conheceu o que precisava para manter a mente sã,  
Desafiando o Tio Sam, se converteu ao Islã.

Malcolm X expressou a fúria de milhões,  
E nos tempos no seu tempo, reunia multidões.  
Experimentou racismo desde o seu nascimento.  
Revidou e foi chamado de homem violento.

O mais raivoso da América!  
O despertador da negritude periférica.  
Hoje, agora, é hora de ser feliz!  
E negros irados, marchavam por direitos civis.

Contra todos, e qualquer ato hostil, trabalho servil,  
Num país tão racista quanto o Brasil.  
Mas quem dá nome aos porcos é um ser perigoso,  
Principalmente quando o porco é alguém famoso.

Antes de partir para a eternidade,  
Malcolm foi à Meca e voltou trazendo novidades.

Que o demônio não tinha cor branca, nem olhos azuis,  
E que o sistema era quem alimentava o homem de capuz.

Disse: - Estarei com qualquer um, não importa sua cor!  
Desde que queira mudar sua rotina de horror,  
De guerra, que dilacera, impera no planeta.  
O inimigo geralmente usa gravata e caneta.

- Salve-se quem puder!  
Dexter, assim que é...  
Marcha ré no povo é o que o sistema quer.  
De bonde, há anos pelos quatro cantos do interior,  
Mandela brasileiro, é você amigo!

Com letras conscientes, ao título faz jus,  
Num país onde a coca-cola comprou Jesus.  
A notícia é forte, soube no balcão da lanchonete...  
Malcolm X foi à Meca e GOG ao Nordeste.

Malcolm X Foi à Meca...GOG ao Nordeste!  
Malcolm X Foi à Meca...GOG ao Nordeste!

Em cada esquina tem um monstro...  
Em cada beco tem um monstro...  
Em construção, como um prédio inacabado!  
Rebelião, vários estão amotinados!

Nas favelas, nas quebradas, nos presídios,  
Nas escolas, nos seus lares, nos abrigos.  
Eu tenho um sonho, vivo um pesadelo.  
Indecifrável, formulário sem modelo.

Quem acredita, desafia, sempre alcança.  
E enfim, chega ao fim a sede de vingança  
- Nas coisas mais simples uma grande lição.  
Esta frase li no para-choque de um caminhão.

Aconteceu comigo, amigo, algo semelhante,  
Ao ocorrido com um nobre militante:  
Filhos de nordestinos, chegamos à Brasília.  
- Destino?  
Ruas de terra... periferia.

Com o passar do tempo, vieram as conquistas  
Casa melhor, emprego, asfalto na pista.  
-Mas aê!  
A minha melhoria, não significou a dos outros,

Não vou esquecer minhas origens  
e nem deixar meu posto.

Fiz do Rap minha denúncia, dei nome aos  
porcos.  
Provei que a periferia é muito mais  
que amontoar corpos.  
Isso incomodou ao sistema opressor.  
Escrevi Fogo no Pavio e o Arruda me  
ligou...

Infelizmente injustamente, foi eleito  
novamente.  
O povo, realmente, esquece bem  
rapidamente.  
Uma frase dele não me faz parar de refletir.  
Dita após ele mentir... – Eu li.  
O Hip Hop é um trem, luto para ser  
locomotiva,  
4,1 turbinado sou eu,  
GOG na ativa!  
Bateu um baixo astral, quase desisti...  
Um grande desrespeito, muita coisa vi e  
ouvi.

Até que uma viagem me trouxe de volta a  
vida.  
Renasceu da cinzas o bom e velho  
GOG das antigas!  
Com a legião movida pela força de  
vontade,  
Pela sede de mudança e criatividade.

O Brasil de Norte a Sul é força de verdade.  
Música é universal, mas tem que ter  
identidade.  
Você é o que você pensa, não o que você  
veste.  
Malcolm X foi à Meca e GOG ao Nordeste.

#### Quando o pai se vai

Ele partiu e no seu lugar ficou o vazio.  
Me lembro bem o dia, nem se despediu,  
Brigou, falou, sem pensar e saiu,  
Foi melhor, nunca o vi tão hostil.

Meu sobrinho me disse que ouviu  
Ele perguntar - Lá no bar!  
O supletivo... pra que serviu?  
Cinco anos desempregado, vivendo de bico  
É mais triste que o pênalti perdido do Zico.

Vou deixar essas ideias de lado,  
Vida é vida não é campeonato,  
Mas, na real, vou te confessar,  
Pensei que ia voltar...  
Cansei de esperar!

E em desespero, eu andava em círculo.  
E o natural veio de capítulo em capítulo.

Num cubículo, minha mãe, meus irmãos e  
eu,  
Sem água, comida, energia, no breu.

Num sofrimento sem par,  
Hoje almocei, mas não sei se eu vou jantar,  
Por mim? Consigo aguentar!  
Mas minha mãe não consegue mais  
amamentar

E me vem na mente, meu pai em coma  
alcoólica!  
Desperto da viagem com o nenê sentindo  
cólica.  
- E agora? O que faço eu?  
Promessa pra São Judas Tadeu? Eu?  
Eu vou na casa daquela dona da  
parabólica,  
Tirei a pipa da antena ela ficou eufórica.  
Quem sabe me ajuda ou conhece alguém  
Pra dar um remédio pra crise do neném.

Acho que ela não está!  
- E agora  
Como é que eu vou fazer pra voltar?  
Um rápido sorriso me vem no rosto,  
Rindo de mim mesmo de dar gosto.  
Vim resolver um e arrumei outro problema.  
Pior, duas horas a pé, que cena!  
O lado bom é que vai dar pra refletir um  
pouco.  
Ralei atrás de trampo esses dias feito  
louco.

Fui até em lugar que não era necessário.  
Fui humilhado pelo empresário.  
E do bolso gastei meu último troco,  
Pra ouvir ele gritar até ficar rouco:

- Sem qualificação, não tem produtividade!  
Primeiro grau é diploma de imbecilidade!  
Segundo grau perdeu a validade.  
- Tem que ter faculdade!

Esses cara falando, quase me arrasa,  
Mas, do jeito que dá, sustento minha casa.  
Não sei porque não respondi na mesma  
tonalidade:  
Ninguém se qualifica sem primeira  
oportunidade!

Que o requisito principal é honestidade,  
Que chegaria a qualidade, que tenho  
necessidade.  
Esses cara, financiado pelo pai,  
Chama a segurança e grita: sai!

Foi melhor eu ter me controlado...  
Já pensou eu sair de lá algemado?  
Mato minha mãe de desgosto,

Não quero ver minha velha tomando soro  
no posto.

É umas fita que a gente passa e que nunca  
imagina  
Só sei que, necessidade não é sina.  
Vou falar igual ao Zé, emprego eu escolho.  
Chegando em casa, vou botar os pés de  
molho.

Mas que nada, amanhã tudo vai se  
resolver.

De novo o choro agudo do bebê,  
E de novo a deprê bate a ficha cai...  
Quando o pai se vai...

Como vou deixar você...

Se eu te amo!  
- Como vou deixar!

Do outro lado, no outro extremo da cidade,  
História inversa é realidade.  
A de um pai que honrou sua paternidade,  
E que criou seus filhos mesmo com  
adversidades.

Tempestades não faltaram, na sua vida...  
Quatro crianças pequenas, perdeu a patroa  
querida.

Colesterol elevado, pressão muito alta.  
E na farmácia do SUS, o remédio sempre  
em falta.

Juntou-se a fome com a vontade de comer,  
Assistiu o filme que eu não queria ver.  
Heroicamente, não se entregou à bebida,  
Mantendo a cabeça sempre erguida.

Enfrentou a saudade, o desemprego,  
Por seus quatro moleques tem um apego!  
Evitando o trágico, disse não ao tráfico  
E, no tráfego, trafegou, testando seu ego.

Calça suja, camisa furada e chinelo.  
Trabalhava do vermelho ao amarelo.  
Chocolates, frutas, água mineral,  
A senhora apavorada avançou o sinal.

Sobe a bolsa de valores vários pontos!  
Some a bolsa com valores da madame, ela  
ao prantos,  
Todo dia uma batalha sei o fato gerador:  
Não se encerra essa guerra, oprimido e  
opressor.

Sai de casas antes do sol raiar.  
- Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar!  
- Final de semana pra ele era sagrado:  
Não ia pro farol, não lavava um carro.

Era dedicado à casa e aos filhos,

Dever de casa, manter os moleques nos  
trilhos.

Cada um tinha uma obrigação,  
Levantar, dobrar cobertas, nada de lixo no  
chão.

Ele se irritava, profundamente,  
Com pai que faz filho e nega lá na frente.  
Com pai, que não paga PA,  
Com o argumento que a mãe irá gastar.

Com batom, com salão,  
Fazendo compras sem precisão.  
Altas desculpas, pra não manter o  
compromisso.  
Pra ele, os filhos não tem nada haver com  
isso

Pensou em se casar, mas não arrumou  
ninguém  
Que tratasse seus filhos bem.  
Da forma que ele realmente queria.  
E fez um voto que viúvo continuaria.

Acredita que a educação é necessária.  
Apresentou pra eles a Biblioteca  
comunitária,  
Que ficava bem perto da sua moradia,  
Um lugar que, sozinha, a criança ia.

Não deixava ouvir rap, mas, observador,  
Passou a prestar atenção nas letras e  
liberou.

Dizia sempre que a leitura,  
Faz a pessoa mais inteligente e com  
cultura.

Foi vendo a criação dessas crianças  
Que passei novamente a ter esperanças  
Numa geração em que poucos acreditam,  
E que muitos, impiedosamente, criticam.  
Isso me faz crer, que o hip hop precisa  
dizer

Que muito pai faz por merecer  
Que o filho contrai muita doença  
Com a sua ausência, sem sua presença.

Quero transmitir, em primeira mão, a  
notícia  
Que, mais que repressão e polícia,  
Toda geração precisa de incentivo, senão  
cai.  
É triste ver quando o pai se vai...

Como vou deixar você...  
Se eu te amo!  
- Como vou deixar!

Todo respeito ao seu Genésio Gonçalves  
Batista,  
meu pai,

Um grande pai!

### Eu sou

Tape, Toca-disco, rádio Am, Fm  
Vontade extrema é meu lema,  
- O barraco treme!  
Volume máximo, caixa, bumbo, casa no compasso...  
A levada surpreende,  
É o que os parceiros acham.

Criação, informação marcam o novo poema.  
Denúncia, diversão, concentração total no tema.  
A palavra que acerta como uma flecha, esta por vir,  
Tarefa do letrista é seguir a pista,  
Descobrir.

Um detetive que vive, pesquisa, um Sherlock  
Descobre o sampler ideal, já no primeiro toque.  
Walk talk sempre ligado, antenado, em sintonia.  
Acabou a carga, saca, traz no bolso a bateria.

Mais lenha na fogueira, percussão de primeira,  
Baixo tocado, violão de nylon, swingueira.  
É como um parto, não pode ser forçado,  
Antecipado,  
Atrasado...  
Nasce natural,  
Então, irmão, cuidado.

Sucesso nas quebradas, foi feliz nas palavras,  
Comunitárias tocam, bailes também aprovam...  
Carros descem, sobem, ao som do batidão...  
E de coração, todos sabem de cor a canção.

Que eu escrevi, e onde descrevi  
Alegrias e dificuldades que vivi.  
Pra por na rua o som que você se identifica  
- Favela sou você e agora você grita!

- Quem é pelo Brasil? Eu sou!
- Quem é a maioria? Eu sou!
- Sempre pelo certo? Eu sou!
- Sempre pela vida? Eu sou!
- Quem é periferia? Eu sou!
- Mais um na multidão? Eu sou!
- Por um mundo mais humano? Eu sou!
- Movidos pela paz? Eu sou!

O tempo passa, passa o tempo, o tempo inteiro.  
O tic-tac marca, seu parceiro é o ponteiro.  
E o relógio da vida edita erros e acertos.  
E se quebrar o aparelho não tem mais conserto.

Falo em parábola, cantando o dia a dia.  
Respeito é eterno, sucesso é euforia.  
Sempre presente, ideias novas no pente.  
Não é preciso estar na frente, mas ser diferente.

Hip Hop é mais que treta, caneta, bombeta,  
Jaqueta, escopeta, lupa preta, letra perfeita,  
A receita... Recruta da gruta para a luta um petardo potente  
franco atirador, rimador, você me entende?

Então frequente a escola da sabedoria  
Sempre em harmonia com seu texto,  
com seu dia-a-dia, chefia.  
O DJ é sensível, um arquivo vivo.  
Sabe o caminho das pedras, o atrativo.

O beat que pulsa, bate, para mixar melhor parte,  
É ele que abre com chave de ouro o baile.  
Anuncia em primeira mão um novo estouro.  
Reforça o coro, hit novo no seu criadouro.  
Sempre pelo certo, para somar, multiplica.  
Você escreve, ele esquentando, aumenta, amplifica.  
Estica o frevo, até mais tarde ver o sol raiar.  
O desafio nos motiva a música no ar!

### Carta a Mãe África

É preciso ter pés firmes no chão.  
Sentir as forças vindas dos céus, da missão...  
Dos seios da mãe África e do coração.  
É hora de escrever entre a razão e a emoção.

Mãe! Aqui crescemos subnutridos de amor.  
A distância de ti, o doloroso chicote do feitor...  
Nos tornou algo nunca imaginável,  
imprevisível,  
E isso nos trouxe um desconforto horrível!

As trancas, as correntes, a prisão do corpo outrora...  
Evoluíram para a prisão da mente agora.  
Ser preto é moda, concorda?  
Mas só no visual. Continua caso raro ascensão social.

Tudo igual, só que de maneira diferente,  
A trapaça mudou de cara, segue  
impunemente.  
As senzalas são as antessalas das  
delegacias  
Corredores lotados por seus filhos e  
filhas...

Hum! Verdadeiras ilhas, grandes  
naufrágios,  
A falsa abolição fez vários estragos.  
Fez acreditarem em racismo ao contrário.  
Num cenário de estações rumo ao calvário.

Heróis brancos, destruidores de quilombos  
Usurpadores de sonhos, seguem  
reinando...  
Mesmo separado de ti pelo Atlântico  
Minha trilha são seus românticos cantos.

Mãe! Me imagino arrancado dos seus  
braços  
Que não me viu nascer, nem meus  
primeiros passos.  
Um esboço! É o que tenho na mente do  
teu rosto...  
Por aqui de ti falam muito pouco.

E penso... Qual foi o erro cometido?  
Por que fizeram com a gente isso?  
O plano fica claro... É o nosso sumiço  
O que querem os partidários, os visionários  
disso...

Eis a questão...  
A maioria da população tem guetofobia,  
Anomalia sem vacinação.  
E o pior, a triste constatação:  
Muitos irmãos patrocinam o vilão...

De várias formas oportunistas, sem  
perceber,  
Pelo alimento, fome, sede de poder!  
E o que menos querem ser e parecer...  
Alguém que lembre, no visual, você.

A carne mais barata do mercado é a negra,  
A carne mais marcada pelo Estado é a  
negra

Os tiros ouvidos aqui vêm de todos os  
lados,  
Mas não se pode seguir, aqui agachado.  
É por instinto que levanto o sangue Banto-  
Nagô...  
E em meio ao bombardeio, ainda  
reconheço quem sou, e vou...

Mesmo ferido, ao front, ao combate,

E em meio à fumaça, sigo sem nenhum  
disfarce.  
Pois minha face delata ao mundo o que  
quero:  
Voltar para casa, viver meus dias sem  
terno.

- Eterno! É o tempo atual, na moral,  
No mural vendem uma democracia racial.  
E os pretos, os negros, afrodescendentes...  
Passaram a ser obedientes, afro-  
convenientes.

Nos jornais, entrevistas nas revistas  
Alguns de nós, quando expõem seus  
pontos de vista,  
Tentam ser pacíficos, cordiais, amorosos...  
E eu penso como os dias tem sido  
dolorosos!

E rancorosos, maldosos muitos são,  
Quando falamos numa mínima reparação:  
Ações afirmativas, inclusão, cotas?!  
O opressor ameaça recalçar as botas...

Nos mergulharam numa grande confusão:  
Racismo não existe, e sim uma social  
exclusão.  
Mas sei fazer bem a diferenciação:  
Sofro pela cor, pelo padrão e o padrão!

- E a miscigenação?  
Tema polêmico no gueto,  
Relação do branco, do índio com preto.  
Fator que atrasou ainda mais a autoestima:  
Tem cabelo liso, mas olha o nariz da  
menina!

O espelho na favela após a novela é o divã,  
Onde o parceiro sonha em ser galã.  
Onde a garota viaja...  
Quer ser atriz em vez de meretriz...  
Onde a lágrima corre como num chafariz.  
- Quem diz!

Que este povo foi um dia unido,  
E que um plano o trouxe  
Pra um lugar desconhecido.

Hoje amado (Ah! muito amado..),  
São mais de quinhentos anos.  
Criamos nossos laços, reescrevemos  
sonhos.

Mãe! Sou fruto do seu sangue, das suas  
entranhas  
O sistema me marcou, mas não me  
arrebanha  
O predador errou quando pensou que o  
amor estanca

Amo e sou amado no exílio por uma mãe  
branca!

Cavalo sem dono selvagem!

Cavalo sem dono, selvagem, não aceita  
rédeas.

Tenho minhas leis, minhas próprias regras.  
Como um corcel negro, destilo o meu dote,  
Atento às mudanças, concentrado no meu  
trote.

Em meio à selva bruta, sigo em disparada,  
Árvores centenárias, na beira da estrada  
Não suportaram o vento, sobrou a carcaça  
Cavalo sem dono, selvagem,  
O domador não laça.

Aperto o passo, no compasso, falo do que  
faço...  
Pontos altos, baixo, a rota eu quem traço.  
Trilhas tortuosas, terrenos baldios,  
Contra a correnteza, ho!  
Atravessando rios.

Não usa cangalha o gigante andaluz.  
Passeia livremente, ele mesmo se conduz.  
Pela natureza me sinto contemplado  
Mas não estou livre, sou alvo de atentados.

Fui quase abatido, era fogo amigo.

Recuperando só, levanto e prossigo.  
Tentaram me comprar, com palavras e  
presentes.  
Caíram a quilômetros,  
Meu coice é potente!

Convidaram pro banquete, rasguei o  
convite  
Cavalo da favela, não se envolve com a  
elite.  
Segue seu galope o puro sangue gueto,  
Marcha vivo, leva a vida,  
Vive do seu jeito.

Cavalo sem dono, selvagem, não aceita  
rédeas.  
Tenho minhas leis, minhas próprias regras.  
Cavalo sem dono selvagem não aceita  
rédeas  
É o seu maestro, rege sua orquestra.

Cavalo sem dono, selvagem, quando é  
domado,  
Manso quer descanso, ideal pra ser  
montado.  
Aceito no rodeio, coloca logo o freio,  
Aperta a barrigueira, o rabicho, põe arreio.

Calça a ferradura, tem rédea,  
Teme espora...  
Cavalo manso marchador  
Não se joga fora.  
O montador amarra o cabresto lá no poste,  
Trocando pernas, poucas horas,  
Isso se der sorte.

Olhar é limitado, sem visual de lado,  
Balançando, abanando as moscas com o  
rabo.  
O lado inteligente totalmente atrofiado,  
O chip implantado gerou um cérebro  
amputado.

Flashes do passado, fugir é arriscado,  
À base de capim e milho é alimentado.  
Ao chicote do patrão, está sempre  
obediente.  
Resta só o corpo do que era antigamente.

Já frequentou o haras, tinha pedigree,  
Hoje puxa carroça, pra'qui e pra'li.  
Anos de trabalho, sempre dedicado,  
Doente, velho, cego ele foi sacrificado.

Avante marchadores de todas chapadas,  
Agastem-se das baias, ocupem suas raias.  
O maior tesouro, o bom cavalo sabe,  
Nunca venda nem empreste a sua  
liberdade.

CARTÃO POSTAL BOMBA – 2007  
Gravadora Só Balanço



Momento Seguinte

O teste é forte, o sangue jorra, escorre e ferve.

Delírios aos 40 graus de febre.

A sede aperta,

- Merda!

Não posso beber nada.

Sinto a vista escurecer,

Já não consigo me mover.

A tendência agora é o corpo amolecer,  
Pra depois, endurecer de vez!

Pesadelo, derradeiro, agonia.

A sete dias da própria missa de sétimo dia.

A fé uma vasilha vazia

D a cabeça aos pés, hemorragia

- Quem diria, eu reincidente calejado,  
Várias passagens porte ilegal, quadrilhas  
de assalto

Aqui esticado!

Mirei! Errei! Acabei sendo o alvo.

T odo ódio veio em dobro pro meu lado,  
E o pior, me pegou despreparado.

Preciso ficar calmo,

um chegado foi buscar um carro.

- Quem sabe, véi, não seja tarde...

E eu chegue ainda vivo a UTI do hospital  
de Base.

Macas!

Choques!

Tubos!

Lençóis ensanguentados!

O raio x revela

Um dos pulmões foi perfurado.

Um saldo nada positivo, viu?

Premeditei meu homicídio!

Minhas ideias, meu gatilho, meus motivos

Fazem de mim, há muito tempo, um morto  
vivo.

Choros, pedidos de socorro

nada disso me comoveu...

Só que o sangue que jorra agora é o meu!

O teste é forte é! O teste é forte é!

O teste é forte o sangue jorra, escorre,  
ferve!

Cirurgia com sucesso, vida salva.

V árias balas pelo corpo, se movendo.

As cicatrizes dos 300 pontos, só o tempo.

- Nem o tempo.

Recuperação dos movimentos,

fisioterapia todo dia,

Cedo , cedo, todo dia.

- Vida normal de novo?

Nenhuma garantia

Sem grana, sem emprego,

Ao meu lado... ao meu lado só minha  
família.

A mesma que eu inconsequente, destruí.

Visitas de chegados,

Alguns botando pilha,

Dizendo que fui vítima de uma armadilha,

Mais eu sei...

Minha arapuca, eu armei.

Minha cova, eu cavei.

E, por pouco, não me enterrei de vez.

Dois anos e seis meses de cadeira de

rodas,

Aprovado e reprovado em duras provas.



Muito castigo pra pagar, por mais que o cara peque  
Nada animadoras, as previsões do Sara Kubitschek  
É mesmo forte, quase intransponível o teste.

Em meio á dependência,  
Sangue!  
Urina!  
Fezes!

O teste é forte é! O teste é forte é!  
O teste é forte o sangue jorra, escorre,  
ferve!

O impossível, para muitos ,acontece...  
As pernas dão sinal, agora mexem.  
Mesmo atrofiadas, data e hora, foram anotadas  
Na agenda à caneta.  
Seis meses se vão e lá vão as cadeiras,  
muletas.

Estava faminto, agia com instinto.  
Não fumava!  
Não bebia!  
- Careta.

Nada difícil descolar uma escopeta,  
Minha presa tava de vacilo, armei um bote,  
Senhor da situação, eu era, novamente,  
Instrumento do anjo da morte.  
Na hora "h" lembrei dos pontos, da recuperação, dos cortes!

Do banho dado pelo meu irmão mais novo,  
Da minha mãe ao lado o tempo todo,  
Dando-me total apoio!

- Será que assim que se resolve?  
Papudão? P avilhão Nove?  
- Não, GOG!

Nem cheguei a engatilhar, a dar o golpe,  
Não escapei por sorte.  
Não nadei tanto pra morrer na praia,  
Quem quer que seja se apoderando de mim,  
nesse momento, saia!

Pra esse sentimento de vingança,  
- vaias!

Que viva assim a vida!  
E que morra, dentro de cada um de nós, o homicida,  
Quem sabe assim se cale os refrões antes cantados,  
Os papéis aqui interpretados

E que seja dado espaço aos sonhos  
De Roberto Carlos!

### Fogo no Pavio

Amanheceu e as paradas lotadas,  
O mesmo gado, já não tão novo,  
E suas marcas, o calor, a multidão,  
A fila pra pegar a condução.

A escravidão, as chibatadas levadas na senzala  
Se mantém vivas todo dia no quarto e sala.  
Amorçado por horas em frente à televisão,  
Efeito bem pior que o da radiação.

- País infeliz, bombardeado pela alegria,  
Tom Zé define assim, expressando sabedoria!  
Vou lhe fazer uma confissão,  
Um desabafo,  
Às vezes sinto vontade de jogar tudo pro alto.

Mas que nada! Não vou me entregar as armas  
Vou à guerra!  
- Quem sabe faz a hora não espera...  
FHC, Joaquim Silvério dos Reis dos dias atuais,  
Traidor da nação,  
um dólar a mais.

Caixa dois até a boca, dignidade Pouca.  
Impune, à solta, merece a força.  
Vendeu a própria alma, sem trauma,  
Difícilmente esse o salmo salva.

Poesia, verso, rima, prosa...  
Envenenado pelos livros,  
Em Nome da Rosa...  
Infância proibida, país infanticida,  
Cinquenta e sete mil se vão na primeira semana de vida.

Fábrica de anjos, a marmita do pai é o laudo,  
Somado ao saneamento básico, confira o saldo:  
Brasil pecado, realidade trágica,  
Estômagos vazios à espera de cestas básicas.

·  
Salário mínimo, atentado, incentivo ao crime maluco!  
Congresso, Planalto, assaltam  
Dividem o lucro.  
Xadrez, de vez, para esses canalhas!

Ou que ardam nas fornalhas,  
pagando por suas falhas!

Revolucionários do Brasil! Fogo no pavio!  
Fogo no pavio!  
Fogo no pavio! Fogo no pavio!  
Revolucionários do Brasil! Fogo no pavio!  
Fogo no pavio!  
Fogo no pavio! Fogo no pavio!

O pé inchado,  
mãos calejadas,  
Já pegou pesado na enxada,  
A prostituta odiada sonha ver a filha  
formada.

Povo nas ruas é dinamite,  
campo minado, exigindo vinte de novembro  
feriado!  
Zumbi, o herói dos libertários,  
Guerreiro daqui!  
DMN "H. Aço é necessário ouvir!  
Ler Ferréz, Sérgio Vaz, e quem sabe se  
libertar  
das algemas da carne!

Fábrica da vida,  
motor que trabalha vinte e quatro horas  
por dia.  
Nó na garganta, lembranças, álbuns, fatos,  
fotos,  
Fotografias. Combustíveis altamente  
inflamáveis pra mim?  
Caros Amigos, Princípios, Pasquim.

Eu vi a célula mãe se multiplicar...  
Eu vejo o câncer querendo se instalar...  
Nas artérias tenho o sangue da indignação.

G.O .G.! G.O .G! G.O .G! O QG da  
Revolução...

Querem fazer do Brasil e da América  
Latina  
uma latrina! Segue assim a diária chacina!  
Espancamentos, processos lentos sem  
punição.  
Um seriado sem fim, uma ficção.

O capitalismo puro é isso, o feto dejetado no  
lixo,  
Negociação com o patrão por um salário  
fixo.  
Fio condutor, o torturador é o gravata,  
Que, no dia da eleição, te transporta de  
graça.

Embalsamados pelo manto da desordem,  
Se dizem líderes de uma geração...  
Até no travesseiro recebem ordens,  
Chega, basta, não!...  
Surge o embrião!

O trem da vida prepara a partida  
E está bem vazio...  
A burguesia que valoriza a carne perderá o  
espírito...  
Xadrez, de vez, para esses canalhas!  
Ou que ardam nas fornalhas,  
Pagando por suas falhas!

## PARTICIPAÇÕES EM COLETÂNEAS COM MÚSICAS INÉDITAS



*Na mira da sociedade* - com a música “Momento seguinte”.  
*Escadinha fazendo justiça com as próprias mãos* – com a música “Um simples José”.

DJ Raffa: 20 anos de Hip Hop – com a música “Guerrilha GOG”.

## PARTICIPAÇÕES:



*DVD 100% Favela* – Ano: 2006 Gravadora Atração  
Local: Favela Godoy – Capão Redondo São Paulo  
Histórico: Convidado por Ferréz, GOG participa do DVD organizado pelo grupo Negrodo que coordena o projeto Periferia Ativa.  
Faixas: “É o crime” e o “Amor venceu a guerra”  
*Natiruts - Nossa Missão* - Ano 2005 - Gravadora: Independente  
Histórico: A banda de reggae mais popular de Brasília convida GOG para participação no cd dela.  
Faixa: “Quem Planta o Preconceito?”.

*Acústico MTV Lenine* - Ano: 2006 - Local: Auditório Ibirapuera-SP  
Histórico: Após ouvir a faixa “Eu e Lenine (A Ponte)”, Lenine convida GOG para participar do Acústico MTV- Lenine.  
Faixa: A Ponte